

GEORGE R.R. MARTIN

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO SETE

O FESTIM DOS CORVOS



TRADUÇÃO DE JORGE CANDEIAS



*Para Stephen Boucher
feiticeiro do Windows, dragão do DOS
sem o qual este livro teria sido
escrito a lápis*

PRÓLOGO

— Dragões — disse Mollander. Pegou numa maçã estragada que estava no chão e fê-la saltar de mão em mão.

— Atira a maçã — pediu Alleras, o Esfinge. Puxou uma seta da aljava e prendeu-a na corda do arco.

— Eu gostava de ver um dragão. — Roone era o mais novo do grupo, um rapaz atarracado ainda a dois anos de se fazer homem. — Gostava mesmo muito.

E eu gostava de dormir com os braços da Rosey à minha volta, pensou Pate. Mexeu-se inquieto no banco. De manhã a rapariga podia bem ser sua. Vou levá-la para longe de Vilavelha, para o outro lado do mar estreito até uma das Cidades Livres. Lá não havia mestres, não existia ninguém que o acusasse.

Ouvia as gargalhadas de Emma, vindas de uma janela de portadas fechadas, por cima da sua cabeça, misturadas com a voz mais profunda do homem que estava a receber. Era a mais velha das mulheres que serviam no Pena e Caneca, tinha pelo menos quarenta anos, mas ainda era bonita ao seu jeito carnudo. Rosey era sua filha, com quinze anos e acabada de florir. Emma decretara que a virgindade de Rosey custaria um dragão de ouro. Pate poupou nove veados de prata e um cântaro de estrelas e dinheiros de cobre, mas isso de nada lhe serviria. Teria tido mais hipóteses de trazer ao mundo um dragão verdadeiro do que de poupar moedas suficientes para uma de ouro.

— Nasceste tarde demais para dragões, moço — disse a Roone Armen, o Acólito. Armen usava uma tira de couro em volta do pescoço, amarrada com elos de peltre, estanho, chumbo e cobre, e tal como a maioria dos acólitos parecia pensar que os noviços tinham nabos a crescer entre os ombros no lugar das cabeças. — O último pereceu durante o reinado do Rei Aegon Terceiro.

— O último dragão em *Westeros* — insistiu Mollander.

— Atira a maçã — voltou a pedir Alleras. Era um jovem bem-parecido, aquele Esfinge. Todas as criadas tinham um fraco por ele. Até Rosey lhe tocava por vezes no braço quando lhes trazia vinho, e Pate tinha de ranger os dentes e fingir não ver.

— O último dragão em *Westeros* foi o último dragão — disse Armen com teimosia. — Isso é bem sabido.

— A maçã — disse Alleras. — A menos que queiras comê-la.

— Toma lá. — Arrastando a perna de pau, Mollander deu um curto salto, rodopiou e arremessou horizontalmente a maçã para as névoas que pairavam sobre o Vinhomel. Se não fosse o pé, teria sido um cavaleiro como o pai. Tinha a força necessária naqueles braços grossos e ombros largos. A maçã voou para longe e lesta...

... mas não tão lesta como a seta que assobiou no seu encaço, um metro de haste de madeira dourada com penas escarlates. Pate não viu a seta atingir a maçã, mas ouviu-a. Um *tchunc* suave ecoou por sobre o rio, seguido por um esparrinhar de água.

Mollander assobiou.

— Mesmo em cheio. Boa.

Nem de perto tão boa como Rosey. Pate adorava os seus olhos cor de avelã e os seus seios em botão, e o modo como ela sorria sempre que o via. Adorava as covinhas no seu rosto. Ela por vezes andava descalça enquanto servia, para sentir a erva sob os pés. Também adorava isso. Adorava o cheiro limpo e fresco que ela exalava, o modo como o cabelo se lhe curvava sob as orelhas. Até adorava os seus dedos dos pés. Uma noite deixara-o esfregar-lhe os pés e brincar com eles, e ele inventara uma história divertida para cada dedo, a fim de a pôr aos risinhos.

Talvez fizesse melhor em permanecer deste lado do mar estreito. Podia comprar um burro com o dinheiro que poupava, e ele e Rosey podiam montá-lo por turnos enquanto vagueavam por Westeros. Ebrose podia não o achar merecedor da prata, mas Pate sabia como endireitar um osso e curar uma febre com sanguessugas. O povo ficaria grato pela sua ajuda. Se conseguisse aprender a cortar cabelo e a fazer barbas, podia mesmo tornar-se barbeiro. *Isso seria o bastante*, disse a si próprio, *desde que tivesse a Rosey.* A Rosey era tudo o que desejava no mundo.

Nem sempre fora assim. Em tempos sonhara em ser um mestre num castelo, ao serviço de um qualquer senhor generoso que o honrasse pela sua sabedoria e lhe concedesse um belo cavalo branco a fim de lhe agradecer pelos seus serviços. E quão alto o montaria, quão nobremente, concedendo sorrisos aos plebeus quando passasse por eles na estrada...

Uma noite na sala comum do Pena e Caneca, após a segunda caneca de uma cidra terrivelmente forte, Pate gabara-se de que não seria noviço para sempre.

— É bem verdade — gritara o Leo Preguiçoso. — Vais ser um antigo noviço, a criar porcos.

Deixou a seco as borras na caneca. A varanda iluminada a archote do Pena e Caneca era naquela manhã uma ilha de luz num mar de névoa. A jusante, o distante sinal luminoso da Torralta flutuava no relento da noite

como uma lua alaranjada e brumosa, mas a luz pouco fez para lhe melhorar o estado de espírito.

O alquimista já devia ter chegado por esta hora. Teria sido tudo alguma partida cruel, ou teria algo acontecido ao homem? Não seria a primeira vez que a fortuna cobria Pate de amargura. Uma vez achara-se afortunado por ter sido escolhido para ajudar o velho Arquimeistre Walgrave com os corvos, sem sonhar que em breve estaria também a ir buscar as refeições do homem, a varrer os seus aposentos e a vesti-lo todas as manhãs. Todos diziam que Walgrave esquecera mais da criação de corvos do que a maior parte dos mestres chegavam a saber, portanto Pate assumira que um elo negro de ferro era o mínimo que poderia esperar, mas acabara por descobrir que Walgrave não lho poderia dar. O velho continuava a ser arquimeistre apenas por cortesia. Por maior que tivesse sido como mestre, agora o mais frequente era que as suas vestes escondessem roupa interior emporcalhada, e meio ano antes um grupo de acólitos tinha-o encontrado a chorar na Biblioteca, sem ser capaz de encontrar o caminho de regresso aos seus aposentos. Era o Mestre Gormon que se sentava sob a máscara de ferro no lugar de Walgrave, o mesmo Gormon que um dia acusara Pate de roubo.

Na macieira, junto à água, um rouxinol começou a cantar. Era um som doce, uma pausa bem-vinda nos gritos roucos e no crocitar sem fim dos corvos de que cuidara o dia inteiro. Os corvos brancos conheciam o seu nome, e resmungavam-no uns para os outros sempre que o vislumbravam, “*Pate, Pate, Pate*”, até o deixar a ponto de gritar. As grandes aves brancas eram o orgulho do arquimeistre Walgrave. Desejava que o comessem quando morresse, mas Pate andava meio desconfiado de que também pretendiam comê-lo a ele.

Talvez fosse a cidra terrivelmente forte — não viera para beber, mas Alleras estivera a pagar, para festejar o seu elo de cobre, e a culpa dera-lhe sede — mas quase soava como se o rouxinol estivesse a trinar *ouro por ferro, ouro por ferro, ouro por ferro*. O que era muitíssimo estranho, pois fora isso o que o estranho dissera na noite em que Rosey os juntara.

— Quem sois? — quisera saber Pate, e o homem respondera:

— Um alquimista. Sei transformar ferro em ouro. — E então tinha a moeda na mão, dançando sobre os nós dos dedos, fazendo brilhar o suave ouro amarelo à luz das velas. De um lado tinha um dragão de três cabeças, do outro a cabeça de um qualquer rei morto. *Ouro por ferro*, recordou Pate, *não conseguirás melhor. Deseja-la? Ama-la?*

— Não sou nenhum ladrão — dissera ao homem que se designava por alquimista. — Sou um noviço da Cidadela. — O alquimista inclinara a cabeça e dissera:

— Se reconsiderares, voltarei aqui dentro de três dias, com o meu dragão.

Tinham-se passado três dias. Pate regressara ao Pena e Caneca, ainda incerto do que seria, mas em vez do alquimista encontrara Mollander, Armen e o Esfinge, com Roone a reboque. Teria levantado suspeitas se não se lhes juntasse.

O Pena e Caneca nunca fechava. Havia seiscentos anos que se erguia na sua ilha no Vinhomel, e nem por uma vez tivera as portas fechadas ao negócio. Embora o alto edifício de madeira se inclinasse para sul como os noviços por vezes se inclinavam após beberem uma caneca, Pate supunha que a estalagem continuaria em pé por mais seiscentos anos, vendendo vinho, cerveja e cidra terrivelmente forte a homens do rio e do mar, a ferreiros e cantores, a sacerdotes e príncipes, e aos noviços e acólitos da Cidadela.

— Vilavelha não é o mundo — declarou Mollander, alto demais. Era filho de um cavaleiro, e não poderia estar mais bêbado. Desde que lhe tinham trazido a notícia da morte do pai na Água Negra, embebedava-se quase todas as noites. Até em Vilavelha, longe da refrega e em segurança atrás das suas muralhas, a Guerra dos Cinco Reis tocara-os a todos... embora o Arquimeistre Benedict insistisse que nunca houvera uma guerra de cinco reis, uma vez que Renly Baratheon fora morto antes de Balon Greyjoy se ter coroado.

— O meu pai sempre disse que o mundo era maior do que o castelo de qualquer senhor — prosseguiu Mollander. — Os dragões devem ser a menor das coisas que um homem poderá encontrar em Qarth, Asshai e Yi Ti. Estas histórias dos marinheiros...

— ... são histórias contadas por marinheiros — interrompeu Armen. — *Marinheiros*, meu caro Mollander. Vai lá abaixo às docas, e aposto que hás-de encontrar marinheiros que te falarão das sereias com que dormiram, ou de como passaram um ano na barriga de um peixe.

— Como é que sabes que não passaram? — Mollander bateu os pés pela relva fora, à procura de mais maçãs. — Tinhas de estar tu próprio na barriga para jurar que não passaram. Um marinheiro com uma história, está bem, um homem podia rir-se dela, mas quando remadores vindos de quatro navios diferentes contam a mesma história em quatro línguas diferentes...

— A história *não é* a mesma — insistiu Armen. — Dragões em Asshai, dragões em Qarth, dragões em Meereen, dragões dothraki, dragões a libertar escravos... todos os contos são diferentes uns dos outros.

— Só nos detalhes. — Mollander ficava mais teimoso quando bebia, e até sóbrio era obstinado. — Todos falam de *dragões*, e de uma bela jovem rainha.

O único dragão que interessava a Pate era feito de ouro amarelo. Perguntou a si próprio o que teria acontecido ao alquimista. *Ao terceiro dia. Ele disse que estaria aqui.*

— Há outra maçã junto do teu pé — gritou Alleras a Mollander — e eu ainda tenho duas setas na aljava.

— Que se foda a tua aljava. — Mollander apanhou o fruto caído. — Esta tem bicho — protestou, mas atirou-a na mesma. A seta atingiu a maçã quando ela começava a cair e cortou-a ao meio. Uma metade caiu no telhado de um torreão, tombou até um telhado mais baixo, saltou, e não acertou em Armen por meio metro.

— Se cortardes um verme em dois, criareis dois vermes — informou-os o acólito.

— Se ao menos acontecesse o mesmo com as maçãs, nunca ninguém precisaria de passar fome — disse Alleras com um dos seus sorrisos suaves. O Esfinge andava sempre a sorrir, como se conhecesse algum gracejo secreto. Isso dava-lhe um aspecto malicioso que combinava bem com o queixo pontiagudo, com o bico que a linha do cabelo formava a meio da testa, e com o denso matagal de caracóis negros de azeviche cortados curtos.

Alleras chegaria a meistre. Só estava na Cidadela há um ano, mas já forjara três elos da sua corrente de meistre. Armen podia ter mais, mas levaria um ano a ganhar cada um dos seus. Mesmo assim, ele também chegaria a meistre. Roone e Mollander continuavam a ser noviços de pescoço rosado, mas Roone era muito novo e Mollander gostava mais de beber do que de ler.

Mas Pate...

Estava na Cidadela há cinco anos, tendo chegado com não mais de treze, mas o seu pescoço permanecia tão rosado como fora no dia em que viera das terras ocidentais. Julgara-se pronto por duas vezes. Da primeira apresentara-se ao Arquimeistre Vaellyn para demonstrar o seu conhecimento dos céus. Em vez disso ficara a saber como fora que o Vinagre Vaellyn ganhara esse nome. Pate levava dois anos a reunir coragem para voltar a tentar. Dessa vez, submetera-se ao velho e amável Arquimeistre Ebrose, famoso pela sua voz suave e mãos gentis, mas os suspiros de Ebrose revelaram-se tão dolorosos como as farpas de Vaellyn.

— Uma última maçã — prometeu Alleras — e eu conto-vos as minhas suspeitas acerca desses dragões.

— Que poderás tu saber que eu não saiba? — resmungou Mollander. Localizou uma maçã num ramo, saltou, arrancou-a e arremessou-a. Alleras puxou a corda do arco até à orelha, virando-se habilmente para seguir o alvo em voo. Largou a seta precisamente no momento em que a maçã começava a cair.

— Falhas sempre o último tiro — disse Roone.

A maçã mergulhou no rio, intacta.

— Vês? — disse Roone.

— No dia em que acertares todos é o dia em que paras de melhorar.
— Alleras desprendeu a corda do arco e enfiou-o no seu estojo de couro. O arco fora esculpido em amagodouro, uma madeira rara e lendária das Ilhas do Verão. Pate tentara uma vez dobrá-lo, e falhara. *O Esfinge parece franzino, mas há força naqueles braços magros*, reflectiu, enquanto Alleras fazia passar uma perna por sobre o banco e estendia a mão para a taça de vinho. — O dragão tem três cabeças — anunciou, na sua arrastada pronúncia dornesa.

— Isso é um enigma? — quis saber Roone. — Nas histórias, as esfinges falam sempre por enigmas.

— Não é enigma nenhum. — Alleras bebericou do vinho. Os outros emborcavam canecas da cidra terrivelmente forte pela qual o Pena e Canecca era afamado, mas ele preferia os estranhos vinhos doces do país da mãe. Mesmo em Vilavelha, tais vinhos não se obtinham a baixo preço.

Fora o Leo Preguiçoso quem alcunhara Alleras como “o Esfinge”. Uma esfinge é um pouco disto, um pouco daquilo: uma cara humana, o corpo de um leão, as asas de um falcão. Alleras era igual: o pai era dornês, a mãe uma mulher de pele negra das Ilhas do Verão. A sua pele era escura como teca. E, tal como as esfinges de mármore verde que flanqueavam o portão principal da Cidadela, Alleras tinha olhos de ónix.

— Nunca nenhum dragão teve três cabeças, excepto em escudos e bandeiras — disse Armen, o Acólito, com firmeza. — Isso é um símbolo heráldico, nada mais. Além disso, os Targaryen estão todos mortos.

— Nem todos — disse Alleras. — O Rei Pedinte tinha uma irmã.

— Julgava que a cabeça dela tinha sido esmagada contra uma parede — disse Roone.

— Não — disse Alleras. — Foi a cabeça do jovem filho do Príncipe Rhaegar que foi atirada contra uma parede pelos bravos homens do Leão de Lannister. Estamos a falar da irmã de Rhaegar, nascida em Pedra do Dragão antes do castelo cair. Aquela a quem chamaram Daenerys.

— *A Nascida na Tormenta*. Agora lembro-me. — Mollander ergueu bem alto a caneca, agitando a cidra que restava. — A ela! — Emborcou, bateu com a caneca vazia na mesa, arrotou, e limpou a boca com as costas da mão. — Onde está a Rosey? A nossa legítima rainha merece outra rodada de cidra, não vos parece?

Armen, o Acólito, fez uma expressão de alarme.

— Baixa a voz, palerma. Nem devias brincar com essas coisas. Nunca se sabe quem poderá estar a ouvir. A Aranha tem ouvidos por todo o lado.

— Oh, não mijes as bragas, Armen. Estava a propor uma bebida, não uma rebelião.

Pate ouviu um risinho abafado. Uma voz suave e zombeteira gritou atrás dele.

— Sempre soube que tu eras um traidor, Salto de Rã. — O Leo Preguiçoso estava encostado à base da antiga ponte de pranchas, envolto em cetim listado de verde e dourado, com uma meia capa de seda negra presa ao ombro por uma rosa de jade. O vinho que deixara pingar na parte da frente do traje fora um robusto tinto, ajuizando pela cor das manchas. Uma madeixa do seu cabelo louro-cinza caía-lhe por sobre um olho.

Mollander irritou-se ao vê-lo.

— Que se lixe isso. Vai-te embora. Não és bem-vindo aqui. — Alleras pousou-lhe uma mão no braço para o acalmar, enquanto Armen franzia o sobrolho.

— Leo. Senhor. Julgava que estáveis ainda confinado à Cidadela durante...

— ... mais três dias. — O Leo Preguiçoso encolheu os ombros. — O Perestan diz que o mundo tem quarenta mil anos. Mollos diz que tem quinhentos mil. Que são três dias, pergunto-vos? — Embora houvesse uma dúzia de mesas vazias na varanda, Leo sentou-se na deles. — Compra-me uma taça de dourado da Árvore, Salto de Rã, e eu talvez não informe o meu pai sobre o teu brinde. As pedras viraram-se contra mim na Sorte Xadrez, e desperdicei o meu último veado no jantar. Leitão com molho de ameixas, recheado de castanhas e trufas brancas. Um homem tem de comer. O que comestes vós, rapazes?

— Carneiro — resmungou Mollander. Não soava nada satisfeito com isso. — Partilhámos um quarto de carneiro cozido.

— Estou certo de que vos saciou. — Leo virou-se para Alleras. — O filho de um senhor devia ser generoso, Esfinge. Soube que ganhaste o teu elo de cobre. Bebo a isso.

Alleras sorriu-lhe.

— Eu só pago aos amigos. E não sou nenhum filho de senhor, já te tinha dito. A minha mãe era uma mercadora.

Os olhos de Leo eram cor de avelã, brilhantes de vinho e malícia.

— A tua mãe era uma macaca das Ilhas do Verão. Os dorneses fodem qualquer coisa que tenha um buraco entre as pernas. Sem ofensa. Podes ser castanho como uma noz, mas pelo menos tomas banho. Ao contrário do nosso criador de porcos malhado. — Indicou Pate com um aceno de mão.

Se lhe bater na boca com a caneca, podia partir-lhe metade dos dentes, pensou Pate. Pate Malhado, o criador de porcos, era o herói de mil histórias libertinas: um rústico de bom coração e cabeça vazia que conseguia sempre

levar de vencida os fidalgos gordos, os altivos cavaleiros, e os septões pomposos que lhe criavam dificuldades. De algum modo, a sua estupidez revelava ser uma espécie de astúcia rude; as histórias terminavam sempre com o Pate Malhado sentado no cadeirão de um lorde ou a dormir com a filha de um cavaleiro. Mas isso eram as histórias. No mundo real, os criadores de porcos nunca se davam tão bem. Pate por vezes achava que a mãe o devia ter odiado, para lhe dar o nome que dera.

Alleras já não estava a sorrir.

— Vais pedir desculpa.

— Ah vou? — disse Leo. — Como serei capaz de tal, com a garganta tão seca...

— Envergonhas a tua Casa com cada palavra que dizes — disse-lhe Alleras. — Envergonhas a Cidadela por seres um de nós.

— Eu sei. Portanto paga-me um pouco de vinho, para que eu possa afogar a minha vergonha.

Mollander disse:

— Eu gostava de te arrancar a língua pela raiz.

— A sério? Então como é que eu vos contaria sobre os dragões? — Leo voltou a encolher os ombros. — O mestiço tem razão. A filha do Rei Louco está viva, e conseguiu fazer nascer três dragões.

— Três? — disse Roone, espantado.

Leo deu-lhe palmadinhas na mão.

— Mais do que dois e menos do que quatro. Eu se fosse a ti não tentava ganhar o elo dourado por enquanto.

— Deixa-o em paz — avisou Mollander.

— Que Salto de Rã tão cavalheiresco. Como queiras. Todos os homens de todos os navios que velejaram a menos de cem léguas de Qarth estão a falar desses dragões. Alguns até vos dirão que os viram. O Mago está inclinado a crer neles.

Armen apertou os lábios com desaprovação.

— Marwyn é insano. O Arquimeistre Perestan seria o primeiro a dizer-vos isso.

— O Arquimeistre Ryam diz o mesmo — disse Roone.

Leo bocejou.

— O mar é molhado, o sol é quente, e os animais enjaulados odeiam o mastim.

Ele tem um nome trocista para toda a gente, pensou Pate, mas não podia negar que Marwyn se parecia mais com um mastim do que com um meistre. *É como se quisesse morder-nos*. O Mago não era como os outros mestres. Dizia-se que ele se fazia acompanhar de prostitutas e de feiticeiros andantes, que falava com ibbeneses peludos e ilhéus do verão negros como

breu nas suas próprias línguas, e fazia sacrifícios a deuses estranhos nos pequenos templos dos marinheiros que se erguiam junto aos molhes. Os homens falavam de o terem visto na parte esconsa da cidade, em arenas de ratazanas e bordéis negros, na companhia de saltimbancos, cantores, mercenários, até pedintes. Alguns chegavam mesmo a sussurrar que ele uma vez matara um homem com os punhos.

Quando Marwyn regressara a Vilavelha, depois de passar oito anos no leste a mapear terras distantes, em busca de livros perdidos, e a estudar com feiticeiros e umbromantes, o Vinagre Vaellyn apelidara-o de “Marwyn, o Mago”. O nome espalhara-se rapidamente por toda a Vilavelha, para grande aborrecimento de Vaellyn.

— Deixa os feitiços e as preces para os sacerdotes e os septões, e vira a inteligência para a aprendizagem de verdades em que um homem possa confiar — aconselhara o Arquimeistre Ryam uma vez a Pate, mas o anel, bastão e máscara de Ryam eram de ouro amarelo, e a sua corrente de meistre não incluía um elo de aço valiriano.

Armen olhou ao longo do nariz para o Leo Preguiçoso. Tinha o nariz perfeito para isso, longo, estreito e pontiagudo.

— O Arquimeistre Marwyn acredita em muitas coisas curiosas — disse — mas não tem mais provas sobre os dragões do que Mollander. Só tem mais histórias de marinheiro.

— Enganas-te — disse Leo. — Há uma vela de vidro a arder nos aposentos do Mago.

Um silêncio caiu sobre a varanda iluminada por archotes. Armen suspirou e abanou a cabeça. Mollander pôs-se a rir. O Esfinge estudou Leo com os seus grandes olhos negros. Roone pareceu não compreender.

Pate sabia das velas de vidro, embora nunca tivesse visto uma a arder. Eram o segredo mais mal guardado da Cidadela. Dizia-se que tinham sido trazidas de Valíria para Vilavelha mil anos antes da Perdição. Ouvira dizer que havia quatro; uma era verde e três negras, e todas eram altas e retorcidas.

— O que são essas velas de vidro? — perguntou Roone.

Armen, o Acólito, pigarreou.

— Antes de um acólito proferir os seus votos, tem de passar a noite anterior de vigília na cave. Não lhe é permitida lanterna, archote, lâmpada ou círio... só uma vela de obsidiana. Tem de passar a noite na escuridão, a menos que seja capaz de acender essa vela. Alguns tentam. Os tolos e os teimosos, aqueles que estudaram os ditos mistérios superiores. É frequente cortarem os dedos, pois diz-se que as arestas das velas são afiadas como navalhas. Então, com mãos ensanguentadas, têm de esperar a alvorada, cismando sobre o seu falhanço. Homens mais sensatos vão simplesmente

dormir, ou passam a noite em oração, mas todos os anos há sempre alguns que têm de tentar.

— Sim. — Pate ouvira as mesmas histórias. — Mas de que *serve* uma vela que não dá luz?

— É uma lição — disse Armen — a última lição que temos de aprender antes de pormos as nossas correntes de meistre. A vela de vidro pretende representar a verdade e a aprendizagem, coisas raras, belas e frágeis. Tem a forma de uma vela para nos lembrar de que um meistre deve iluminar o lugar em que prestar serviço, e é cortante para nos lembrar de que o conhecimento pode ser perigoso. Os sábios podem tornar-se arrogantes da sua sabedoria, mas um meistre deve permanecer sempre humilde. A vela de vidro lembra-nos também disso. Mesmo depois de ter proferido os votos, colocado a corrente e partido para servir, um meistre recordará a escuridão da sua vigília e lembrar-se-á de que nada do que fizera conseguira fazer com que a vela ardesse... pois mesmo com o conhecimento, algumas coisas não são possíveis.

O Leo Preguiçoso desatou à gargalhada.

— Não são possíveis para ti, queres tu dizer. Eu vi a vela a arder com os meus próprios olhos.

— Vistes *uma* vela a arder, não duvido — disse Armen. — Uma vela de cera negra, talvez.

— Eu sei o que vi. A luz era estranha e brilhante, muito mais brilhante do que a de qualquer vela de cera de abelha ou de sebo. Gerava sombras estranhas e a chama nunca oscilava, nem mesmo quando uma brisa soprou pela porta aberta atrás de mim.

Armen cruzou os braços.

— A obsidiana não arde.

— *Vidro de dragão* — disse Pate. — O povo chama-lhe vidro de dragão. — Não sabia porquê, mas aquilo parecia-lhe importante.

— Pois chama — meditou Alleras, o Esfinge — e se houver de novo dragões no mundo...

— Dragões e coisas mais escuras — disse Leo. — As ovelhas cinzentas fecharam os olhos, mas o mastim vê a verdade. Velhos poderes acordam. Sombras agitam-se. Uma era de maravilha e terror cairá em breve sobre nós, uma era para deuses e heróis. — Espreguiçou-se, exibindo o seu sorriso indolente. — Isto vale uma rodada, julgo eu.

— Já bebemos o suficiente — disse Armen. — A manhã chegará mais depressa do que gostaríamos, e o Arquimeistre Ebrose irá falar sobre as propriedades da urina. Aqueles que tencionam forjar um elo de prata fariam bem em não perder a sua palestra.

— Longe de mim afastar-vos da prova de mijo — disse Leo. — Cá por mim, prefiro o sabor do dourado da Árvore.

— Se a escolha for entre ti e o mijo, eu bebo o mijo. — Mollander afastou-se da mesa. — Vem, Roone.

O Esfinge estendeu a mão para o estojo do arco.

— Para mim também é cama. Imagino que sonharei com dragões e velas de vidro.

— Todos? — Leo encolheu os ombros. — Bem, a Rosey fica. Talvez acorde a nossa pequena doçura e faça dela uma mulher.

Alleras viu a expressão no rosto de Pate.

— Se ele não tem um cobre para uma taça de vinho, não pode ter um dragão para a rapariga.

— Pois — disse Mollander. — Além disso, é preciso ser-se homem para fazer duma rapariga uma mulher. Vem connosco, Pate. O Velho Walgrave há-de acordar quando o sol nascer. Ele vai precisar que o ajudes a ir à latrina.

Se hoje se lembrar de quem sou. O Arquimeistre Walgrave não tinha dificuldade em distinguir os corvos uns dos outros, mas não era tão bom com as pessoas. Havia dias em que parecia pensar que Pate era alguém chamado Cressen.

— Ainda não — disse aos amigos. — Vou ficar por algum tempo. — A alvorada ainda não rompera, não propriamente. O alquimista podia ainda vir, e Pate tencionava estar ali se ele viesse.

— Como queiras — disse Armen. Alleras deitou a Pate um olhar demorado, após o que pendurou o arco num ombro magro e seguiu os outros na direcção da ponte. Mollander estava tão bêbado que tinha de caminhar com uma mão no ombro de Roone para evitar cair. A Cidadela não ficava a uma grande distância em voo de corvo, mas nenhum deles era um corvo, e Vilavelha era um verdadeiro labirinto, cheia de ruelas, vielas entrecruzadas e ruas estreitas e tortuosas.

— Cuidado — ouviu Armen dizer quando as névoas do rio engoliram os quatro — a noite está húmida, e as pedras vão estar escorregadias.

Quando desapareceram, o Leo Preguiçoso observou amargamente Pate por cima da mesa.

— Que tristeza. O Esfinge escapuliu-se com toda a sua prata, abandonando-me ao Pate Malhado, o criador de porcos. — Espreguiçou-se, bocejando. — Como anda a nossa adorável Roseyzinha, diz lá?

— Está a dormir — disse Pate secamente.

— Nua, de certeza. — Leo fez um sorriso. — Achas que ela vale mesmo um dragão? Suponho que um dia tenho de verificar.

Pate sabia que não era boa ideia dar resposta àquilo.

Leo não precisava de resposta.

— Suponho que uma vez que eu rasgue a rapariga, o preço dela

caia de forma que até criadores de porcos consigam pagá-la. Devias agradecer-me.

Devia matar-te, pensou Pate, mas estava longe de se encontrar suficientemente bêbado para deitar a vida fora. Leo recebera treino de armas, e tinha fama de ser mortífero com espada de sicário e punhal. E se Pate de algum modo conseguisse matá-lo, isso custar-lhe-ia também a cabeça. Leo tinha dois nomes, enquanto que Pate não possuía mais do que um, e o segundo era Tyrell. Sor Moryn Tyrell, comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha, era pai de Leo. Mace Tyrell, Senhor de Jardim de Cima e Protector do Sul, era primo de Leo. E o Velho de Vilavelha, o Lorde Leyton da Torralta, que incluía “Protector da Cidadela” entre os seus muitos títulos, era vassalo ajuramentado à Casa Tyrell. *Deixa estar*, disse Pate a si próprio. *Ele diz estas coisas só para me ferir.*

As névoas estavam a iluminar-se a leste. *A alvorada*, compreendeu Pate. *A alvorada chegou, e o alquimista não.* Não sabia se havia de rir ou de chorar. *Ainda serei um ladrão se devolver tudo e ninguém souber de nada?* Era outra pergunta para a qual não tinha resposta, como aquelas que Ebrose e Vaellyn em tempos lhe tinham feito.

Quando se afastou do banco e se pôs em pé, a cidra terrivelmente forte subiu-lhe à cabeça toda ao mesmo tempo. Teve de pousar uma mão na mesa para se equilibrar.

— Deixa a Rosey em paz — disse, em jeito de despedida. — Deixa-a em paz, senão pode ser que te mate.

Leo Tyrell afastou o cabelo do olho num movimento rápido.

— Não travo duelos com criadores de porcos. Vai-te embora.

Pate virou-se e atravessou a varanda. Os seus calcanhares ressoaram nas pranchas desgastadas da velha ponte. Quando chegou ao outro lado, o céu oriental estava a tornar-se rosado. *O mundo é grande*, disse a si próprio. *Se comprasse o tal burro, ainda podia vaguear pelas estradas e atalhos dos Sete Reinos, sangrando o povo e catando-lhe lêndas dos cabelos. Podia oferecer-me num navio qualquer, puxar um remo, e velejar para Qarth, a dos Portões de Jade, para ver esses malditos dragões com os meus próprios olhos. Não tenho de voltar para o velho Walgrave e os corvos.*

Mas sem saber como, os pés levaram-no na direção da Cidadela.

Quando o primeiro raio de sol perfurou as nuvens a leste, os sinos matinais começaram a repicar no Septo do Marinheiro, junto ao porto. O Septo do Senhor juntou-se-lhe um momento mais tarde, seguido pelos Sete Santuários nos seus jardins do outro lado do Vinhomel, e por fim o Septo Estrelado, que fora a sede do Alto Septão durante os mil anos que antecederam o desembarque de Aegon em Porto Real. Faziam uma música poderosa. *Embora não tão doce como um pequeno rouxinol.*

Também ouvia cantos, sob o repique dos sinos. Todas as manhãs, à primeira luz da aurora, os sacerdotes vermelhos reuniam-se para dar as boas-vindas ao sol no exterior do seu modesto templo erguido junto aos molhes. *Pois a noite é escura e cheia de terrores.* Pate ouvira-os gritar aquelas palavras uma centena de vezes, pedindo ao seu deus R'hllor para os proteger da escuridão. Os Sete eram deuses suficientes para ele, mas ouvira dizer que Stannis Baratheon orava agora às fogueiras nocturnas. Até pusera o coração flamejante de R'hllor nos seus estandartes, em vez do veado coroadado. *Se ele conquistar o Trono de Ferro, vamos todos ter de aprender a letra da canção dos sacerdotes vermelhos,* pensou Pate, mas isso não era provável. Tyrion Lannister esmagara Stannis e R'hllor na Água Negra, e em breve acabaria com eles e espetaria a cabeça do pretendente Baratheon num espigão por cima dos portões de Porto Real.

À medida que as névoas da noite se dissipavam, Vilavelha ia tomando forma à sua volta, emergindo fantasmagoricamente das sombras que antecediam a alvorada. Pate nunca vira Porto Real, mas sabia que era uma cidade de taipa, uma extensão de ruas lamacentas, telhados de colmo e telheiros de madeira. Vilavelha era construída em pedra, e todas as suas ruas eram empedradas, até a mais esconsa das vielas. A cidade nunca era tão bela como ao romper da aurora. A oeste do Vinhomel, as sedes das Guildas orlavam a margem como uma fileira de palácios. A montante, as cúpulas e torres da Cidadela erguiam-se de ambos os lados do rio, ligadas por pontes de pedra repletas de casas e edifícios públicos. A jusante, sob as muralhas de mármore negro e janelas arqueadas do Septo Estrelado, as mansões dos piedosos aglomeravam-se como crianças reunidas em torno dos pés de uma velha viúva rica.

E mais para diante, onde o Vinhomel se alargava e mergulhava na Enseada dos Murmúrios, erguia-se a Torralta, com as suas fogueiras de aviso brilhantes contra o fundo da aurora. Desde o local onde ela se erguia no topo das escarpas da Ilha da Batalha, a sua sombra cortava a cidade como uma espada. Os nascidos e criados em Vilavelha sabiam dizer as horas pelo ponto onde a sombra caía. Alguns diziam que do topo da torre se conseguia ver tudo, até à Muralha. Talvez fosse por isso que o Lorde Leyton não descia havia mais de uma década, preferindo governar a sua cidade a partir das nuvens.

A carroça de um açougueiro passou por Pate a tropejar ao longo da estrada do rio, levando cinco leitões que guinchavam numa aflição. Afastando-se do seu caminho, evitou por pouco ser salpicado quando uma mulher esvaziou um balde de dejectos nocturnos de uma janela por cima de si. *Quando for um mestre num castelo terei um cavalo para montar,* pensou. Então tropeçou numa pedra e perguntou a si próprio quem estaria a enga-

nar. Para ele não haveria corrente, não haveria lugar à mesa de honra de um senhor, não haveria nenhum alto cavalo branco para montar. Os seus dias seriam passados a ouvir o *cuorc* dos corvos e a lavar manchas de merda da roupa interior do Arquimeistre Walgrave.

Estava apoiado num joelho, tentando limpar a lama da sua veste quando uma voz disse:

— Bom dia, Pate.

O alquimista estava em pé a seu lado.

Pate ergueu-se.

— O terceiro dia... dissestes que estaríeis no Pena e Caneca.

— Estavas com amigos. Não desejei intrrometer-me na vossa camaradagem. — O alquimista trazia um manto de viajante com capuz, castanho e incaracterístico. O sol nascente espreitava por sobre os telhados atrás do seu ombro, tornando difícil distinguir o rosto dentro do capuz. — Já decidiste o que és?

Será que ele tem de me obrigar a dizê-lo?

— Suponho que sou um ladrão.

— Achei que talvez o fosses.

A parte mais difícil fora pôr-se de gatas para puxar a caixa-forte de debaixo da cama do Arquimeistre Walgrave. Embora a caixa fosse robusta e reforçada com ferro, tinha a fechadura quebrada. O Meistre Gormon suspeitara que fora Pate a quebrá-la, mas isso não era verdade. Fora o próprio Walgrave quem quebrara a fechadura, depois de perder a chave que a abria.

Lá dentro, Pate encontrara um saco de veados de prata, uma madeixa de cabelo amarelo atada com uma fita, uma miniatura pintada de uma mulher que se assemelhava a Walgrave (até no bigode), e uma manopla de cavaleiro feita de aço articulado. A manopla pertencera a um príncipe, segundo Walgrave afirmava, embora já não parecesse ser capaz de recordar qual deles. Quando Pate a sacudira, a chave caíra ao chão.

Se apanhar aquilo, sou um ladrão, lembrava-se de ter pensado. A chave era velha e pesada, feita de ferro negro; supostamente, abria todas as portas da Cidadela. Só os arquimeistres possuíam chaves daquelas. Os outros transportavam as suas consigo ou escondiam-nas nalgum local seguro, mas se Walgrave tivesse escondido a sua, nunca mais ninguém a veria. Pate apanhara a chave e percorrera metade do caminho até à porta antes de voltar para trás para apanhar também a prata. Um ladrão era um ladrão, quer roube muito, quer roube pouco. “*Pate*”, chamara um dos corvos brancos, “*Pate, Pate, Pate*”.

— Tendes o meu dragão? — perguntou ao alquimista.

— Se tu tiveres o que eu quero.

— Dai-mo cá. Quero ver. — Pate não tencionava permitir que o enganassem.

— A estrada do rio não é lugar para isso. Vem.

Não teve tempo de pensar, de pesar as suas hipóteses. O alquimista estava a afastar-se. Pate tinha de o seguir ou perderia tanto Rosey como o dragão, e para sempre. Seguiu-o. Enquanto caminhavam, enfiou a mão na manga. Conseguia sentir a chave, em segurança dentro do bolso escondido que cosera aí. As vestes de mestre tinham bolsos por todo o lado. Pate sabia disso desde rapaz.

Tinha de se apressar para conseguir acompanhar os passos mais longos do alquimista. Desceram por uma viela, viraram uma esquina, atravessaram o antigo Mercado dos Ladrões, percorreram a Ruela do Trapeiro. Por fim, o homem virou para outra viela, mais estreita do que a primeira.

— Já chega — disse Pate. — Não há ninguém à nossa volta. Fá-lo-emos aqui.

— Como queiras.

— Quero o meu dragão.

— Com certeza. — A moeda surgiu. O alquimista fê-la caminhar por sobre os nós dos dedos, como fizera quando Rosey os juntara. À luz da manhã, o dragão cintilava enquanto se movia, e dava aos dedos do alquimista um brilho dourado.

Pate tirou a moeda da mão do outro. O ouro parecia-lhe morno contra a pele da mão. Levou-o à boca e trincou-o, como vira os homens fazer. Em boa verdade, não tinha a certeza de qual era suposto ser o sabor do ouro, mas não queria parecer um tolo.

— A chave? — inquiriu educadamente o alquimista.

Algo levou Pate a hesitar.

— É algum livro que quereis? — Dizia-se que alguns dos velhos pergaminhos valirianos trancados nas caves eram as únicas cópias que sobreviviam no mundo.

— O que eu quero não é da tua conta.

— Não. — *Está feito*, disse Pate a si próprio. *Vai. Corre de volta ao Pena e Caneca, acorda Rosey com um beijo e diz-lhe que te pertence.* Mas ainda se deixou ficar. — Mostrai-me o rosto.

— Como queiras. — O alquimista baixou o capuz.

Era apenas um homem, e o seu rosto era apenas um rosto. Um rosto de jovem, comum, com faces cheias e a sombra de uma barba. Uma ténue cicatriz entrecruzava-se na bochecha direita. Tinha um nariz adunco, e uma densa cabeleira preta que se encaracolava, bem apertada, em volta das orelhas. Não era um rosto que Pate reconhecesse.

— Não vos conheço.

— Nem eu a ti.

— Quem sois?

— Um estranho. Ninguém. A sério.

— Oh. — Pate ficara sem palavras. Puxou da chave e pô-la na mão do estranho, sentindo a cabeça leve, sentindo-se quase com vertigens. *Rosey*, recordou a si próprio. — Então é tudo.

Já tinha percorrido metade da viela quando o empedrado começou a mover-se por baixo dos seus pés. *As pedras estão escorregadias e húmidas*, pensou, mas não era isso. Sentia o coração a martelar no peito.

— Que está a acontecer? — disse. As pernas tinham-se-lhe transformado em água. — Não compreendo.

— E nunca compreenderás — disse uma voz num tom triste.

O empedrado saltou para o beijar. Pate tentou gritar por ajuda, mas a voz também lhe estava a falhar.

O seu último pensamento foi para *Rosey*.

O PROFETA

O profeta estava a afogar homens em Grande Wyk quando lhe vieram dizer que o rei estava morto.

Era uma manhã ventosa e fria, e o mar mostrava o mesmo tom plúmbeo do céu. Os primeiros três homens tinham oferecido sem temor as suas vidas ao Deus Afogado, mas o quarto era fraco na fé e começou a debater-se quando os pulmões gritaram por ar. Mergulhado até à cintura na rebentação, Aeron segurou o rapaz nu pelos ombros e empurrou-lhe a cabeça para baixo quando ele tentou inspirar um pouco de ar.

— Tem coragem — disse. — Viemos do mar, e ao mar temos de regressar. Abre a boca e bebe profundamente a bênção de deus. Enche os pulmões de água, para que possas morrer e renascer. Lutar não adianta nada.

Ou o rapaz não o conseguia ouvir com a cabeça submersa nas ondas, ou a fé tinha-o abandonado por completo. Desatou a espernear e a sacudir-se com tamanha violência que Aeron teve de pedir ajuda. Quatro dos seus afogados entraram na água para segurar o desgraçado e mantê-lo submerso.

— Senhor Deus que te afogaste por nós — orou o sacerdote, numa voz profunda como o mar — permite que Emmond, teu servo, renasça do mar, tal como tu. Abençoa-o com sal, abençoa-o com pedra, abençoa-o com aço.

Por fim, terminou. Não havia mais bolhas de ar a sair-lhe da boca, e toda a força se sumira dos membros do rapaz. Emmond flutuava de cabeça para baixo no mar pouco profundo, branco, frio e em paz.

Foi então que o Cabelo-Molhado se apercebeu de que três cavaleiros se tinham juntado aos seus afogados na costa pedregosa. Aeron conhecia o Sparr, um velho com cara de machadinha e olhos aguados, cuja voz trémula era lei naquela parte de Grande Wyk. O filho Steffarion acompanhava-o, com outro jovem, cujo manto vermelho-escuro e forrado a peles estava preso ao ombro com um ornamentado broche que mostrava o corno de guerra negro e dourado dos Goodbrother. *Um dos filhos de Gorold*, decidiu o sacerdote num relance. A esposa do Goodbrother dera tardiamente à luz três filhos altos, após uma dúzia de filhas, e dizia-se que não havia homem capaz de distinguir um filho dos demais. Aeron Cabelo-Molhado não se dignou a tentar. Fosse aquele Greydon, Gormond ou Gran, o sacerdote não tinha tempo para ele.

Rosnou uma ordem brusca, e os seus afogados pegaram no rapaz morto pelos braços e pernas para o levar até acima da linha da maré. O sacerdote seguiu-os, vestido apenas com uma tanga de pele de foca que lhe cobria as partes podengas. Com pele de galinha e a pingar, voltou para terra, atravessando areia molhada e fria e seixos polidos pelo mar. Um dos seus afogados entregou-lhe uma veste de pesado tecido grosseiro, tingido com tons variados de verde, azul e cinzento, as cores do mar e do Deus Afogado. Aeron envergou a veste e libertou o cabelo. Negro e molhado, esse cabelo; nenhuma lâmina lhe tocara desde que o mar o erguera. Envolvia-lhe os ombros como um manto esfarrapado e filamentosos, e caía-lhe até abaixo da cintura. Aeron entrançava nele cordões de algas, e fazia o mesmo à barba emaranhada e por cortar.

Os seus afogados formavam um círculo em volta do rapaz morto, orando. Norjen trabalhava com os seus braços, enquanto Rus estava sentado às cavalitas do rapaz, comprimindo-lhe ritmicamente o peito, mas todos se afastaram para deixar Aeron passar. Este afastou com os dedos os lábios frios do rapaz e deu a Emmond o beijo da vida, e voltou a dá-lo, e de novo o deu, até que o mar jorrou da sua boca. O rapaz pôs-se a tossir e a cuspir, e os olhos abriram-se-lhe, cheios de medo.

Outro que regressou. Era um sinal do favor do Deus Afogado, diziam os homens. Todos os outros sacerdotes perdiam alguém de vez em quando, até Tarle, o Triplamente-Afogado, que fora um dia considerado tão santo que fora escolhido para coroar um rei. Mas Aeron Greyjoy, nunca. Ele era o Cabelo-Molhado, aquele que vira os salões aquáticos do próprio deus e regressara para falar deles.

— Ergue-te — disse ao rapaz ofegante enquanto lhe dava uma palmada nas costas nuas. — Afogaste-te e foste-nos devolvido. O que está morto não pode morrer.

— Mas volta. — O rapaz tossiu violentamente, cuspidando mais água. — Volta a erguer-se. — Cada palavra era arrancada com dor, mas o mundo era assim; um homem tinha de lutar para viver. — Volta a erguer-se. — Emmond pôs-se instavelmente em pé. — Mais duro. E mais forte.

— Agora pertences ao deus — disse-lhe Aeron. Os outros afogados reuniram-se em volta do rapaz e todos lhe deram um murro e um beijo para lhe dar as boas-vindas à irmandade. Um deles ajudou-o a envergarem uma veste de tecido grosseiro tingido com tons variados de verde, azul e cinzento. Outro presenteou-o com uma moça feita de madeira trazida pelo mar. — Agora pertences ao mar, e por isso o mar armou-te — disse Aeron. — Oramos para que manejes a tua moça com ferocidade, contra todos os inimigos do nosso deus.

Só então o sacerdote se virou para os três cavaleiros que observavam de cima das selas.

— Viestes ser afogados, senhores?

O Sparr tossiu.

— Fui afogado em rapaz — disse — e o meu filho no dia do seu nome.

Aeron soltou uma fungadela. Que Steffarion Sparr fora entregue ao Deus Afogado pouco depois de nascer não duvidava. Também conhecia o modo como isso acontecera, um rápido mergulho numa tina de água do mar que quase não molhava a cabeça do bebé. Pouco admirava que os homens de ferro tivessem sido conquistados, eles que em tempos tinham dominado todos os locais onde o som das ondas se conseguisse ouvir.

— Isso não foi um verdadeiro afogamento — disse aos cavaleiros. — Aquele que não morre de verdade não pode esperar erguer-se da morte. Porque viestes, se não foi para demonstrar a vossa fé?

— O filho do Lorde Gorold veio à vossa procura, com notícias. — O Sparr indicou o jovem do manto vermelho.

O rapaz parecia não ter mais de dezasseis anos.

— Sim, e qual deles és tu? — quis saber Aeron.

— Gormond. Gormond Goodbrother, se aprouver ao senhor.

— É ao Deus Afogado que devemos aprazer. Foste afogado, Gormond Goodbrother?

— No dia do meu nome, Cabelo-Molhado. O meu pai mandou-me procurar-vos e levar-vos até ele. Precisa de vos ver.

— Aqui estou eu. Que o Lorde Gorold venha e banqueteeie os olhos. — Aeron pegou num odre de couro que Rus lhe entregou, acabado de encher com água do mar. O sacerdote tirou a rolha e bebeu um gole.

— Devo levar-vos até à fortaleza — insistiu o jovem Gormond, de cima do seu cavalo.

Ele tem medo de desmontar, não vá ficar com as botas molhadas.

— Tenho o trabalho do deus a fazer. — Aeron Greyjoy era um profeta. Não admitia que pequenos senhores lhe ordenassem o que fazer como se fosse algum servo.

— Gorold recebeu uma ave — disse o Sparr.

— Uma ave de mestre, vinda de Pyke — confirmou Gormond.

Asas escuras, palavras escuras.

— Os corvos voam sobre sal e pedra. Se há novas que me dizem respeito, dai-mas já.

— Novas como aquelas que trazemos são apenas para os vossos ouvidos, Cabelo-Molhado — disse o Sparr. — Estes não são assuntos de que eu queira falar aqui, perante estes outros.

— *Estes outros* são os meus afogados, servos do deus, tal como eu. Não tenho segredos para eles, nem para o nosso deus, junto a cujo mar me encontro.

Os cavaleiros trocaram um olhar.

— Dizei-lhe — disse o Sparr, e o jovem do manto vermelho reuniu coragem.

— O rei está morto — disse, com toda a simplicidade. Quatro pequenas palavras, e no entanto o próprio mar tremeu quando as pronunciou.

Havia quatro reis em Westeros, mas Aeron não precisou de perguntar sobre qual se falava. Balon Greyjoy, e nenhum outro, governava as Ilhas de Ferro. *O rei está morto. Como pode ser?* Aeron vira o irmão mais velho ainda não havia uma volta de lua, quando regressara às Ilhas de Ferro depois de assolar a Costa Pedregosa. O cabelo grisalho de Balon tornara-se quase branco enquanto o sacerdote andara por fora, e a inclinação dos seus ombros tornara-se mais pronunciada do que quando os dracares partiram. Mas apesar disso, o rei não parecera enfermo.

Aeron Greyjoy construíra a sua vida sobre dois poderosos pilares. Aquelas quatro pequenas palavras tinham derrubado um deles. *Só me resta o Deus Afogado. Que me torne tão forte e incansável como o mar.*

— Contai-me o modo como o meu irmão morreu.

— Sua Graça estava a atravessar uma ponte em Pyke quando caiu e foi atirado contra as rochas, em baixo.

O castelo Greyjoy erguia-se sobre um promontório quebrado, e as suas torres e fortalezas tinham sido construídas no topo de maciças colunas de pedra que se projectavam do mar. Pontes uniam Pyke; pontes em arco de pedra esculpida e pontes oscilantes de corda de cânhamo e tábuas de madeira.

— A tempestade soprava quando ele caiu? — perguntou-lhes Aeron.

— Sim — disse o jovem — soprava.

— O Deus da Tempestade derrubou-o — anunciou o sacerdote. Havia um milhar de milhares de anos que o mar e o céu estavam em guerra. Do mar tinham vindo os homens de ferro, e os peixes que os sustentavam mesmo no pino do Inverno, mas as tempestades traziam apenas angústia e desgosto. — O meu irmão Balon tornou-nos de novo grandes, o que atraiu a ira do Deus da Tempestade. Agora banqueteia-se nos salões aquáticos do Deus Afogado, com sereias a obedecer ao seu mínimo desejo. Caberá a nós, que ficamos para trás neste vale seco e sombrio, terminarmos a sua grande obra. — Voltou a enfiar a rolha no odre. — Falarei com o senhor teu pai. A que distância estamos de Cornartelo?

— Seis léguas. Podeis cavalgar comigo.

— Um cavalga mais depressa do que dois. Dá-me o teu cavalo, e o Deus Afogado abençoar-te-á.

— Levai o meu cavalo, Cabelo-Molhado — ofereceu Steffarion Sparr.

— Não. A montada dele é mais forte. O teu cavalo, rapaz.

O jovem hesitou por meio segundo, após o que desmontou e entregou as rédeas ao Cabelo-Molhado. Aeron enfiou um pé descalço e negro num estribo e içou-se para a sela. Não gostava de cavalos — eram criaturas das terras verdes e ajudavam a tornar os homens fracos — mas a necessidade obrigava à cavalgada. *Asas escuras, palavras escuras.* Preparava-se uma tempestade, ouvia-o nas ondas, e as tempestades nada traziam que não fosse maligno.

— Encontraí-vos comigo em Seixeira, sob a torre do Lorde Merlyn — disse aos seus afogados, enquanto virava a cabeça do cavalo.

O caminho era duro, por montes, florestas e desfiladeiros pedregosos, ao longo de um trilho estreito que parecia com frequência desaparecer sob os cascos dos cavalos. A Grande Wyk era a maior das Ilhas de Ferro, tão vasta que alguns dos seus senhores tinham propriedades que não confinavam com o mar sagrado. Gorold Goodbrother era um desses homens. A sua fortaleza ficava nos Montes Pedradura, o mais longe dos domínios do Deus Afogado que se podia estar nas ilhas. O povo de Gorold labutava nas minas de Gorold, na escuridão rochosa por baixo da terra. Alguns viviam e morriam sem pôr os olhos em água salgada. *Pouco admira que uma tal gente seja complicada e estranha.*

Enquanto Aeron cavalgava, os pensamentos viraram-se-lhe para os irmãos.

Nove filhos tinham nascido das virilhas de Quellon Greyjoy, o Senhor das Ilhas de Ferro. Harlon, Quenton e Donel tinham nascido da primeira mulher do Lorde Quellon, uma mulher de Pedrarbor. Balon, Euron, Victarion, Urrigon e Aeron eram os filhos da segunda mulher, uma Sunderly de Salésia. Para terceira esposa, Quellon escolhera uma rapariga das terras verdes, que lhe deu um rapaz enfermiço e idiota chamado Robin, o irmão que era melhor esquecer. O sacerdote não tinha memória de Quenton ou Donel, que tinham morrido na infância. Recordava Harlon apenas vagamente, sentado de rosto cinzento e imóvel numa sala de torre sem janelas, e falando em sussurros que se iam tornando mais ténues a cada dia que passava, à medida que a escamagris lhe ia transformando a língua e os lábios em pedra. *Um dia banquetear-nos-emos juntos com peixe, nos salões aquáticos do Deus Afogado, nós os quatro, e Urri também.*

Nove filhos tinham nascido das virilhas de Quellon Greyjoy, mas só quatro tinham sobrevivido até à idade adulta. Era assim este mundo frio, no qual os homens pescavam no mar, escavavam o solo e morriam, enquanto as mulheres davam à luz crianças de vida breve em camas de sangue e dor. Aeron fora a última e a menor das quatro lulas gigantes, e Balon o mais velho e o mais ousado, um rapaz feroz e destemido que vivia apenas para devolver aos homens de ferro a sua antiga glória. Aos dez anos, escalara os

Penhascos de Pederneira até à torre assombrada do Senhor Cego. Aos treze conseguia governar os remos de um dracar e dançar a dança dos dedos tão bem como qualquer homem das ilhas. Aos quinze velejara com Dagmer Boca-Fendida até aos Degraus, e passara um verão na ceifa. Matara aí o primeiro homem, e tomara as duas primeiras esposas de sal. Aos dezassete Balon capitaneava o seu primeiro navio. Era tudo aquilo que um irmão mais velho devia ser, embora nunca tivesse mostrado a Aeron nada a não ser desprezo. *Eu era fraco e cheio de pecado, e desprezo era mais do que merecia. Era melhor ser desprezado por Balon, o Bravo, do que ser amado por Euron Olho de Corvo.* E se a idade e o desgosto tinham tornado Balon amargo com os anos, tinham-no também deixado mais determinado do que qualquer outro homem vivo. *Ele nasceu como filho de um lorde, e morreu como um rei, assassinado por um deus ciumento,* pensou Aeron, *e agora a tempestade está a chegar, uma tempestade tal como estas ilhas nunca conheceram.*

Já escurecera há muito quando o sacerdote vislumbrou as pontiagudas ameias de ferro de Cornartelo, que tentavam agarrar o crescente da lua. A fortaleza de Gorold tinha um aspecto desajeitado e pesado, e fora feita com grandes pedras cortadas ao monte que se erguia por detrás. Sob as muralhas, as entradas de grutas e antigas minas abriam-se como bocas negras e desdentadas. Os portões de ferro de Cornartelo tinham sido fechados e trancados para a noite. Aeron bateu neles com uma pedra até que o clangor acordou um guarda.

O jovem que o deixou entrar era a imagem de Gormond, cujo cavalo tomara.

— Qual deles és tu? — quis saber Aeron.

— Gran. O meu pai espera-vos lá dentro.

O salão era escuro e amplo, cheio de sombras. Uma das filhas de Gorold ofereceu ao sacerdote um corno de cerveja. Outra espevitou um fogo sombrio que gerava mais fumo do que calor. O próprio Gorold Goodbrother estava a conversar em voz baixa com um homem magro que envergava uma veste de bom tecido cinzento e usava em volta do pescoço uma corrente de muitos metais que o identificava como um meistre da Cidadela.

— Onde está Gormond? — perguntou Gorold quando viu Aeron.

— Regressa a pé. Mandai embora as mulheres, senhor. E o meistre também. — Não gostava de mestres. Os seus corvos eram criaturas do Deus da Tempestade, e desde Urri que não confiava nas suas curas. Nenhum homem verdadeiro escolheria uma vida de escravatura, nem forjaria uma corrente de servidão para usar em volta da garganta.

— Gysella, Gwin, deixai-nos — disse Goodbrother secamente. — Tu também, Gran. O Meistre Murenmure ficará.

— Ele sairá.

— Este salão é meu, Cabelo-Molhado. Não vos cabe a vós dizer quem deve ir e quem deve ficar. O meistre fica.

O homem vive longe demais do mar, disse Aeron a si próprio.

— Então vou-me eu embora — disse a Goodbrother. Esteiras secas estalejaram sob os seus pés descalços e negros quando se virou e se dirigiu à porta. Parecia que tinha cavalgado muito tempo para nada.

Aeron estava quase junto da porta quando o meistre pigarreou e disse:

— Euron Olho de Corvo ocupa a Cadeira de Pedra do Mar.

O Cabelo-Molhado virou-se. O salão arrefecera de um momento para o outro. *O Olho de Corvo está a meio mundo de distância. Balon mandou-o embora há dois anos, e jurou que se regressasse isso lhe custaria a vida.*

— Contai-me — disse, com voz rouca.

— Entrou em Fidalporto no dia seguinte ao da morte do rei, e reclamou o castelo e a coroa na condição de irmão mais velho de Balon — disse Gorold Goodbrother. — Agora está a enviar corvos, convocando a Pyke os capitães e os reis de todas as ilhas, para dobrarem os joelhos e lhe prestarem homenagem como o seu rei.

— Não. — Aeron Cabelo-Molhado não pesou as palavras. — Só um homem devoto pode sentar-se na Cadeira da Pedra do Mar. O Olho de Corvo não adora nada a não ser o seu próprio orgulho.

— Estivestes em Pyke não há muito tempo e vistes o rei — disse Goodbrother. — Balon disse-vos alguma coisa acerca da sucessão?

Sim. Tinham conversado na Torre do Mar, enquanto o vento uivava do lado de fora das janelas e as ondas se esmagavam sem descanso em baixo. Balon abanara a cabeça, em desespero, quando ouvira o que Aeron tinha a dizer-lhe sobre o último filho que lhe restava.

— Os lobos fizeram dele um fraco, tal como eu temia — dissera o rei. — Rezo ao deus para que o tenham morto, para que não se possa atravessar no caminho de Asha. — Era essa a cegueira de Balon; revia-se na filha selvagem e obstinada, e acreditava que ela podia suceder-lhe. Nisso enganava-se, e Aeron tentara dizer-lho.

— Nenhuma mulher governará algum dia os homens de ferro, nem mesmo uma mulher como Asha — insistira, mas Balon sabia ser surdo para aquilo que não desejava ouvir.

Antes que o sacerdote tivesse tempo de responder a Gorold Goodbrother, a boca do meistre abriu-se uma vez mais.

— Pelo direito, a Cadeira da Pedra do Mar pertence a Theon, ou a Asha, se o príncipe estiver morto. A lei é essa.

— Lei da terra verde — disse Aeron com desprezo. — Que nos interessa isso? Somos homens de ferro, os filhos do mar, os escolhidos do Deus

Afogado. Nenhuma mulher pode governar-nos, tal como nenhum homem sem deus o pode fazer.

— E Victarion? — perguntou Gorold Goodbrother. — Ele tem a Frota de Ferro. Irá Victarion avançar com uma pretensão, Cabelo-Molhado?

— Euron é o irmão mais velho... — começou o meistre.

Aeron silenciou-o com um olhar. Fosse em pequenas vilas piscatórias, fosse em grandes fortalezas de pedra, um olhar assim do Cabelo-Molhado fazia com que donzelas perdessem a força nas pernas e punha crianças aos gritos a correr para junto das mães, e era mais do que o suficiente para dominar o servo com a corrente ao pescoço.

— Euron é mais velho — disse o sacerdote — mas Victarion é mais devoto.

— Chegar-se-á à guerra entre eles? — perguntou o meistre.

— Os homens de ferro não devem derramar o sangue de homens de ferro.

— Um sentimento piedoso, Cabelo-Molhado — disse Goodbrother — mas não é algo que o vosso irmão partilhe. Mandou afogar Sawane Botley por dizer que a Cadeira de Pedra do Mar pertencia por direito a Theon.

— Se ele foi afogado, nenhum sangue foi derramado — disse Aeron.

O meistre e o lorde trocaram um olhar.

— Tenho de mandar uma mensagem a Pyke, e em breve — disse Gorold Goodbrother. — Cabelo-Molhado, gostaria de obter o vosso conselho. O que será, homenagem ou desafio?

Aeron puxou pela barba e reflectiu. *Vi a tempestade, e o seu nome é Euron Olho de Corvo.*

— Por agora, enviai só silêncio — disse ao lorde. — Tenho de rezar sobre isto.

— Rezai tudo o que quiserdes — disse o meistre. — Isso não muda a lei. Theon é o legítimo herdeiro e Asha vem depois.

— *Silêncio!* — rugiu Aeron. — Foi demasiado o tempo passado pelos homens de ferro a ouvir os mestres de correntes ao pescoço a tagarelar sobre as terras verdes e as suas leis. É tempo de voltarmos a escutar o mar. É tempo de escutarmos a voz de deus. — A sua própria voz ressoou no salão fumacento, tão cheia de poder que nem Gorold Goodbrother nem o seu meistre se atreveram a responder. *O Deus Afogado está comigo, pensou Aeron. Ele mostrou-me o caminho.*

Goodbrother ofereceu-lhe o conforto do castelo para a noite, mas o sacerdote declinou. Raramente dormia sob o tecto de um castelo, e nunca o fazia tão longe do mar.

— O conforto, conhecê-lo-ei nos salões aquáticos do Deus Afogado, sob as ondas. Nascemos para sofrer, para que o nosso sofrimento nos

faça fortes. Não preciso mais do que um cavalo repousado para me levar até Seixeira.

E isso, Goodbrother sentiu-se feliz por fornecer. Enviou também o filho Greydon, a fim de mostrar ao sacerdote o caminho mais curto através dos montes, até ao mar. A aurora ainda tardava uma hora quando partiram, mas as montadas eram resistentes e de patas seguras, e fizeram um bom tempo, apesar da escuridão. Aeron fechou os olhos e proferiu uma prece silenciosa, e passado algum tempo pôs-se a dormir na sela.

O som chegou ténue, o grito de uma dobradiça enferrujada.

— Urri — murmurou, e acordou, temeroso. *Não há aqui dobradiças, não há porta, não há Urri.* Um machado voador levava metade da mão de Urri quando ele tinha catorze anos e brincava à dança dos dedos, enquanto o pai e os irmãos mais velhos estavam longe, na guerra. A terceira esposa do Lorde Quellon fora uma Piper do Castelo de Donzelarrosa, uma rapariga com grandes seios fofos e olhos castanhos de corça. Em vez de curar a mão de Urri pelo Costume Antigo, com fogo e água do mar, entregara-o ao seu mestre das terras verdes, que jurara que conseguiria voltar a coser os dedos em falta. Fizera-o, e depois usara poções, cataplasmas e ervas, mas a mão gangrenara e Urri apanhara uma febre. Quando o mestre lhe serrara o braço, era tarde demais.

O Lorde Quellon nunca regressara da sua última viagem; o Deus Afogado, na sua bondade, concedera-lhe uma morte no mar. Fora o Lorde Balon quem voltara, com os irmãos Euron e Victarion. Quando Balon ouvira contar o que acontecera a Urri, removera três dos dedos do mestre com um cutelo de cozinheiro e mandara-lhe a mulher Piper do pai para que lhos cosesse. Cataplasmas e poções funcionaram tão bem para o mestre como para Urrigon. O homem morrera em delírio, e a terceira esposa do Lorde Quellon seguira-o pouco depois, quando a parteira removera uma filha nada-morta do seu ventre. Aeron sentira-se feliz. Tinha sido o seu machado que cortara a mão de Urri, enquanto dançavam juntos a dança dos dedos, como os amigos e irmãos costumavam fazer.

Ainda o envergonhava recordar os anos que se seguiram à morte de Urri. Aos dezasseis intitulava-se de homem, mas na verdade fora um saco de vinho com pernas. Cantava, dançava (mas não a dança dos dedos, essa nunca mais), gracejava, palrava e fazia troça. Tocava gaita, fazia malabarismo, montava a cavalo e era capaz de beber mais do que todos os Wynch e os Botley e também metade dos Harlaw. O Deus Afogado concede a todos os homens um dom, até a ele; nenhum homem era capaz de mijar por mais tempo ou até mais longe do que Aeron Greyjoy, coisa que ele provava em todos os banquetes. Uma vez, apostara o seu novo dracar contra uma manada de cabras que seria capaz de apagar uma lareira sem recorrer a nada

mais do que a picha. Aeron banqueteara-se com cabra durante um ano, e chamara ao navio *Tempestade Dourada*, embora Balon tivesse ameaçado enforcá-lo no mastro do navio quando lhe contaram que tipo de esporão o irmão tencionava montar na sua proa.

No fim de contas, o *Tempestade Dourada* fora ao fundo ao largo da Ilha Bela durante a primeira rebelião de Balon, cortado ao meio por uma enorme galé de guerra chamada *Fúria* quando Stannis Baratheon apanhara Victarion na armadilha que montara e esmagara a Frota de Ferro. Mas o deus ainda não se cansara de Aeron, e levava-o para terra. Um grupo de pescadores tomara-o cativo e levava-o agrilhado para Lanisporto, e ele passara o resto da guerra nas entranhas de Rochedo Casterly, provando que as lulas gigantes eram capazes de mijar durante mais tempo e até mais longe do que os leões, os javalis ou as galinhas.

Esse homem está morto. Aeron afogara-se e renascera do mar, como o profeta do próprio deus. Não havia mortal que fosse capaz de o assustar, e o mesmo se podia dizer da escuridão... e das memórias, os ossos da alma. *O som de uma porta a abrir-se, o grito de uma dobradiça ferrugenta de ferro. Euron regressou.* Não importava. Ele era o sacerdote Cabelo-Molhado, o amado do deus.

— Chegar-se-á à guerra? — perguntou Greydon Goodbrother quando o sol iluminou os montes. — Uma guerra de irmão contra irmão?

— Se o Deus Afogado o desejar. Nenhum homem sem deus pode sentar-se na Cadeira da Pedra do Mar. — *O Olho de Corvo lutará, isso é certo.* Nenhuma mulher seria capaz de derrotá-lo, nem mesmo Asha; as mulheres eram feitas para travar as suas batalhas na cama de partos. E Theon, se ainda vivesse, era igualmente impotente, um rapaz de amuos e sorrisos. Em Winterfell demonstrara o seu valor, aquele que tinha, mas o Olho de Corvo não era nenhum rapaz aleijado. Os conveses do navio de Euron estavam pintados de vermelho, para melhor esconder o sangue que os ensopava. *Victarion. O rei tem de ser Victarion, senão a tempestade matar-nos-á a todos.*

Greydon deixou-o depois do sol nascer, para ir levar a notícia da morte de Balon aos primos, nas suas torres em Covabaixa, no Forte do Espigão do Corvo e no Lago do Cadáver. Aeron prosseguiu sozinho, subindo montes e descendo vales ao longo de um trilho pedregoso que se ia tornando mais largo e mais nítido à medida que se ia aproximando do mar. Em todas as aldeias fazia uma pausa para pregar, e o mesmo fazia nos pátios dos pequenos senhores.

— Nascemos do mar, e ao mar voltaremos — dizia-lhes. A sua voz era profunda como o oceano, e trovejava como as ondas. — O Deus da Tempestade, na sua ira, arrancou Balon ao seu castelo e derrubou-o, e ele

agora banqueteia-se sob as ondas nos salões aquáticos do Deus Afogado. — Ergueu as mãos. — *Balon está morto! O rei está morto!* Mas um rei voltará! Pois o que está morto não pode morrer, mas volta a erguer-se, mais duro e mais forte! *Um rei erguer-se-á!*

Alguns daqueles que o escutavam largavam as enxadas e as picaretas para o seguir, de modo que quando ouviu o bater das ondas uma dúzia de homens caminhava atrás do seu cavalo, tocados pelo deus e desejosos de se afogar.

Seixeira era o lar de vários milhares de pescadores, cujas cabanas se aglomeravam em volta da base de uma casa-torre quadrada com um torreão em cada canto. Duas vintenas dos afogados de Aeron esperavam-no aí, acampados ao longo de uma praia de areia cinzenta em tendas de peles de foca e abrigos construídos com madeira trazida pelo mar. As suas mãos tinham sido endurecidas pela maresia, marcadas pelas redes e linhas, tinham ganho calos devido a remos, picaretas e machados, mas agora essas mãos empunhavam mocas duras como ferro, feitas de madeira trazida pelo mar, pois o deus armara-os com o seu arsenal submarino.

Tinham construído um abrigo para o sacerdote logo acima da linha das marés. Enfiou-se lá dentro de bom grado, depois de afogar os seus mais recentes seguidores. *Meu deus, orou, fala-me com o estrondo das ondas, e diz-me o que fazer. Os capitães e os reis esperam a tua palavra. Quem será nosso rei no lugar de Balon? Canta-me na língua do leviatã, para que eu possa saber o seu nome. Diz-me, oh Senhor sob as ondas, quem tem força para combater as tempestades em Pyke?*

Embora a cavalgada até Cornartelo o tivesse deixado fatigado, Aeron Cabelo-Molhado não conseguiu ficar quieto no seu abrigo de madeira trazida pelo mar, com tecto de algas negras. As nuvens chegaram para esconder a lua e as estrelas, e a escuridão caiu tão densa sobre o mar como sobre a sua alma. *Balon favorecia Asha, a filha do seu corpo, mas uma mulher não pode governar os homens de ferro. Tem de ser Victarion.* Nove filhos tinham nascido das virilhas de Quellon Greyjoy, e Victarion era o mais forte de todos, um autêntico touro, destemido e obediente. *E é aí que se encontra o perigo.* Um irmão mais novo deve obediência a um irmão mais velho, e Victarion não era homem que velejasse contra a tradição. *Mas ele não tem qualquer simpatia por Euron, não a tem desde que a mulher morreu.*

Lá fora, sob o ressonar dos seus afogados e os lamentos do vento, ouviu o rebrantar das ondas, o martelo do seu deus a chamar para a batalha. Aeron gatinhou para fora do seu pequeno abrigo, e penetrou no frio da noite. Pôs-se em pé, nu, pálido, descarnado e alto, e nu caminhou até ao negro mar salgado. A água estava gelada, mas a carícia do seu deus não o fez vacilar. Uma onda esmagou-se-lhe contra o peito, fazendo-o cambalear.

A seguinte quebrou-se por cima da sua cabeça. Sentiu o sabor do sal nos lábios e a presença do deus à sua volta, e os ouvidos ressoaram-lhe com a glória da sua canção. *Nove filhos nasceram das virilhas de Quellon Greyjoy, e eu fui o último, tão fraco e assustado como uma menina. Mas já não. Esse homem afogou-se, e o deus fez-me forte.* O frio mar salgado rodeou-o, abraçou-o, avançou através da sua carne fraca de homem e tocou-lhe os ossos. Ossos, pensou. *Os ossos da alma. Os ossos de Balon, e os de Urri. A verdade encontra-se nos nossos ossos, pois a carne decompõe-se e o osso resiste. E no monte de Nagga, os ossos do Palácio do Rei Cinzento...*

Ele descarnado, pálido e a tremer, Aeron Cabelo-Molhado lutou por regressar a terra, mais sábio do que fora quando entrara no mar. Pois encontrara a resposta nos seus ossos, e o caminho que tinha em frente era-lhe claro. A noite estava tão fria que o corpo pareceu fumegar quando regressou em silêncio ao abrigo, mas havia uma fogueira a arder no seu coração, e por uma vez o sono chegou facilmente, sem ser quebrado pelo grito de dobradiças de ferro.

Quando acordou, o dia estava soalheiro e ventoso. Aeron quebrou o jejum com um caldo de amêijoas e algas marinhas cozinhado numa fogueira de madeira trazida pelo mar. Tinha acabado de terminar quando Merlyn desceu da sua casa-torre com meia dúzia de guardas, à sua procura.

— O rei está morto — disse-lhe o Cabelo-Molhado.

— Sim. Recebi uma ave. E agora outra. — O Merlyn era um homem calvo, redondo e carnudo que se chamava a si próprio “lorde” ao jeito das terras verdes, e se vestia de peles e veludos. — Um corvo convoca-me a Pyke, e outro às Dez Torres. Vós, as lulas gigantes, tendes demasiados tentáculos, despedaçais um homem. Que dizeis, sacerdote? Para onde devo enviar os meus dracares?

Aeron franziu o sobrolho.

— Dez Torres, dizeis? Que lula gigante vos chama aí? — Dez Torres era a sede do Senhor de Harlaw.

— A Princesa Asha. Virou as velas para casa. O Leitor envia corvos, convocando todos os seus amigos a Harlaw. Diz que Balon tencionava que fosse ela a ocupar a Cadeira da Pedra do Mar.

— Será o Deus Afogado a decidir quem ocupa a Cadeira da Pedra do Mar — disse o sacerdote. — Ajoelhai, para que possa abençoar-vos. — O Lorde Merlyn caiu sobre os joelhos, e Aeron tirou a rolha ao odre e despejou-lhe um ribeiro de água do mar na careca. — Senhor Deus que te afogaste por nós, permite que Meldred, teu criado, renasça do mar. Abençoa-o com o sal, abençoa-o com a pedra, abençoa-o com o aço. — A água escorria pelas gordas bochechas de Merlyn e ensopava-lhe a barba e a capa de pele de raposa. — O que está morto não pode morrer — terminou

Aeron — mas volta a erguer-se, mais duro e mais forte. — Mas quando Merlyn se ergueu, disse-lhe. — Ficai e escutai, para que possais espalhar a palavra de deus.

A um metro da borda de água as ondas rebentavam em volta de um pedregulho redondo de granito. Foi aí que Aeron Cabelo-Molhado subiu, para que todo o seu cardume pudesse vê-lo e ouvir as palavras que tinha a dizer.

— Nascemos do mar, e ao mar regressaremos — começou, como começara cem vezes antes. — O Deus da Tempestade, na sua ira, arrancou Balon ao seu castelo e derrubou-o, e ele agora banqueteia-se sob as ondas. — Ergueu as mãos. — *O rei de ferro está morto!* Mas um rei voltará a surgir! Pois o que está morto não pode morrer, mas volta a erguer-se, mais duro e mais forte!

— *Um rei erguer-se-á!* — gritaram os afogados.

— Erguer-se-á. Tem de se erguer. Mas quem? — O Cabelo-Molhado escutou por um momento, mas apenas as ondas lhe responderam. — *Quem será o nosso rei?*

Os afogados puseram-se a bater com as mocas umas nas outras.

— *Cabelo-Molhado!* — gritaram. — *Cabelo-Molhado Rei! Aeron Rei! Dai-nos o Cabelo-Molhado!*

Aeron abanou a cabeça.

— Se um pai tem dois filhos e dá a um um machado e ao outro uma rede, qual deles pretende que seja o guerreiro?

— O machado é para o guerreiro — gritou Rus em resposta — a rede para um pescador dos mares.

— Sim — disse Aeron. — O deus levou-me até às profundezas sob as águas e afogou a coisa imprestável que eu era. Quando voltou a atirar-me para terra deu-me olhos para ver, orelhas para ouvir, e uma voz para espalhar a sua palavra, para que eu pudesse ser o seu profeta e ensinar a sua verdade àqueles que a esqueceram. Não fui feito para me sentar na Cadeira da Pedra do Mar... tal como Euron Olho de Corvo não o foi. Pois eu escutei o deus, que diz: *Nenhum homem sem deus pode sentar-se na minha Cadeira da Pedra do Mar!*

O Merlyn cruzou os braços ao peito.

— Então é Asha? Ou Victarion? Dizei-nos, sacerdote!

— O Deus Afogado dir-vos-á, mas não aqui. — Aeron apontou para a gorda face branca de Merlyn. — Não olheis para mim, nem para as leis do homem, mas sim para o mar. Içai as velas e estendei os remos, senhor, e levai-vos até Velha Wyk. Vós, e todos os capitães e reis. Não ides para Pyke, baixar a cabeça perante o infiel, nem para Harlaw, ligar-vos a mulheres intriguistas. Apontai a proa a Velha Wyk, onde se erguia o Palácio do Rei

Cinzento. Em nome do Deus Afogado vos convoco. *Convoco-vos a todos!* Deixai os vossos salões e cabanas, os vossos castelos e as vossas fortalezas, e regressai ao monte de Nagga para uma assembleia de homens livres!

O Merlyn olhou-o de boca aberta.

— Uma assembleia de homens livres? Não há uma verdadeira assembleia há...

— ... *demasiado tempo!* — gritou Aeron numa angústia. — Mas na alvorada dos dias, os homens de ferro escolhiam os seus próprios reis, promovendo os mais valorosos de entre eles. É tempo de regressarmos ao Costume Antigo, pois só isso nos devolverá a grandeza. Foi uma assembleia de homens livres que escolheu Urras Pé-de-Ferro para Rei Supremo, e lhe pôs uma coroa de madeira trazida pelo mar na cabeça. Syllas Nariz-Chato, Harrag Hoare, a Velha Lula Gigante, foi a assembleia que os ergueu a todos. E *desta* assembleia emergirá um homem capaz de terminar o trabalho que o Rei Balon iniciou e de nos devolver a liberdade. *Não* ides para Pyke, nem para as Dez Torres de Harlaw, mas para a Velha Wyk, repito. Demandai o monte de Nagga e os ossos do Palácio do Rei Cinzento, pois nesse lugar sagrado, quando a lua se afogar e renascer, elegeremos um rei respeitável, um rei *devoto*. — Voltou a erguer bem alto as mãos ossudas. — *Escutai!* Escutai as ondas! Escutai o deus! Ele está a falar-nos, e diz: *Não teremos rei a menos que seja escolhido pela assembleia de homens livres!*

Ergueu-se um rugido em resposta àquilo, e os afogados bateram as suas mocas umas nas outras.

— *Uma assembleia de homens livres!* — gritaram. — *Uma assembleia, uma assembleia. Não há rei sem ser pela assembleia!* — E o clamor que fizeram foi tão trovejante que certamente que o Olho de Corvo ouviu os gritos em Pyke, bem como o maligno Deus da Tempestade no seu salão de nuvens. E Aeron Cabelo-Molhado soube que agira bem.

O CAPITÃO DOS GUARDAS

— As laranjas de sangue já estão mais que maduras — observou o príncipe numa voz fatigada, quando o capitão dos guardas o empurrou para a varanda.

Depois disso não voltou a falar durante horas.

A observação sobre as laranjas era verdadeira. Algumas tinham caído e rebentado no mármore rosa-claro. O penetrante cheiro doce que exalavam enchia as narinas de Hotah de cada vez que inspirava. Sem dúvida que o príncipe também as cheirava, enquanto se mantinha sentado sob as árvores na cadeira rolante que o Mestre Caleotte lhe fizera, com as suas almofadas de penugem de ganso e ruidosas rodas de ébano e ferro.

Durante um longo período, os únicos sons que se ouviram foram os das crianças a chapinhar nas lagoas e nas fontes, e uma vez um suave *plop* quando outra laranja caiu na varanda e rebentou. Então o capitão ouviu o ténue tamborilar de botas em mármore vindo do lado mais afastado do palácio.

Obara. Conhecia os seus passos; de pernas longas, apressados, irados. Nos estábulos junto aos portões, o seu cavalo estaria coberto de espuma, e ensanguentado pelas esporas. Montava sempre ganhões, e fora ouvida a vangloriar-se de que era capaz de dominar qualquer cavalo que houvesse em Dorne... e qualquer homem também. O capitão ouvia também outros passos, o rápido arrastar de pés do Mestre Caleotte que se apressava para se manter a par da mulher.

Obara Sand caminhava sempre depressa demais. *Ela anda a perseguir uma coisa que nunca poderá apanhar*, dissera uma vez o príncipe à filha, ao alcance dos ouvidos do capitão.

Quando a mulher surgiu sob o arco triplo, Areo Hotah estendeu o seu machado de cabo longo para o lado, a fim de lhe bloquear a passagem. A cabeça da arma estava presa a um cabo com um metro e oitenta, e ela não podia rodeá-lo.

— Senhora, basta. — A sua voz era um resmungo grave, pesada com o sotaque de Norvos. — O príncipe não quer ser incomodado.

O rosto de Obara era de pedra antes dele falar; depois, endureceu.

— Estás no meu caminho, Hotah. — Obara era a mais velha das Serpentes de Areia, uma mulher de ossos grandes com perto de trinta anos, com os olhos juntos e o cabelo castanho de ratazana da rameira de Vilave-

lha que a dera à luz. Sob um manto de sedareia mosqueado de castanho-escuro e dourado, as roupas de montar eram de um couro velho e castanho, usado e flexível. Eram as coisas mais suaves que ela trazia. Usava um chicote enrolado preso a uma anca, e a tiracolo um escudo redondo de aço e cobre. Deixara a lança lá fora. Areo Hotah deu graças por isso. Apesar da sua força e rapidez, sabia que a mulher não era capaz de se lhe opor... mas *ela* não sabia, e o capitão não sentia nenhum desejo de ver o sangue dela espalhado no mármore de um tom claro de cor-de-rosa.

O Mestre Caleotte mudou o peso de um pé para o outro.

— Senhora Obara, eu tentei dizer-vos...

— Ele sabe que o meu pai está morto? — perguntou Obara ao capitão, sem prestar mais atenção ao mestre do que aquela que prestaria a uma mosca, se alguma mosca fosse suficientemente insensata para lhe zumbir em torno da cabeça.

— Sabe — disse o capitão. — Recebeu uma ave...

A morte chegara a Dorne em asas de corvo, escrita com letra pequena e selada com uma gota de dura cera vermelha. Caleotte devia ter pressentido o que estava naquela carta, pois dera-a a Hotah para que a entregasse. O príncipe agradecera-lhe, mas durante o mais longo dos momentos não quisera quebrar o selo. Ficara sentado a tarde inteira com o pergaminho no regaço, observando as brincadeiras das crianças. Observara-as até que o sol se pusera e o ar da noite arrefecera o suficiente para o levar a recolher-se; então observara a luz das estrelas reflectida na água. Já nascia a lua quando mandara Hotah buscar uma vela, para que pudesse ler a sua carta sob as laranjeiras, na escuridão da noite.

Obara tocou o chicote.

— Milhares de homens atravessam as areias a pé para subir o Caminho do Espinhaço e poderem ajudar Ellaria a trazer o meu pai para casa. Os septos estão cheios a rebentar, e os sacerdotes vermelhos acenderam as fogueiras nos seus templos. Nas casas de almofadas, as mulheres copulam com qualquer homem que vá em busca delas, recusando pagamento. Em Lançassolar, no Braço Partido, ao longo do Sangueverde, nas montanhas, nas areias profundas, em todo o lado, *em todo o lado*, as mulheres arrancam os cabelos e os homens gritam de raiva. Ouve-se a mesma pergunta em todas as línguas: *o que fará Doran? O que fará o seu irmão para vingar o nosso príncipe assassinado?* — Aproximou-se do capitão. — E tu dizes: *ele não quer ser incomodado!*

— Ele não quer ser incomodado — voltou a dizer Areo Hotah.

O capitão dos guardas conhecia o príncipe que guardava. Um dia, há muito tempo, um jovem imberbe chegara de Norvos, um rapaz grande e de ombros largos com uma cabeleira escura. Esse cabelo era agora branco, e o

corpo ostentava as cicatrizes de muitas batalhas... mas conservava a força e mantinha o machado afiado, como os sacerdotes barbudos lhe haviam ensinado. *Ela não passará*, disse a si próprio, e em voz alta disse:

— O príncipe está a observar as brincadeiras das crianças. Ele não deve ser *nunca* incomodado quando está a observar as brincadeiras das crianças.

— Hotah — disse Obara Sand — tu vais sair do meu caminho, senão pego nesse machado e...

— Capitão — veio a ordem, das suas costas. — Deixa-a passar. Eu falo com ela. — A voz do príncipe estava rouca.

Areo Hotah pôs o machado na vertical e deu um passo para o lado. Obara deitou-lhe um último e longo olhar e passou por ele a passos largos, com o mestre a apressar-se a morder-lhe os calcanhares. Caleotte não tinha mais de metro e meio de altura e era calvo como um ovo. O seu rosto era tão liso e gordo que era difícil calcular-lhe a idade, mas já ali estava antes do capitão, chegara até a servir a mãe do príncipe. Apesar da idade e da amplidão da cintura, ainda era bastante ágil, e esperto como poucos, mas era também dócil. *Não é oponente à altura para nenhuma das Serpentes da Areia*, pensou o capitão.

À sombra das laranjeiras, o príncipe ocupava a sua cadeira com as pernas gotosas apoiadas à sua frente, e pesadas olheiras sob os olhos... embora Hotah não soubesse dizer se aquilo que o mantinha sem dormir era o pesar ou a gota. Em baixo, nas fontes e lagoas, as crianças prosseguiam os seus jogos. Os mais novos não tinham mais de cinco anos, os mais velhos nove e dez. Metade eram raparigas e metade rapazes. Hotah ouvia-os a chapinhar e a gritar uns aos outros em vozes altas e estridentes.

— Não foi assim há tanto tempo que foste uma das crianças naquelas lagoas, Obara — disse o príncipe quando ela ajoelhou à frente da sua cadeira rolante.

Ela soltou uma fungadela.

— Foi há vinte anos, ou tão perto disso que não faz diferença. E não estive aqui por muito tempo. Sou a cria da rameira, ou será que vos esquecerdes? — Quando ele não respondeu, ela voltou a erguer-se e pôs as mãos nas ancas. — O meu pai foi assassinado.

— Foi morto em combate singular durante um julgamento por batalha — disse o Príncipe Doran. — Pela lei, isso não é assassinio.

— Ele era o vosso *irmão*.

— Pois era.

— O que tencionais fazer a respeito da sua morte?

O príncipe virou laboriosamente a cadeira para a encarar. Embora não tivesse mais de cinquenta e dois anos, Doran Martell parecia muito

mais velho. Sob as vestes de linho, o seu corpo era mole e informe, e era difícil olhar-lhe para as pernas. A gota inchava e ruborizava-lhe as articulações de forma grotesca; o joelho esquerdo era uma maçã, o direito um melão, e os dedos dos pés tinham-se transformado em uvas vermelhas escuras, tão maduras que parecia que bastaria um toque para rebentarem. Até o peso de uma colcha conseguia fazê-lo estremecer, embora suportasse a dor sem queixas. *O silêncio é amigo de um príncipe*, ouvira-o o capitão dizer uma vez à filha. *As palavras são como setas, Arianne. Depois de disparadas, não podem ser chamadas de volta.*

— Escrevi ao Lorde Tywin...

— *Escrevestes?* Se fôsseis metade do homem que o meu pai era...

— Eu não sou o teu pai.

— Isso sei eu. — A voz de Obara estava carregada de desprezo.

— Tu querias que eu partisse para a guerra.

— Não espero tal coisa. Nem precisais de sair da vossa cadeira. Permite que eu vingue o meu pai. Tendes uma hoste no Passo do Príncipe. O Lorde Yronwood tem outra no Caminho do Espinhaço. Entregai-me uma delas e a outra a Nym. Que ela percorra a estrada do rei enquanto eu tiro os senhores da Marca dos seus castelos e dou a volta para marchar sobre Vilavelha.

— E como esperas tu controlar Vilavelha?

— Bastará saqueá-la. A riqueza da Torralta...

— O que desejas é ouro?

— O que desejo é sangue.

— O Lorde Tywin entregar-nos-á a cabeça da Montanha.

— E quem nos entregará a cabeça do Lorde Tywin? A Montanha sempre foi o seu animal de estimação.

O príncipe fez um gesto na direcção das lagoas.

— Obara, olha para as crianças, se te aprouver.

— Não me aprez. Obteria mais prazer de enfiar a lança na barriga do Lorde Tywin. Obrigá-lo-ei a cantar “As Chuvas de Castamere” enquanto lhe tiro as tripas para fora à procura de ouro.

— *Olha* — repetiu o príncipe. — Ordeno-to.

Algumas das crianças mais velhas jaziam de barriga para baixo no mármore liso e rosado, bronzeando-se ao sol. Outras moviam-se no mar, mais adiante. Três estavam a construir um castelo de areia com um grande espigão que se assemelhava à Torre da Lança do Palácio Antigo. Uma vintena ou mais tinha-se reunido na lagoa grande, para ver as batalhas, em que as crianças mais pequenas lutavam nos baixios às cavalitas das maiores, que tinham água pela cintura, e tentavam atirar-se umas as outras à água. Sempre que um par caía, o chapinhar era seguido por uma revoada de gar-

galhadas. Viram uma rapariga castanha como uma noz puxar um rapaz muito louro de cima dos ombros do irmão e cair de cabeça na lagoa.

— O teu pai jogou àquele mesmo jogo, em tempos, tal como eu fiz antes dele — disse o príncipe. — Tínhamos dez anos de diferença, portanto eu já tinha deixado as lagoas quando ele tinha idade suficiente para jogar, mas costumava observá-lo quando vinha visitar a mãe. Ele era tão feroz, mesmo em rapaz... Rápido como uma cobra de água. Muitas vezes o vi derrubar rapazes muito maiores do que ele. Lembrou-me disso no dia em que partiu para Porto Real. Jurou que o faria uma vez mais, caso contrário nunca o teria deixado ir.

— *Deixado* ir? — Obara soltou uma gargalhada. — Como se pudésseis tê-lo impedido. A Víbora Vermelha de Dorne ia onde bem entendia.

— Pois ia. Gostaria de ter alguma palavra de conforto para...

— Não vim visitar-vos em busca de *conforto*. — A voz dela estava cheia de escárnio. — No dia em que o meu pai veio reclamar-me, a minha mãe não quis que eu partisse. “Ela é uma rapariga”, disse, “e não me parece que seja vossa. Tive um milhar de outros homens.” Ele atirou a lança aos meus pés e deu com as costas da mão na cara da minha mãe, deixando-a a chorar. “Rapariga ou rapaz, nós travamos as nossas batalhas”, disse, “mas os deuses deixam-nos escolher as armas que usamos”. Apontou para a lança, e depois para as lágrimas da minha mãe, e eu peguei na lança. “Eu disse-te que ela era minha”, disse o meu pai, e levou-me. A minha mãe matou-se com a bebida em menos de um ano. Dizem que estava a chorar quando morreu. — Obara aproximou-se da cadeira do príncipe. — Deixai-me usar a lança; nada mais peço.

— É muito o que me pedes, Obara. Dormirei sobre o assunto.

— Já dormistes demasiado.

— Talvez tenhas razão. Mandar-te-ei uma mensagem para Lançassolar.

— Desde que a mensagem seja a guerra. — Obara girou sobre os calcanhares e foi-se embora de um modo tão irritado como quando chegara, dirigindo-se aos estábulos em busca de um cavalo repousado e de outro galope impetuoso pela estrada fora.

O Mestre Caleotte deixou-se ficar para trás.

— Meu príncipe? — perguntou o homenzinho redondo. — Doem-vos as pernas?

O príncipe fez um ténue sorriso.

— O sol é quente?

— Deverei ir buscar algo para as dores?

— Não. Preciso da cabeça em condições.

O mestre hesitou.

— Meu príncipe, será... será prudente permitir que a Senhora Obara

regresse a Lançassolar? Ela irá certamente inflamar os plebeus. Eles amavam bastante o vosso irmão.

— Tal como todos nós. — Comprimiu as têmporas com os dedos. — Não. Tendes razão. Tenho de regressar também a Lançassolar.

O homenzinho redondo hesitou.

— Será isso sensato?

— Não é sensato, mas é necessário. É melhor enviar um mensageiro a Ricasso e ordenar-lhe que abra os meus aposentos na Torre do Sol. Informai a minha filha Arianne de que estarei lá amanhã.

A minha pequena princesa. O capitão sentira amargamente a sua falta.

— Sereis visto — avisou o meistre.

O capitão compreendeu. Dois anos antes, quando trocaram Lançassolar pela paz e isolamento dos Jardins de Água, a gota do Príncipe Doran não estava, nem de perto, tão má. Nesses dias ainda caminhava, embora lentamente, apoiando-se numa bengala e fazendo esgares de dor a cada passo. O príncipe não desejava que os seus inimigos soubessem como se tinha tornado fraco, e o Velho Palácio e a sua cidade sombria estavam cheios de olhos. *Olhos*, pensou o capitão, *e degraus que ele não pode subir. Teria de voar para ascender ao topo da Torre do Sol.*

— Eu *tenho* de ser visto. Alguém tem de despejar óleo na água. Dorne tem de ser lembrada de que ainda tem um príncipe. — Sorriu com ar triste. — Por mais velho e gotoso que seja.

— Se regressardes a Lançassolar, tereis de conceder audiência à Princesa Myrcella — disse Caleotte. — O seu cavaleiro branco estará com ela... e *sabeis* que ele envia cartas à rainha.

— Suponho que deve enviar.

O cavaleiro branco. O capitão franziu o sobrolho. Sor Arys viera para Dorne para servir a sua princesa, como Areo Hotah viera um dia com a sua. Mesmo os nomes de ambos soavam estranhamente similares: Areo e Arys. Mas as semelhanças terminavam aí. O capitão deixara Norvos e os seus sacerdotes barbudos, mas Sor Arys Oakheart ainda servia o Trono de Ferro. Hotah sentira uma certa tristeza sempre que vira o homem com o longo manto branco de neve, nas alturas em que o príncipe o enviara a Lançassolar. Um dia, pressentia, os dois lutariam; nesse dia Oakheart morreria, com o machado de cabo longo do capitão a fender-lhe o crânio. Fez deslizar a mão ao longo do liso cabo de freixo do machado e perguntou a si próprio se esse dia estaria a aproximar-se.

— A tarde já quase chegou ao fim — estava o príncipe a dizer. — Esperaremos pela manhã. Assegurai-vos de que a minha liteira está pronta à primeira luz da aurora.

— Às vossas ordens. — Caleotte executou uma vénia. O capitão

afastou-se para o deixar passar, e ficou à escuta dos passos que desapareciam.

— Capitão? — A voz do príncipe era suave.

Hotah deu um passo em frente, com uma mão fechada sobre o machado. Sentia na palma da mão o freixo tão liso como a pele de uma mulher. Quando chegou à cadeira rolante bateu fortemente com a base no chão, para anunciar a sua presença, mas o príncipe só tinha olhos para as crianças.

— Tinhas irmãos, capitão? — perguntou. — Lá em Norvos, quando eras novo? Irmãs?

— Ambos — disse Hotah. — Dois irmãos, três irmãs. Eu era o mais novo. — *O mais novo e não desejado. Outra boca a alimentar, um rapaz grande que comia demasiado e cuja roupa deixava rapidamente de lhe servir.* Pouco admira que o tivessem vendido aos sacerdotes barbudos.

— Eu fui o mais velho — disse o príncipe — e no entanto sou o último. Depois de Mors e Olyvar terem morrido no berço, perdi a esperança de vir a ter irmãos. Tinha nove anos quando Elia chegou, e era um escudeiro ao serviço na Costa do Sal. Quando o corvo chegou com a notícia de que a minha mãe tinha sido levada para a cama um mês antes do tempo, já tinha idade suficiente para saber que o bebé não sobreviveria. Mesmo quando o Lorde Gargalen me disse que tinha uma irmã, garanti-lhe que ela devia morrer em breve. Mas sobreviveu, graças à misericórdia da Mãe. E um ano mais tarde chegou Oberyn, a berrar e a esbracejar. Era um homem feito na época em que eles brincavam nestas lagoas. Mas aqui estou, e eles partiram.

Areo Hotah não sabia o que responder àquilo. Era apenas um capitão dos guardas, mantinha-se estranho àquela terra e ao seu deus de sete faces, mesmo após todos aqueles anos. *Servir. Obedecer. Proteger.* Prestara aqueles votos aos dezasseis anos, no dia em que casara com o machado. *Votos simples para homens simples*, tinham dito os sacerdotes barbudos. Não fora treinado para consolar príncipes de luto.

Continuava ainda a tentar arranjar algumas palavras para dizer quando outra laranja caiu com um pesado ruído húmido, a não mais de meio metro de onde o príncipe se encontrava sentado. Doran encolheu-se com o som, como se de algum modo ele o tivesse magoado.

— Basta — suspirou — já chega. Vai-te embora, Areo. Deixa-me observar as crianças durante mais algumas horas.

Quando o sol se pôs, o ar arrefeceu e as crianças foram para dentro em busca do jantar, o príncipe ainda permaneceu sob as suas laranjeiras, a olhar as lagoas paradas e o mar que se estendia mais para diante. Um criado trouxe-lhe uma taça de azeitonas de cor púrpura, com pão folha, queijo e massa de grão-de-bico. Comeu um pouco, e bebeu uma taça do doce e pe-

sado vinho-forte que adorava. Quando se esvaziou, voltou a enchê-la. Por vezes, nas horas profundas e negras da madrugada, o sono vinha encontrá-lo na sua cadeira. Só então o capitão o empurrava ao longo da galeria iluminada pelo luar, passando por uma fileira de pilares canelados e através de uma graciosa arcada, até uma grande cama com frescos lençóis de linho num aposento que dava para o mar. Doran gemeu quando o capitão o deslocou, mas os deuses mostraram-se bondosos, e ele não acordou.

A cela onde o capitão dormia ficava paredes meias com o quarto do seu príncipe. Sentou-se na cama estreita, tirou a pedra de amolar e o oleado do seu nicho, e pôs-se a trabalhar. *Mantém o machado afiado*, tinham-lhe dito os sacerdotes barbudos, no dia em que o marcaram. Fazia-o sempre.

Enquanto amolava o machado, Hotah pensou em Norvos, na cidade alta na colina e na baixa junto ao rio. Ainda recordava os sons dos três sinos, o modo como os profundos repiques de Noom o faziam estremecer até aos ossos, a voz forte e orgulhosa de Narrah, e o riso doce e prateado de Nyel. O sabor do bolo de Inverno voltou a encher-lhe a boca, rico de gengibre, pinhões e bocadinhos de cereja, com *nahsa* para o empurrar para baixo, leite de cabra fermentado servido numa taça de ferro e cortado com mel. Viu a mãe, com o seu vestido com gola de esquilo, aquele que não usava mais do que uma vez por ano, quando iam ver os ursos dançar ao longo da Escadinha dos Pecadores. E cheirou o fedor a pêlos queimados de quando o sacerdote barbudo lhe tocara o centro do peito com o ferrete. A dor fora tão violenta que temera que o coração parasse, mas Areo Hotah não vacilara. Os pêlos nunca mais voltaram a crescer sobre o machado.

O capitão só pousou a sua esposa de freixo e ferro na cama quando ambos os gumes ficaram suficientemente afiados. Bocejando, despiu a roupa suja, atirou-a para o chão, e estendeu-se no colchão de palha. Pensar no ferrete fizera a marca comichar, e teve de se coçar antes de fechar os olhos. *Devia ter apanhado as laranjas que caíram*, pensou, e adormeceu sonhando com o seu gosto ácido e doce, e com a sensação peganhenta que o sumo vermelho lhe deixava nos dedos.

A aurora chegou cedo demais. À porta dos estábulos, a mais pequena das três liteiras transportadas por cavalos estava pronta, a de madeira de cedro com cortinados de seda vermelha. O capitão escolheu vinte lanceiros para a acompanhar, dos trinta que estavam colocados nos Jardins de Água; os outros ficariam para proteger o terreno e as crianças, algumas das quais eram os filhos e filhas de grandes senhores e mercadores ricos.

Embora o príncipe tivesse falado em partir à primeira luz da aurora, Areo Hotah sabia que se atrasaria. Enquanto o mestre ajudava Doran Martell a tomar banho e ligava as suas articulações inchadas com ligaduras de linho ensopadas em loções calmantes, o capitão vestiu um camisão de

escamas de cobre como era próprio do seu posto, e um manto ondulante de sedareia castanha escura e amarela para manter o sol afastado do cobre. O dia prometia vir a ser quente, e o capitão há muito que pusera de lado a pesada capa de pêlo de cavalo e a túnica de couro tachonado que usara em Norvos, que eram capazes de cozinhar um homem em Dorne. Mantivera o meio elmo de ferro, com a sua crista de espigões aguçados, mas agora usava-o enrolado em seda cor de laranja, entrançando o tecido entre e em volta dos espigões. De outro modo, o sol a bater no metal deixar-lhe-ia a cabeça a latejar antes de verem o palácio.

O príncipe ainda não estava pronto para partir. Decidira quebrar o jejum antes de se pôr a caminho, com uma laranja de sangue e uma bandeja de ovos de gaivota, cortados em cubos com bocadinhos de presunto e pipiri. Depois não podia deixar de se despedir de várias das crianças que se lhe tinham tornado especialmente simpáticas: o rapaz Dalt, a descendência da Senhora Blackmont e a órfã de cara redonda cujo pai vendera tecidos e especiarias ao longo do Sangueverde. Doran manteve um magnífico cobertor de Myr sobre as pernas enquanto falava com eles, para poupar os pequenos à visão das suas articulações inchadas e cheias de ligaduras.

Era meio-dia quando se puseram a caminho; o príncipe na sua liteira, o Mestre Caleotte montado num burro, os outros a pé. Cinco lanceiros caminhavam à frente e outros cinco atrás, com outros dez a flanquear a liteira de ambos os lados. O próprio Areo Hotah ocupou o lugar que lhe era familiar à direita do príncipe, apoiando o machado num ombro enquanto caminhava. A estrada entre Lançassolar e os Jardins de Água corria junto ao mar, e tinham uma brisa fresca para mitigar o calor enquanto avançavam por uma região vermelha acastanhada, de pedra, areia e árvores retorcidas e enfezadas.

A meio do caminho, a segunda Serpente de Areia apanhou-os.

Apareceu de súbito sobre uma duna, montada num corcel de areia dourado com uma crina que era como fina seda branca. Até a cavalo, a Senhora Nym parecia graciosa, vestida com cintilantes vestes largas de cor lilás e uma grande capa de seda em tons de creme e cobre que se erguia a cada sopro de vento, e a fazia parecer prestes a levantar voo. Nymeria Sand tinha vinte e cinco anos, e era esguia como um salgueiro. O seu cabelo negro e liso, usado numa longa trança atada com um fio de ouro vermelho, começava em bico por cima dos seus olhos, à semelhança do do pai. Com as suas maçãs do rosto altas, lábios cheios e pele branca como leite, possuía toda a beleza que faltava à irmã mais velha... mas a mãe de Obara fora uma rameira de Vilavelha, ao passo que Nym nascera do mais nobre sangue da antiga Volantis. Uma dúzia de lanceiros montados seguia-a, com escudos redondos que flamejavam ao sol. Seguiram-na pela duna abaixo.

O príncipe atara as cortinas da liteira para as manter abertas e melhor apreciar a brisa que soprava do mar. A Senhora Nym pôs-se a seu lado, refreando a sua bela égua dourada para a pôr ao mesmo ritmo da liteira.

— É bom ver-vos, tio — cantou, como se tivesse sido a sorte a trazê-la ali. — Posso seguir convosco até Lançassolar? — O capitão estava do lado oposto da liteira, mas conseguia ouvir cada palavra que a Senhora Nym dizia.

— Ficarei feliz se o fizeres — respondeu o Príncipe Doran, embora não *soasse* feliz aos ouvidos do capitão. — A gota e a tristeza dão fracos companheiros de estrada. — Com aquilo o capitão sabia que ele queria dizer que cada seixo enfiava um espigão nas suas articulações inchadas.

— Não posso ajudar a gota — disse ela — mas o meu pai não tinha nenhum uso a dar à tristeza. A vingança era mais a seu gosto. É verdade que Gregor Clegane admitiu ter morto Elia e os filhos?

— Rugiu a sua culpa para que toda a corte ouvisse — admitiu o príncipe. — O Lorde Tywin prometeu-nos a sua cabeça.

— E um Lannister paga sempre as suas dívidas — disse a Senhora Nym — e no entanto parece-me que o Lorde Tywin tenciona pagar-nos com as nossas próprias moedas. Recebi uma ave do nosso querido Sor Daemon, que jura que o meu pai fez cócegas àquele monstro mais do que uma vez durante a luta. Se assim é, Sor Gregor é um homem morto, e não graças a Tywin Lannister.

O príncipe fez uma careta. Se era devido à dor causada pela gota ou às palavras da sobrinha, o capitão não saberia dizer.

— Pode ser verdade.

— Pode ser? Eu digo que é.

— Obara quer que eu parta para a guerra.

Nym soltou uma gargalhada.

— Sim, ela quer passar Vilavelha pelo archote. Odeia tanto essa cidade como a nossa irmãzinha a ama.

— E tu?

Nym deitou um relance por sobre um ombro, para onde os companheiros seguiam, duas dúzias de metros mais atrás.

— Eu estava na cama com os gémeos Fowler quando a notícia me chegou — ouviu-a o capitão dizer. — Conheceis o lema dos Fowler? Deixai-me pairar! É tudo o que peço de vós. Deixai-me pairar, tio. Não preciso de nenhuma hoste poderosa, só de uma doce irmã.

— Obara?

— Tyene. Obara é demasiado ruidosa. Tyene é tão doce e gentil que não há homem que suspeite dela. Obara transformaria Vilavelha na pira funerária do nosso pai, mas eu não sou assim tão ambiciosa. Quatro

vidas chegar-me-ão. Os gémeos dourados do Lorde Tywin, como paga pelos filhos de Elia. O velho leão, pela própria Elia. E por fim o reizinho, pelo meu pai.

— O rapaz nunca nos maltratou.

— O rapaz é um bastardo nascido da traição, incesto e adultério, se for possível acreditar no Lorde Stannis. — O tom divertido desaparecera da sua voz, e o capitão deu por si a observá-la através de olhos semicerrados. A irmã Obara usava o chicote à anca e levava uma lança onde qualquer um a podia ver. A Senhora Nym não era menos mortífera, embora mantivesse as suas facas bem escondidas. — Só sangue real pode limpar o assassínio do meu pai.

— Oberyn morreu durante combate singular, lutando por um assunto que não lhe dizia respeito. Não chamo a isso assassínio.

— Chamai-lhe o que quiserdes. Enviámos-lhes o melhor homem de Dorne, e eles mandam-nos de volta um saco de ossos.

— Ele extravasou tudo o que lhe pedi. “Tira as medidas a este rei rapaz e ao seu conselho, e toma nota dos seus pontos fortes e fracos”, disse-lhe eu, no terraço. Estávamos a comer laranjas. “Arranja-nos amigos, se for possível encontrar algum. Fica a saber o que pudes sobre o fim de Elia, mas trata de não provocar indevidamente o Lorde Tywin”, foram estas as palavras que lhe dirigi. Oberyn riu-se e disse: “Quando foi que eu provoquei algum homem... *indevidamente*? Farias melhor em avisar os Lannister para não me provocarem a mim.” Ele queria justiça para Elia, mas não queria esperar...

— Ele esperou dezassete anos — interrompeu a Senhora Nym. — Se eles vos tivessem morto a vós, o meu pai teria levado os vassalos para norte antes do vosso cadáver arrefecer. Se fôsseis vós, as lanças estariam neste momento a cair como chuva sobre a Marca.

— Não duvido.

— Tal como não devíeis duvidar disto, meu príncipe: as minhas irmãs e eu não esperaremos dezassete anos pela *nossa* vingança. — E enterrou as esporas na água e desapareceu a galope na direcção de Lançassolar, perseguida a grande velocidade pela sua comitiva.

O príncipe recostou-se nas almofadas e fechou os olhos, mas Hotah sabia que não estava a dormir. *Tem dores*. Por um momento pensou em chamar o Mestre Caleotte à liteira, mas se o Príncipe Doran o quisesse, ele mesmo o teria chamado.

As sombras da tarde tornaram-se longas e escuras e o sol tão vermelho e inchado como as articulações do príncipe antes de vislumbrarem as torres de Lançassolar a leste. Primeiro a esguia Torre da Lança, com quarenta e cinco metros de altura e coroada com uma lança de aço dourado

que lhe acrescentava outros nove metros; depois, a grandiosa Torre do Sol, com a sua cúpula de ouro e vitral; e por fim, o Navio de Areia, com a sua cor castanha escura, que parecia um gigantesco dromon que tivesse dado à costa e transformado em pedra.

Só três léguas de estrada costeira separavam Lançassolar dos Jardins de Água, mas tratavam-se de dois mundos diferentes. Lá, as crianças divertiam-se nuas ao sol, música tocava em pátios lajeados, e o ar enchia-se com o penetrante cheiro a limões e laranjas de sangue. Aqui, o ar cheirava a poeira, suor e fumo, e as noites borbulhavam com o burburinho de vozes. Em vez do mármore cor-de-rosa dos Jardins de Água, Lançassolar fora construída com lama e palha, e era colorida em tons de castanho. A antiga fortaleza da Casa Martell erguia-se na extremidade mais oriental de uma pequena protuberância de pedra e areia, rodeada por três lados pelo mar. Para oeste, à sombra das maciças muralhas de Lançassolar, lojas de adobe e casebres sem janelas agarravam-se ao castelo como cracas ao casco de uma galé. Estábulos, estalagens, tabernas e casas de almofadas tinham crescido a oeste das lojas e dos casebres, muitos rodeados pelos seus próprios muros, e mais casebres tinham-se erguido à sombra *desses* muros. *E por aí fora, e por aí adiante, como os sacerdotes barbudos diriam.* Comparada com Tyrosh, Myr ou com a Grande Norvos, a cidade sombria não passava de uma vila, mas era a coisa mais semelhante a uma cidade que aqueles dorneses possuíam.

A chegada da Senhora Nym precedera a deles por algumas horas, e não havia dúvida de que ela avisara os guardas da sua vinda, pois o Portão Triplo encontrava-se aberto quando se aproximaram. Era apenas ali que os portões estavam alinhados uns atrás dos outros para permitir que os visitantes passassem sob todas as três Muralhas Sinuosas, dirigindo-se directamente ao Velho Palácio, sem terem primeiro de abrir caminho através de milhas de vielas estreitas, pátios escondidos e ruidosos bazares.

O Príncipe Doran fechara as cortinas da sua liteira assim que a Torre da Lança surgira à vista, mas mesmo assim o povo gritou-lhe enquanto a liteira passava. *As Serpentes de Areia puseram-nos a ferver*, pensou o capitão, preocupado. Atravessaram a miséria do crescente exterior e penetraram no segundo portão. Atrás dele, o vento fedia a alcatrão, água do mar e algas em putrefacção, e a multidão tornava-se mais densa a cada passo.

— *Abram alas para o Príncipe Doran!* — trovejou Areo Hotah, batendo com o cabo da lança nos tijolos. — *Abram alas para o Príncipe de Dorne!*

— O príncipe está morto! — guinchou uma mulher atrás dele.

— Às lanças! — berrou um homem de uma varanda.

— *Doran!* — gritou uma voz de nascimento elevado. — Às lanças!

Hotah desistiu de procurar quem falava; a multidão era demasiado

densa, e um terço dela gritava. “*Às lanças! Vingança pela Víbora!*” Quando atingiram o terceiro portão, os guardas estavam a empurrar gente para os lados, a fim de abrir caminho para a liteira do príncipe, e a multidão atirava objectos. Um rapaz esfarrapado conseguiu passar a correr pelos lanceiros com uma romã meio podre numa mão, mas quando viu Areo Hotah no seu caminho, com o machado pronto, deixou o fruto cair sem ser arremessado, e retirou-se com rapidez. Outros, mais para trás, fizeram voar limões, limas e laranjas, gritando “*Guerra! Guerra! Às lanças!*” Um dos guardas foi atingido num olho por um limão, e o próprio capitão viu uma laranja re-bentar no seu pé.

Não veio resposta de dentro da liteira. Doran Martell manteve-se oculto no interior das suas muralhas de seda até que as muralhas mais grossas do castelo os engoliram a todos, e a porta levadiça caiu atrás dele com um estrondo chocalhante. O ruído dos gritos foi-se sumindo lentamente. A Princesa Arianne estava à espera no pátio exterior, para saudar o pai, com metade da corte em redor: o velho e cego senescal Ricasso, Sor Manfrey Martell, o castelão, o jovem Mestre Myles com as suas vestes cinzentas e barba sedosa e perfumada, duas vintenas de cavaleiros de Dorne vestidos de linho leve de meia centena de cores. A pequena Myrcella Baratheon encontrava-se acompanhada pela sua septã e por Sor Arys da Guarda Real, o qual sufocava nas suas escamas esmaltadas de branco.

A Princesa Arianne dirigiu-se a passos largos para a liteira, sobre sandálias de pele de cobra atadas nas coxas. O cabelo era uma juba de caracóis negros de azeviche que lhe caíam até ao fundo das costas, e em volta da testa trazia uma faixa de sóis de cobre. *Ela continua a ser uma coisinha pequenina*, pensou o capitão. Enquanto as Serpentes de Areia eram altas, Arianne saíra à mãe, que não tinha mais de um metro e cinquenta e sete. Mas sob o seu cinturão incrustado de jóias e camadas soltas de leve seda púrpura e samito amarelo, possuía um corpo de mulher, viçoso e de curvas arredondadas.

— Pai — anunciou quando as cortinas se abriram — Lançassolar rejubila com o vosso regresso.

— Sim, eu ouvi o júbilo. — O príncipe fez um sorriso triste e envolveu o rosto da filha numa mão enrubescida e inchada. — Tens bom aspecto. Capitão, tem a bondade de me ajudar a descer daqui.

Hotah enfiou o machado na bandoleira que trazia às costas e envolveu o príncipe nos braços, com delicadeza para não lhe sacudir as articulações inchadas. Mesmo assim, Doran Martell reprimiu um gemido de dor.

— Ordenei aos cozinheiros que preparassem um banquete para esta noite — disse Arianne — com todos os vossos pratos preferidos.

— Temo que não possa fazer-lhes justiça. — O príncipe deitou um relance lento em volta do pátio. — Não estou a ver Tyene.

— Ela suplica uma conversa em privado. Mandei-a para a sala do trono, para aí esperar a vossa chegada.

O príncipe suspirou.

— Muito bem. Capitão? Quanto mais depressa despachar isto, mais depressa posso descansar.

Hotah carregou-o pelas longas escadas de pedra da Torre do Sol acima, até à grande sala redonda sob a cúpula, onde a última luz da tarde entrava em diagonal através de espessas janelas de vidro multicolorido e ia pintalgar o pálido mármore com diamantes de meia centena de cores. Aí esperava-os a terceira Serpente de Areia.

Estava sentada de pernas cruzadas numa almofada, sob o estrado onde se situavam os cadeirões, mas ergueu-se quando entraram, trajando um vestido justo de samito azul-claro com mangas de renda de Myr que a fazia parecer tão inocente como a própria Donzela. Numa mão tinha um bocado de bordado em que estivera a trabalhar, na outra um par de agulhas douradas. O cabelo era também dourado, e os olhos eram profundas lagoas azuis... e no entanto de algum modo lembravam ao capitão os olhos do pai, embora os de Oberyn tivessem sido negros como a noite. *Todas as filhas do Príncipe Oberyn têm os seus olhos de víbora*, apercebeu-se Hotah de súbito. *A cor não importa.*

— Tio — disse Tyene Sand — Tenho estado à vossa espera.

— Capitão, ajuda-me a sentar-me no cadeirão.

Havia dois cadeirões no estrado, quase gémeos um do outro, excepto que um tinha a lança Martell embutida em ouro no espaldar, ao passo que o outro ostentava o sol ardente de Roine, que flutuava nos mastros dos navios de Nymeria quando eles chegaram a Dorne pela primeira vez. O capitão pousou o príncipe sob a lança e afastou-se.

— Dói assim tanto? — A voz da Senhora Tyene era gentil, e ela parecia tão doce como morangos de verão. A mãe fora uma septã, e Tyene possuía um ar de inocência quase fora deste mundo. — Há alguma coisa que eu possa fazer para vos aliviar as dores?

— Diz o que tens a dizer e deixa-me repousar. Estou fatigado, Tyene.

— Fiz isto para vós, tio. — Tyene desdobrou a peça que estivera a bordar. Mostrava o pai, o Príncipe Oberyn, sorridente, montado num corcel de areia e envergando uma armadura vermelha. — Quando terminar, é vosso, para vos ajudar a recordá-lo.

— Não é provável que me esqueça do teu pai.

— É bom saber. Muitos têm tido dúvidas.

— O Lorde Tywin prometeu-me a cabeça da Montanha.

— Ele é *tão* gentil... mas a espada de um carrasco não é um fim adequado ao bravo Sor Gregor. Rezámos durante tanto tempo pela sua

morte, que é apenas justo que ele também reze por ela. Eu conheço o veneno que o meu pai usou, e não há nenhum outro mais lento ou mais doloroso. Em breve talvez ouçamos a Montanha a gritar, até aqui em Lançassolar.

O Príncipe Doran suspirou.

— Obara grita-me pela guerra. Nym contentar-se-á com o assassínio. E tu?

— A guerra — disse Tyene — embora não a guerra da minha irmã. Os dorneses lutam melhor em casa, portanto o que sugiro é que amolemos as espadas e esperemos. Quando os Lannister e os Tyrell caírem sobre nós, sangrá-los-emos nos passos e enterrá-los-emos sob as areias sopradas pelo vento, como fizemos cem vezes antes.

— Se eles caírem sobre nós.

— Oh, mas terão de o fazer, se não quiserem ver o reino de novo despedaçado, como estava antes de casarmos com os dragões. Foi o pai que mo disse. Ele disse que tinha de agradecer ao Duende por nos ter enviado a Princesa Myrcella. Ela é tão linda, não vos parece? Gostava de ter caracóis como os dela. Foi feita para ser rainha, tal como a mãe. — Covinhas desabrocharam nas bochechas de Tyene. — Sentir-me-ia honrada se tratasse da boda e também se orientasse o fabrico das coroas. Trystane e Myrcella são tão inocentes, que pensei que talvez ouro branco... com esmeraldas, para combinar com os olhos de Myrcella. Oh, diamantes e pérolas também serviriam, desde que os pequenos sejam casados e coroados. Então teremos apenas de saudar Myrcella como a Primeira do Seu Nome, Rainha dos Ándalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, e legítima herdeira dos Sete Reinos de Westeros, e esperar que os leões venham.

— A *legítima* herdeira? — O príncipe soltou uma fungadela.

— Ela é mais velha do que o irmão — explicou Tyene, como se ele fosse algum idiota. — Por lei, o Trono de Ferro deverá passar para ela.

— Pela lei de *Dorne*.

— Quando o bom Rei Dareon casou com a Princesa Myriah e nos juntou ao seu reino, foi acordado que em Dorne dominaria sempre a lei de Dorne. E acontece que *Myrcella* está em Dorne.

— Pois está. — O tom dele mostrava má vontade. — Deixa-me pensar sobre isso.

Tyenne zangou-se.

— Pensais demasiado, tio.

— Penso?

— O pai dizia que sim.

— Oberyn não pensava o suficiente.

— Alguns homens *pensam* porque têm medo de *fazer*.

— Há uma diferença entre medo e cautela.

— Oh, tenho de rezar para nunca vos ver *assustado*, tio. Talvez vos esqueçais de respirar. — Ergueu uma mão...

O capitão bateu o cabo do machado contra o mármore com um estrondo surdo.

— Senhora, ousais demasiado. Afastai-vos do estrado, se vos aprouver.

— Não pretendi fazer nenhum mal, capitão. Amo o meu tio, tal como sei que ele amava o meu pai. — Tyene caiu sobre um joelho perante o príncipe. — Disse tudo o que vim dizer, tio. Perdoai-me se vos ofendi; tenho o coração feito em pedaços. Ainda tenho o vosso amor?

— Sempre.

— Dai-me, então, a vossa bênção, e eu vou-me embora.

Doran hesitou durante meio segundo antes de pousar a mão na cabeça da sobrinha.

— Sê corajosa, filha.

— Oh, como não o ser? Sou filha *dele*.

Assim que ela se retirou, o Mestre Caleotte correu para o estrado.

— Meu príncipe, ela não... mostrai-me, deixai-me ver a vossa mão.

— Examinou primeiro a palma, e depois virou-a gentilmente ao contrário para farejar a parte de trás dos dedos do príncipe. — Não, óptimo. Muito bom. Não há arranhões, portanto...

O príncipe retirou a mão.

— Mestre, posso solicitar-vos um pouco de leite da papoila? Um dedal será suficiente.

— A papoila. Sim, com certeza.

— Já, parece-me — insistiu Doran Martell com gentileza, e Caleotte correu para a escada.

Lá fora, o sol tinha-se posto. A luz dentro da cúpula era o azul do oca-so, e todos os diamantes no chão estavam a morrer. O príncipe manteve-se sentado no seu cadeirão sob a lança Martell, com o rosto pálido de dor. Após um longo silêncio, virou-se para Areo Horah.

— Capitão — disse — quão leais são os meus guardas?

— São leais. — O capitão não sabia o que mais dizer.

— Todos? Ou alguns?

— São bons homens. Bons *homens de Dorne*. Cumprirão as minhas ordens. — Bateu com o machado no chão. — Trarei a cabeça de qualquer homem que vos traia.

— Não quero cabeças. Quero obediência.

— É vossa. — *Servir. Obedecer. Proteger. Votos simples para um homem simples.* — Quantos homens são necessários?

— Deixarei isso ao teu critério. Pode ser que um punhado de bons

homens nos sirva melhor do que uma vintena. Quero isto feito tão rápida e silenciosamente como for possível, sem derramamento de sangue.

— Rápido, silencioso e sem sangue, sim senhor. Quais são as vossas ordens?

— Vais encontrar as filhas do meu irmão, prendê-las, e confiná-las nas celas no topo da Torre da Lança.

— As Serpentes de Areia? — A garganta do capitão estava seca. — Todas... todas as oito, meu príncipe? As pequenas também?

O príncipe reflectiu sobre aquilo.

— As miúdas de Ellaria são novas demais para serem um perigo, mas há quem talvez procure usá-las contra mim. Seria melhor mantê-las a salvo e ao nosso alcance. Sim, as pequenas também... mas primeiro prende Tylene, Nymeria e Obara.

— Às ordens do meu príncipe. — Tinha o coração perturbado. *A minha princesinha não irá gostar disto.* — E Sarella? Ela é uma mulher feita, quase com vinte anos.

— A menos que regresse a Dorne, não há nada que eu possa fazer a respeito de Sarella, excepto rezar para que mostre mais bom senso do que as irmãs. Deixa-a com o seu... jogo. Reúne as outras. Não dormirei até saber que estão em segurança e sob guarda.

— Será feito. — O capitão hesitou. — Quando isto se souber nas ruas, os plebeus irão fazer alarido.

— Toda a Dorne fará alarido — disse Doran Martell numa voz fatigada. — Só rezo para que o Lorde Tywin os ouça em Porto Real, para que fique a saber como é leal o amigo que tem em Lançassolar.

Sonhou que estava sentada no Trono de Ferro, bem alto acima de todos eles.

Os cortesãos eram ratos brilhantemente coloridos lá em baixo. Grandes senhores e orgulhosas senhoras ajoelhavam perante si. Valentes jovens cavaleiros depositavam as espadas aos seus pés e suplicavam-lhe favores, e a rainha sorria-lhes. Até que o anão apareceu, como que vindo de parte nenhuma, apontando para ela e uivando de riso. Os senhores e as senhoras começaram também a soltar risinhos, escondendo os sorrisos atrás das mãos. Foi só então que a rainha se apercebeu de que estava nua.

Horrorizada, tentou cobrir-se com as mãos. As farpas e lâminas do Trono de Ferro morderam-lhe a carne quando se acorrou para esconder a vergonha. O sangue escorreu-lhe, rubro, pelas pernas abaixo, enquanto dentes de aço lhe roíam as nádegas. Quando tentou levantar-se, o pé enfiou-se-lhe numa fenda no metal retorcido. Quanto mais lutava, mais o trono a engolia, arrancando bocados de carne aos seus seios e barriga, cortando-lhe os braços e pernas até os deixar luzidios e cintilantes de vermelho.

E o irmão não parava de cabriolar lá em baixo, rindo.

O divertimento dele ainda lhe ecoava aos ouvidos quando sentiu um leve toque no ombro e acordou de repente. Durante meio segundo, a mão pareceu fazer parte do pesadelo, e Cersei gritou, mas era apenas Senelle. O rosto da aia estava branco e assustado.

Não estamos sós, apercebeu-se a rainha. Sombras erguiam-se à volta da sua cama, silhuetas altas com cota de malha a luzir debilmente por baixo dos seus mantos. Homens armados não tinham nada a fazer ali. *Onde estão os meus guardas?* O quarto encontrava-se mergulhado na escuridão, à excepção da lanterna que um dos intrusos segurava bem alto. *Não posso mostrar medo*. Cersei afastou para trás cabelos desgrenhados pelo sono, e disse:

— Que quereis de mim? — Um homem avançou para baixo da luz da lanterna e ela viu que o manto dele era branco. — Jaime? — *Sonhei com um irmão, mas o outro veio acordar-me.*

— Vossa Graça? — A voz não era a do irmão. — O Senhor Comandante disse para vos vir buscar. — O cabelo dele encaracolava-se, como o de Jaime, mas o cabelo do irmão era ouro batido, tal como o dela, ao passo que o deste homem era negro e oleoso. Fitou-o, confusa, enquanto ele resmungava qualquer coisa acerca de uma latrina e uma besta, e dizia o nome do pai. *Ainda estou a sonhar*, pensou Cersei. *Não acordei, e o meu pesadelo não*

terminou. Tyrion sairá em breve a gatinhar de debaixo da cama e começará a rir-se de mim.

Mas isso era uma loucura. O irmão anão encontrava-se nas celas negras, condenado a morrer precisamente naquele dia. Olhou para as mãos, virando-as para se certificar de que ainda lá tinha todos os dedos. Quando passou uma mão pelo braço, a pele estava eriçada em pele de galinha, mas sem golpes. Não havia cortes nas suas pernas, nenhum rasgão nas solas dos pés. *Um sonho, foi só isso, um sonho. Bebi demasiado na noite passada, estes medos são só humores nascidos do vinho. Quem rirá serei eu, ao chegar o ocaso. Os meus filhos estarão a salvo, o trono de Tommen estará seguro, e o meu retorcido pequeno valonqar terá uma cabeça a menos e estará a apodrecer.*

Jocelyn Swyft estava junto ao seu cotovelo, pressionando-a para que pegasse numa taça. Cersei bebeu um gole: água, misturada com umas gotas de limão, tão azeda que a cuspiu. Ouvia o vento nocturno a agitar as portadas, e via com uma estranha clareza penetrante. Jocelyn estava a tremer como uma folha, tão assustada como Senelle. Sor Osmund Kettleblack pairava acima dela. Atrás dele encontrava-se Sor Boros Blount, com uma lanterna. À porta havia guardas Lannister com leões dourados a cintilar no topo dos capacetes. Também pareciam assustados. *Poderá ser?*, perguntou a rainha a si própria. *Poderá ser verdade?*

Ergueu-se, e permitiu que Senelle lhe pusesse um roupão sobre os ombros para esconder a sua nudez. Foi a própria Cersei a atar o cinto, sentindo os dedos rígidos e desastrados.

— O senhor meu pai mantém guardas à sua volta, de noite e de dia — disse. Sentia a língua pesada. Bebeu outro gole de água com limão e bochechou com ela para lhe refrescar o hálito. Uma mariposa entrara na lanterna que Sor Boros segurava; conseguia ouvi-la a zumbir e via a sombra das suas asas enquanto ela batia no vidro.

— Os guardas estavam nos seus postos, Vossa Graça — disse Osmund Kettleblack. — Encontrámos uma porta escondida atrás da lareira. Uma passagem secreta. O Senhor Comandante desceu para ver onde vai dar.

— Jaime? — O terror capturou-a, súbito como uma tempestade. — O Jaime devia estar com o rei...

— O rapaz nada sofreu. Sor Jaime enviou uma dúzia de homens para ver como ele se encontrava. Sua Graça está pacificamente a dormir.

Que tenha um sonho melhor do que o meu, e um acordar mais suave.

— Quem está com o rei?

— Sor Loras tem essa honra, se vos aprouver.

Não aprazia. Os Tyrell não passavam de intendentess que os reis do

dragão tinham elevado muito acima do seu estatuto. A sua vaidade era apenas excedida pela sua ambição. Sor Loras podia ser tão lindo como um sonho de donzela, mas por baixo do manto branco era Tyrell até ao osso. Tanto quanto sabia, o maligno fruto daquela noite fora plantado e nutrido em Jardim de Cima.

Mas essa era uma suspeita que não se atrevia a exprimir em voz alta.

— Permitti-me um momento para que me vista. Sor Osmund, acompanhar-me-eis à Torre da Mão. Sor Boros, despertai os carcereiros e certificaí-vos de que o anão continua na sua cela. — Não queria proferir o seu nome. *Ele nunca teria encontrado coragem para erguer uma mão contra o pai*, disse a si própria, mas tinha de ter a certeza.

— Às ordens de Vossa Graça. — Blount entregou a lanterna a Sor Osmund. Cersei não se sentiu insatisfeita por o ver pelas costas. *O pai nunca lhe devia ter devolvido o branco*. O homem provara ser um covarde.

Quando abandonaram a Fortaleza de Maegor, o céu tomara um profundo tom de azul-cobalto, embora as estrelas ainda brilhassem. *Todas menos uma*, pensou Cersei. *A estrela brilhante do oeste caiu, e as noites serão agora mais escuras*. Fez uma pausa sobre a ponte levadiça que transpunha o fosso seco, fitando os espigões, no fundo deste. *Eles não se atreveriam a mentir-me acerca de uma coisa destas*.

— Quem foi que o encontrou?

— Um dos seus guardas — disse Sor Osmund. — Lum. Sentiu o chamamento da natureza, e encontrou sua senhoria na latrina.

Não, isso não pode ser. Não é assim que um leão morre. A rainha sentia-se estranhamente calma. Lembrou-se da primeira vez que perdera um dente, quando não era mais que uma rapariguinha. Não doera, mas o buraco com que ficara na boca era tão estranho que não conseguia parar de o tocar com a língua. *Agora há um buraco no mundo onde estava o pai, e os buracos querem algo que os encha*.

Se Tywin Lannister estava realmente morto, ninguém se encontrava a salvo... principalmente o seu filho, no trono. Quando o leão cai, as feras menores avançam: os chacais, os abutres e os cães bravios. Iriam tentar pô-la de lado, como sempre tinham feito. Iria ter de se mover depressa, como quando Robert morrera. Aquilo podia ser obra de Stannis Baratheon, por intermédio de algum homem a soldo. Podia perfeitamente ser o prelúdio de outro ataque contra a cidade. Esperava que o fosse. *Que ele venha. Esmagá-lo-ei, tal como o pai fez, e desta vez morrerá*. Stannis não a assustava mais do que Mace Tyrell. Ninguém a assustava. Era uma filha do Rochedo, um leão. *Não haverá mais conversas acerca de me obrigarem a voltar a casar*. O Rochedo Casterly era agora seu, com todo o poder da Casa Lannister. Nunca mais ninguém a menosprezaria. Mesmo quando Tommen deixasse

de ter necessidade de um regente, a Senhora de Rochedo Casterly continuaria a ser uma força a ter em conta.

O sol nascente pintara os topos das torres de um vermelho-vivo, mas a noite ainda se acumulava sob as muralhas. O castelo exterior estava tão silencioso que poderia imaginá-lo com toda a gente morta. *E devia estar. Não é próprio que o Lorde Tywin morra só. Um tal homem merece uma comitiva para cuidar das suas necessidades no inferno.*

Quatro lanceiros com mantos vermelhos e elmos coroados por leões estavam colocados à porta da Torre da Mão.

— Ninguém deverá entrar ou sair sem a minha autorização — disse-lhes. O comando veio-lhe fácil. *O meu pai também tinha aço na voz.*

Dentro da torre, o fumo dos archotes irritou-lhe os olhos, mas Cersei não chorou, como o pai não teria chorado. *Sou o único verdadeiro filho que ele teve.* Os calcanhares raspavam na pedra enquanto subia, e ainda conseguia ouvir a mariposa a esvoaçar furiosamente dentro da lanterna de Sor Osmund. *Morre, pensou a rainha, irritada, voa para a chama e acaba com isso.*

No topo da escada encontravam-se mais dois guardas de mantos vermelhos. O Lester Vermelho murmurou uma condolência quando ela passou. A respiração da rainha estava rápida e pouco profunda, e ela sentia o coração a tamborilar no peito. *Os degraus,* disse a si própria, *esta maldita torre tem degraus a mais.* Estava meio decidida a deitá-la abaixo.

O salão estava cheio de palermas que falavam em murmúrios, como se o Lorde Tywin estivesse a dormir e tivessem medo de o acordar. Tanto os guardas como os criados se encolhiam perante ela, com as bocas a adejar. Via-lhes as gengivas cor-de-rosa e as línguas a abanar, mas as suas palavras não faziam mais sentido do que o zumbido da mariposa. *Que estão eles a fazer aqui? Como souberam?* O correcto teria sido chamarem-na primeiro. Ela era a Rainha Regente, ter-se-iam esquecido disso?

À porta do quarto da Mão encontrava-se Sor Meryn Trant com a sua armadura e manto brancos. A viseira do seu elmo estava aberta, e os papos sob os olhos davam-lhe um ar de quem ainda estava meio a dormir.

— Levai esta gente daqui — disse-lhe Cersei. — O meu pai está na latrina?

— Levaram-no de volta para a cama, s'nhora. — Sor Meryn abriu a porta para ela entrar.

A luz da manhã entrava em diagonal através das portadas, e ia pintar barras douradas nas esteiras espalhadas pelo chão do quarto. O tio Kevan estava de joelhos ao lado da cama, tentando rezar, mas quase não conseguia forçar as palavras a sair. Guardas aglomeravam-se perto da lareira. A porta secreta de que Sor Osmund falara encontrava-se escancarada por trás das

cinzas, não ultrapassando o tamanho de um forno. Um homem teria de gatinhar. *Mas Tyrion é só meio homem.* O pensamento irritou-a. *Não, o anão está trancado numa cela negra.* Aquilo não podia ser obra sua. *Stannis, disse a si própria, é Stannis quem está por trás disto. Ele ainda tem partidários na cidade. Ele, ou os Tyrell...*

Sempre se falara de passagens secretas no interior da Fortaleza Vermelha. Supunha-se que Maegor, o Cruel, tinha morto os homens que construíram o castelo para manter o conhecimento sobre elas secreto. *Quantos outros quartos terão portas escondidas?* Cersei teve uma súbita visão do anão a sair de gatas de detrás de uma tapeçaria no quarto de Tommen com uma lâmina na mão. *Tommen está bem guardado,* disse a si própria. Mas o Lorde Tywin também estivera bem guardado.

Por um momento, não reconheceu o morto. Sim, tinha um cabelo semelhante ao do pai, mas aquele era decerto outro homem qualquer, um homem mais pequeno, e muito mais velho. Tinha o roupão puxado para cima em redor do peito, o que o deixava nu abaixo da cintura. O dardo atingira-o na virilha, entre o umbigo e o membro viril, e penetrara tão profundamente que apenas se viam as penas. Os pêlos públicos tinham sido deixados rígidos pelo sangue seco. Mais sangue coagulava no umbigo.

O cheiro que ele exalava fê-la franzir o nariz.

— Tirai-lhe o dardo do corpo — ordenou. — Este homem é a Mão do Rei! — *E o meu pai. O senhor meu pai. Deveria gritar e arrancar os cabelos?* Dizia-se que Catelyn Stark rasgara o próprio rosto em tiras sangrentas quando os Frey lhe mataram o precioso Robb. *Gostarias disso, pai?*, desejou perguntar-lhe. *Ou quererias que eu fosse forte? Choraste pelo teu pai?* O avô morrera quando Cersei tinha apenas um ano de idade, mas conhecia a história. O Lorde Tytos tornara-se muito gordo, e o coração rebentara-lhe um dia, enquanto subia as escadas para ir ter com a amante. O pai de Cersei encontrava-se em Porto Real quando isso acontecera, servindo como Mão do Rei Louco. O Lorde Tywin estivera com frequência em Porto Real quando ela e Jaime eram jovens. Se ele chorara quando lhe trouxeram a notícia da morte do pai, fizera-o onde ninguém pudesse ver as lágrimas.

A rainha sentia as unhas a enterrar-se nas palmas das mãos.

— Como pudestes deixá-lo assim? O meu pai foi Mão de três reis, o maior homem que alguma vez caminhou nos Sete Reinos. Os sinos têm de soar por ele, tal como soaram por Robert. Tem de ser banhado e vestido como é próprio do seu estatuto, de arminho, pano de ouro e seda carmesim. Onde está Pycelle? *Onde está Pycelle?* — Virou-se para os guardas. — Puckens, traz cá o Grande Mestre Pycelle. Ele tem de ver o Lorde Tywin.

— Ele já o viu, Vossa Graça — disse Puckens. — Veio, viu e foi-se, para chamar as irmãs silenciosas.

Foram-me buscar em último lugar. Aperceber-se daquilo deixou-a quase demasiado furiosa para falar. E Pycelle corre a enviar uma mensagem em vez de sujar as suas mãos moles e enrugadas. O homem é um inútil. — Encontrai-me o Mestre Ballabar — ordenou. — Encontrai-me o Mestre Frenken. Qualquer um dos dois. — Puckens e o Orelha-Curta correram a obedecer. — Onde está o meu irmão?

— Lá em baixo no túnel. Há um poço, com degraus de ferro presos à pedra. Sor Jaime foi ver até que profundidade chega.

Ele só tem uma mão, quis gritar-lhes. Devia ter sido um de vós a ir. Ele não tem nada que andar a trepar escadas. Os homens que assassinaram o pai podem estar lá em baixo, à espera dele. O gêmeo sempre fora demasiado impetuoso, e, segundo parecia, nem mesmo perder uma mão o ensinara a ter cautela. Aprestava-se a ordenar aos guardas para descerem à sua procura e o trazerem de volta quando Puckens e o Orelha-Curta regressaram com um homem de cabelo grisalho entre os dois.

— Vossa Graça — disse o Orelha-Curta — este diz que era um mestre. O homem fez uma profunda vénia.

— Como posso servir Vossa Graça?

O rosto do homem era-lhe vagamente familiar, embora não fosse capaz de o situar. *Velho, mas não tão velho como Pycelle. Este ainda tem em si alguma força.* Era alto, embora tivesse as costas ligeiramente tortas, e mostrava rugas em volta dos ousados olhos azuis. *Tem a garganta nua.*

— Não usais corrente de mestre.

— Foi-me tirada. O meu nome é Qyburn, se aprouver a Sua Graça. Tratei a mão do vosso irmão.

— O seu coto, quereis vós dizer. — Agora lembrava-se dele. Viera com Jaime de Harrenhal.

— Não consegui salvar a mão de Sor Jaime, é verdade. As minhas artes salvaram-lhe o braço, porém, e talvez mesmo a vida. A Cidadela tirou-me a corrente, mas não puderam tirar-me os conhecimentos.

— Talvez sejais suficiente — decidiu. — Se me falhardes perdereis mais do que uma corrente, garanto-vos. Tirai o dardo da barriga do meu pai e preparai-o para as irmãs silenciosas.

— Às ordens da minha rainha. — Qyburn dirigiu-se à cama, fez uma pausa, olhou para trás. — E como é que lido com a rapariga, Vossa Graça?

— Rapariga? — Cersei não reparara no segundo corpo. Aproximou-se a passos largos da cama, atirou para o lado a pilha de colchas ensanguentadas e lá estava ela, nua, fria, e rosada... excepto a cara, que se tornara tão negra como a de Joff no banquete de casamento. Uma corrente de mãos de ouro ligadas umas às outras estava meio enterrada na carne da

sua garganta, torcida com tanta força que lhe rasgara a pele. Cersei silvou como uma gata irritada.

— Que está *ela* a fazer aqui?

— Encontrámo-la ali, Vossa Graça — disse o Orelha-Curta. — É a rameira do Duende. — Como se isso explicasse porque estava ela ali.

O senhor meu pai não tinha nenhuma utilidade a dar a rameiras, pensou. *Depois da nossa mãe morrer, nunca tocou numa mulher.* Deitou ao guarda um olhar gelado.

— Isto não é... quando o pai do Lorde Tywin morreu, ele regressou a Rochedo Casterly e foi encontrar uma... uma mulher desta espécie... adornada com as jóias da senhora sua mãe, usando um dos seus vestidos. Ele arrancou-lhos, e arrancou tudo o mais também. Durante uma quinzena, ela foi obrigada a desfilar, nua, pelas ruas de Lanisporto, para confessar a todos os homens que encontrasse que era ladra e meretriz. Era assim que o Lorde Tywin Lannister lidava com rameiras. Ele nunca... esta mulher estava aqui para outro fim qualquer, não para...

— Talvez sua senhoria estivesse a interrogar a rapariga acerca da sua ama — sugeriu Qyburn. — Sansa Stark desapareceu na noite em que o rei foi assassinado, segundo ouvi dizer.

— É verdade. — Cersei adoptou avidamente a sugestão. — Estava a interrogá-la, de certeza. Não pode haver qualquer dúvida. — Conseguia ver Tyrion a olhá-la de través, com a boca torcida num esgar de macaco sob as ruínas do nariz. *E que melhor maneira de a interrogar do que nua, com as pernas bem abertas?*, sussurrou o anão. *Também é assim que eu gosto de a interrogar.*

A rainha virou as costas à cena. *Não olharei para ela.* De súbito, até estar na mesma sala da morta era demasiado. Passou por Qyburn com um empurrão e saiu para o salão.

Sor Osmund recebera a companhia dos irmãos Osney e Osfryd.

— Há uma mulher morta no quarto da Mão — disse Cersei aos três Kettleblack. — Ninguém deverá saber que ela estava aqui.

— Sim, s'nhora. — Sor Osney tinha ténues arranhões no rosto, onde outra das rameiras de Tyrion o tinha esgatanhado. — E o que faremos com ela?

— Dai-a aos vossos cães. Mantende-a como companheira de cama. Que me importa? *Ela nunca esteve aqui.* Mandarei cortar a língua de qualquer homem que se atreva a dizer que esteve. Compreendeis-me?

Osney e Osfryd trocaram um olhar.

— Sim, Vossa Graça.

Seguiu-os de volta ao quarto e ficou a vê-los entrouxar a rapariga nos cobertores ensanguentados do pai. *Shae, o nome dela era Shae.* A última

vez que tinham conversado fora na noite anterior ao julgamento por combate do anão, depois daquele dornês sorridente se ter oferecido como seu campeão. Shae inquirira acerca de umas jóias que Tyrion lhe oferecera, e de certas promessas que Cersei poderia ter feito, uma mansão na cidade e um cavaleiro que a desposasse. A rainha tornara claro que a rameira não obteria nada dela até que lhes dissesse para onde fora Sansa Stark.

— Eras a aia dela. Esperas que eu acredite que não sabias nada dos seus planos? — dissera. Shae partira lavada em lágrimas.

Sor Osfryd pôs o cadáver entrouxado ao ombro.

— Quero aquela corrente — disse Cersei. — Assegurai-vos de não riscar o ouro. — Osfryd acenou com a cabeça e dirigiu-se à porta. — Não, pelo pátio não. — Gesticulou para a passagem secreta. — Há um poço que vai dar às masmorras. Por ali.

Quando Sor Osfryd se apoiou num joelho à frente da lareira, a luz lá dentro tornou-se mais brilhante, e a rainha ouviu ruídos. Jaime emergiu, dobrado sobre si próprio como uma velha, com as botas a fazer voar nuvenzinhas de fuligem do último fogo do Lorde Tywin.

— Saí-me da frente — disse aos Kettleblack.

Cersei correu para ele.

— Encontrei-os? Encontrei os assassinos? Quantos eram? — Decerto que teriam sido mais do que um. Um homem sozinho não poderia ter morto o pai deles.

O rosto do gémeo trazia um ar descomposto.

— O poço desce até uma câmara onde se encontram meia dúzia de túneis. Estão fechados por portões de ferro, acorrentados e trancados. Tenho de encontrar chaves. — Lançou um relance pelo quarto. — Quem quer que tenha feito isto pode ainda estar escondido nas paredes. Aquilo ali é um labirinto, e escuro.

Cersei imaginou Tyrion a gatinhar entre as paredes como uma ratazana monstruosa. *Não. Estás a ser tola. O anão está na sua cela.*

— Ataca as paredes com martelos. Deita esta torre abaixo, se tiver de ser. Quero-os encontrados. Quem quer que tenha feito isto. Quero-os mortos.

Jaime abraçou-a, com a mão boa a apertar-lhe o fundo das costas. Ele cheirava a cinza, mas tinha o sol da manhã no cabelo, dando-lhe um brilho dourado. Desejou puxar a cara dele para a sua e beijá-lo. *Mais tarde*, disse a si própria, *ele mais tarde virá ter comigo, para me confortar.*

— Somos os seus herdeiros, Jaime — sussurrou. — Caber-nos-á a nós terminar a sua obra. Tens de tomar o lugar do pai como Mão. Agora vês isso, certamente. Tommen irá precisar de ti...

Ele afastou-a e ergueu o braço, pondo-lhe o coto em frente dos olhos.

— Uma Mão sem mão? Mau gracejo, irmã. Não me peças para governar.

O tio ouviu a recusa. Qyburn também, e os Kettleblack igualmente, lutando para fazer passar a sua trouxa pelas cinzas. Até os guardas ouviram, Puckens e Hoke e o Perna de Cavalo e o Orelha-Curta. *Todo o castelo saberá ao cair da noite.* Cersei sentiu o calor a subir-lhe ao rosto.

— Governar? Nada disse de governar. Eu governarei até o meu filho ter idade.

— Não sei de quem tenho mais pena — disse o irmão. — Se de Tommen, se dos Sete Reinos.

Ela esbofeteou-o. O braço de Jaime ergueu-se para apanhar o golpe, com a rapidez de um gato... mas aquele gato tinha um coto de aleijado no lugar de uma mão direita. Os dedos dela deixaram marcas vermelhas da sua face.

O som levou o tio a erguer-se.

— O vosso pai jaz aqui *morto*. Tende a decência de levar a querela lá para fora.

Jaime inclinou a cabeça, num pedido de desculpa.

— Perdoai-nos, tio. A minha irmã está doente de dor. Ela esquece o que é próprio.

Cersei desejou voltar a esbofeteá-lo por aquilo. *Devia estar louca quando pensei que ele podia ser Mão.* Mais depressa aboliria o cargo. Quando lhe teria uma Mão trazido algo além de pesar? Jon Arryn pusera Robert Baratheon na sua cama, e antes de morrer começara também a farejar em volta dela e de Jaime. Eddard Stark apanhara o fio à meada onde Arryn o deixara; a sua intromissão forçara-a a livrar-se de Robert mais depressa do que teria desejado, antes de ter tempo de tratar dos seus pestilentos irmãos. Tyrion vendera Myrcella aos dorneses, tomara um dos seus filhos como refém e assassinara o outro. E quando o Lorde Tywin regressara a Porto Real...

O próximo Mão conhecerá o seu lugar, prometeu a si própria. Teria de ser Sor Kevan. O tio era incansável, prudente, infalivelmente obediente. Poderia contar com ele, tal como o pai contara. *A mão não discute com a cabeça.* Tinha um reino para governar, mas teria necessidade de novos homens para a ajudar a governá-lo. Pycelle era um lambe-botas trémulo, Jaime perdera a coragem com a mão da espada, e Mace Tyrell e os seus amiguinhos Redwyne e Rowan não eram dignos de confiança. Tanto quanto sabia, podiam ter desempenhado um papel naquilo. O Lorde Tyrell tinha de saber que nunca governaria os Sete Reinos enquanto Tywin Lannister vivesse.

Terei de me mover com cautela relativamente a esse. A cidade estava cheia dos seus homens, e ele até conseguira plantar um dos seus filhos

na Guarda Real, e pretendia plantar a filha na cama de Tommen. Ainda a deixava furiosa pensar que o pai concordara em prometer Tommen a Margaery Tyrell. *A rapariga tem o dobro da idade dele e é duas vezes viúva.* Mace Tyrell afirmava que a filha ainda era virgem, mas Cersei tinha as suas dúvidas. Joffrey fora assassinado antes de se poder deitar com a rapariga, mas ela fora primeiro casada com Renly... *Um homem pode preferir o sabor do hipocraz, mas se se puser uma caneca de cerveja na sua frente, emborcá-la-á bem depressa.* Teria de ordenar ao Lorde Varys para descobrir o que pudesse.

Aquilo fê-la estacar. Esquecera-se de Varys. *Ele devia estar aqui. Está sempre aqui.* Sempre que algo de importância acontecia na Fortaleza Vermelha, o eunuco aparecia como que saído de parte nenhuma. *Jaime está aqui, bem como o tio Kevan, Pycelle chegou e partiu, mas Varys não.* Um dedo frio tocou-lhe a espinha. *Ele participou nisto. Deve ter temido que o pai quisesse cortar-lhe a cabeça, portanto atacou primeiro.* O Lorde Tywin nunca sentira nenhuma amizade pelo afectado mestre dos sussurros. E se havia homem que conhecia os segredos da Fortaleza Vermelha, era certamente o mestre dos sussurros. *Ele deve ter feito causa comum com o Lorde Stannis. Afinal de contas, serviram juntos no conselho de Robert...*

Cersei dirigiu-se à porta do quarto, para falar com Sor Meryn Trant.

— Trant, trazei-me o Lorde Varys. Guinchando e esperneando, se tiver de ser, mas ileso.

— Às ordens de Sua Graça.

Mas assim que um homem da Guarda Real partiu, outro regressou. Sor Boros Blount estava corado e ofegava da corrida precipitada pelos degraus acima.

— Desapareceu — arquejou, quando viu a rainha. Caiu sobre um joelho. — O Duende... tem a cela aberta, Vossa Graça... não há sinal dele em sítio nenhum...

O sonho era verdadeiro.

— Eu dei ordens — disse. — Ele deveria ser mantido sob guarda, de dia e de noite...

O peito de Blount palpitava.

— Um dos carcereiros também desapareceu. Chamava-se Rugen. Dois outros homens foram encontrados a dormir.

Foi com dificuldade que evitou gritar.

— Espero que não os tenhais acordado, Sor Boros. Deixai-os dormir.

— Dormir? — Ergueu o olhar, queixudo e confuso. — Sim, Vossa Graça. Quanto tempo deverá...

— Para sempre. Certificai-vos de que eles dormem para sempre, sor. Não admitirei que guardas durmam em serviço. — *Ele está nas paredes. Ele*

matou o pai, tal como matou a mãe, e tal como matou Joff. O anão também viria atrás dela, a rainha sabia-o, tal como a velha vaticinara na escuridão daquela tenda. *Eu ri-me na cara dela, mas a mulher tinha poderes. Vi o meu futuro numa gota de sangue. A minha perdição.* Sentia as pernas fracas como água. Sor Boros tentou pegar-lhe no braço, mas a rainha afastou-se do seu toque. Tanto quanto sabia, ele podia ser uma das criaturas de Tyrion. — Afastai-vos de mim — disse. — *Afastai-vos!* — Cambaleou até um banco.

— Vossa Graça? — disse Blount. — Deverei ir buscar-vos uma taça de água?

Eu preciso é de sangue, não de água. O sangue de Tyrion, o sangue do valonqar. Os archotes rodopiaram à sua volta. Cersei fechou os olhos, e viu o anão a sorrir-lhe. *Não, pensou, não, já me tinha quase visto livre de ti.* Mas os dedos dele tinham-se fechado em torno do seu pescoço, e sentia-os a começar a apertar.

— Ando à procura de uma donzela de treze anos — disse ela à dona de casa de cabelo grisalho junto ao poço da aldeia. — Uma donzela bem nascida e muito bela, com olhos azuis e cabelo ruivo. Pode viajar com um cavaleiro corpulento de quarenta anos, ou talvez com um bobo. Havei-la visto?

— Que me lembre não, sor — disse a mulher batendo na testa com os nós dos dedos. — Mas vou ficar alerta, ah isso vou.

O ferreiro também não a tinha visto, e o septão do septo da aldeia também não, ou a rapariga que arrancava cebolas do seu jardim, ou qualquer outra das pessoas simples que a Donzela de Tarth encontrou entre as cabanas de taipa de Rosby. Mesmo assim, persistiu. *Este é o caminho mais curto para Valdocaso*, disse Brienne a si própria. *Se Sansa veio por aqui, alguém deve tê-la visto*. Aos portões do castelo fez a sua pergunta aos dois lancheiros cujas divisas mostravam três asnas vermelhas em arminho, as armas da Casa Rosby.

— Se ela está na estrada por estes dias, não será donzela por muito tempo — disse o homem mais velho. O mais novo quis saber se a rapariga era também ruiva entre as pernas.

Aqui não encontrarei ajuda. Quando Brienne voltou a montar, vislumbrou um rapaz magricela em cima de um pigarço na outra ponta da aldeia. *Não falei com aquele*, pensou, mas o rapaz desapareceu atrás do septo antes de ter tempo de o interrogar. Não se incomodou em segui-lo. O mais certo era ele não saber mais do que os outros. Rosby pouco mais era do que um sítio mais largo na estrada; Sansa não teria motivo algum para se demorar ali. Regressando à estrada, Brienne seguiu para norte e para leste, passando por pomares de macieiras e campos de cevada, e depressa deixou a aldeia e o seu castelo bem para trás. Seria em Valdocaso que encontraria a sua presa, disse ela a si própria. *Se é que Sansa veio nesta direcção*.

— Encontrarei a rapariga e mantê-la-ei a salvo — prometera Brienne a Sor Jaime, em Porto Real. — Pela senhora sua mãe. E por vós. — Nobres palavras, mas proferir palavras era fácil. Agir era difícil. Demorara-se demasiado e ficara a saber muito pouco na cidade. *Devia ter partido mais cedo... mas para onde?* Sansa Stark desaparecera na noite em que o Rei Joffrey morrera, e se alguém a vira desde então, ou tivera algum indício do local para onde se poderia dirigir, não falava. *Comigo, pelo menos*.

Brienne estava convencida de que a rapariga deixara a cidade. Se

ainda estivesse em Porto Real, os homens de mantos dourados tê-la-iam encontrado. Tinha de ter ido para outro sítio... mas outro sítio é um lugar muito grande. *Se eu fosse uma donzela acabada de florir, só e assustada, em desesperado perigo, o que faria?*, perguntara a si própria. *Para onde iria?* Para ela, a resposta foi simples. Regressaria a Tarth, para junto do pai. Mas o pai de Sansa fora decapitado na sua frente. A senhora sua mãe também estava morta, assassinada nas Gémeas, e Winterfell, a grande fortificação dos Stark, fora saqueada e queimada, e a sua gente passada pela espada. *Ela não tem um lar para onde correr, não tem pai, não tem mãe, não tem irmãos.* Podia estar na vila seguinte, ou num navio com destino a Asshai; uma coisa parecia tão provável como a outra.

Mesmo se Sansa Stark tivesse querido ir para casa, como chegaria lá? A estrada do rei não era segura; até uma criança saberia disso. Os homens de ferro controlavam Fosso Cailin no meio do Gargalo, e nas Gémeas estavam os Frey, que tinham assassinado o irmão de Sansa e a senhora sua mãe. A rapariga podia ir por mar se tivesse dinheiro, mas o porto em Porto Real continuava em ruínas, com o rio transformado numa confusão de cais quebrados e galés incendiadas e afundadas. Brienne fizera perguntas ao longo das docas, mas ninguém conseguia lembrar-se de um navio ter partido na noite em que o Rei Joffrey morrera. Alguns navios mercantes tinham vindo a ancorar na baía e a descarregar por intermédio de botes, dissera-lhe um homem, mas eram mais os que prosseguiam ao longo da costa até Valdocaso, cujo porto nunca tivera tanto movimento.

A égua de Brienne era linda de se ver, e manteve um belo ritmo. Havia mais viajantes do que teria imaginado ser possível. Irmãos mendicantes passavam por ela com as tigelas penduradas ao pescoço. Um jovem septão passou a galope num palafrém tão fino como o de um qualquer lorde, e mais tarde encontrou um bando de irmãs silenciosas que abanaram as cabeças quando Brienne lhe fez as suas perguntas. Um comboio de carros de bois arrastava-se penosamente para sul com cereais e sacas de lã, e mais tarde passou por um criador de porcos que levava uma vara de animais, e por uma velha numa liteira a cavalo com uma escolta de guardas montados. Perguntou-lhes a todos se teriam visto uma rapariga de nascimento elevado com treze anos, olhos azuis e cabelo ruivo. Nenhum vira. Interrogou-os também acerca da estrada que tinha em frente.

— Daqui a Valdocaso tá bastante segura — disse-lhe um homem — mas depois de Valdocaso há foras-da-lei e homens quebrados na floresta.

Só os pinheiros marciais e as árvores sentinela ainda ostentavam verde; as árvores de folha caduca tinham vestido mantos de castanho-avermelhado e dourado, ou então haviam-se descoberto para arranhar o céu com ramos castanhos e nus. Cada rajada de vento fazia com que a estrada

sulcada fosse atravessada por rodopiantes nuvens de folhas mortas. Faziam um som roçagante ao esgueirar-se junto aos cascos da grande égua baixa que Jaime Lannister lhe outorgara. *É tão fácil encontrar uma folha no vento como uma rapariga perdida em Westeros.* Deu por si a interrogar-se sobre se Jaime lhe teria atribuído aquela tarefa como uma cruel forma de gracejo. Talvez Sansa Stark estivesse morta, decapitada pelo papel desempenhado na morte do Rei Joffrey, enterrada nalguma sepultura anónima. Que melhor forma de esconder o seu assassinio do que enviar uma rapariga grande e estúpida de Tarth à sua procura?

Jaime não faria isso. Ele foi sincero. Deu-me a espada, e chamou-lhe Cumpridora de Promessas. Fosse como fosse, não fazia diferença. Prometiera à Senhora Catelyn que lhe traria as filhas de volta, e não havia promessa mais solene do que aquela feita aos mortos. A rapariga mais nova estava há muito morta, afirmava Jaime; a Arya que os Lannister tinham enviado para norte a fim de se casar com o bastardo de Roose Bolton era uma fraude. Só ficava Sansa. Brienne tinha de encontrá-la.

Perto do ocaso, viu uma fogueira de acampamento a arder ao lado de um regato. Dois homens encontravam-se sentados junto dela grelhando trutas, com as armas e armaduras empilhadas por baixo de uma árvore. Um deles era velho e o outro algo mais novo, embora estivesse longe de ser jovem. O homem mais novo ergueu-se para a saudar. Tinha uma grande barriga que lhe esticava os cordões do justilho malhado de pele de corça. Uma barba hirsuta e por aparar cobria-lhe o rosto e o queixo da cor de ouro antigo.

— Temos truta que chegue para três, sor — gritou.

Não era a primeira vez que Brienne era confundida com um homem. Tirou o elmo, deixando que o cabelo se derramasse, livre. Era amarelo, da cor da palha seca, e quase igualmente quebradiço. Longo e fino, foi soprado em volta dos seus ombros.

— Agradeço-vos, sor.

O cavaleiro andante semicerrou os olhos com um tal zelo que ela compreendeu que o homem devia ser míope.

— Sois uma senhora, é? Armada e vestida de armadura? Illy, pela bondade dos deuses, o *tamanho* que ela tem.

— Também a tomei por um cavaleiro — disse o mais velho, virando as trutas.

Se Brienne fosse um homem, chamar-lhe-iam grande; para uma mulher, era enorme. *Monstruoso* era a palavra que ouvira a vida inteira. Era larga de ombros e mais larga nas ancas. As pernas eram longas, os braços grossos. O peito era mais músculo do que seio. As mãos eram grandes, os pés enormes. E além do mais era feia, com uma cara cavalariça e sardenta e

dentes que pareciam ser quase grandes demais para a boca. Não precisava que lhe recordassem de nada daquilo.

— Sores — disse — vistas uma donzela de treze anos na estrada? Tem olhos azuis e cabelo rubro, e podia estar na companhia de um homem robusto de rosto ruborizado com quarenta anos.

O cavaleiro andante míope coçou a cabeça.

— Não me lembro de nenhuma donzela assim. Que tipo de cabelo é o rubro?

— Vermelho-acastanhado, normalmente — disse o homem mais velho. — Não, não a vimos.

— Não a vimos, s'nhora — disse-lhe o mais novo. — Vinde, desmontai, o peixe está quase pronto. Tendes fome?

De facto tinha, mas também tinha cautela. A reputação dos cavaleiros andantes era duvidosa. “Um cavaleiro andante e um cavaleiro assaltante são dois lados da mesma espada”, dizia-se. *Aqueles dois não parecem muito perigosos.*

— Posso saber os vossos nomes, sores?

— Tenho a honra de ser Sor Creighton Longbough, sobre o qual cantam os cantores — disse o barrigudo. — Tereis ouvido falar dos meus feitos na Água Negra, talvez. O meu companheiro é Sor Illifer, o Sem-Vintém.

Se havia canções sobre Creighton Longbough, não eram das que Brienne tivesse ouvido. Os nomes dos homens não tinham mais significado para ela do que as suas armas. O escudo verde de Sor Creighton mostrava apenas um chefe castanho, e uma profunda ranhura feita por algum machado de guerra. O de Sor Illifer mostrava-se gironado de ouro e arminho, embora tudo nele sugerisse que nunca conhecera mais do que ouro pintado e arminho pintado. Não teria menos de sessenta anos, e possuía um rosto atormentado e estreito, sob o capuz de um manto remendado de tecido grosseiro. Andava vestido de cota de malha, mas pontos de ferrugem sarapintavam o ferro como sardas. Brienne era uma cabeça mais alta do que qualquer dos dois, e estava melhor montada e melhor armada também. *Se eu temer homens como estes, é melhor que troque a espada por um par de agulhas de malha.*

— Agradeço-vos, bons sores — disse. — De bom grado partilharei a vossa truta. — Desmontando, Brienne tirou a sela à égua e deu-lhe de beber antes de a prender, deixando-a pastar. Empilhou as armas, escudo e alforques por baixo de um ulmeiro. Quando terminou, a truta já estava pronta e estaladiça. Sor Creighton trouxe-lhe um peixe, e Brienne sentou-se de pernas cruzadas no chão para o comer.

— Dirigimo-nos a Valdocaso, s'nhora — disse-lhe Longbough, enquanto desfazia a sua truta com os dedos. — Faríeis bem em seguir conosco. As estradas são perigosas.

Brienne poderia ter-lhe contado mais sobre os perigos das estradas do que ele gostaria de saber.

— Agradeço-vos, sor, mas não tenho necessidade da vossa protecção.

— Insisto. Um verdadeiro cavaleiro deve proteger o sexo gentil.

Brienne tocou o cabo da espada.

— Isto defender-me-á, sor.

— Uma espada tem apenas o valor do homem que a brande.

— Eu brando-a suficientemente bem.

— Como quiserdes. Não seria cortês discutir com uma senhora. Levá-vos-emos em segurança até Valdocaso. Um grupo de três pode cavalgar de forma mais segura do que uma pessoa sozinha.

Éramos três quando partimos de Correrrio, e no entanto Jaime perdeu a mão da espada e Cleos Frey a vida.

— As vossas montadas não seriam capazes de acompanhar o ritmo da minha. — O castrado castanho de Sor Creighton era uma velha criatura com o dorso demasiado curvo e olhos ramelosos, e o cavalo de Sor Illifer parecia pouco robusto e meio morto de fome.

— O meu corcel serviu-me bastante bem na Água Negra — insisti Sor Creighton. — Ora, aí realizei grande carnificina e conquistei uma dúzia de resgates. A s'nhora estava familiarizada com Sor Herbert Bolling? Nunca o encontrareis agora. Matei-o de um golpe. Quando as espadas se encontram, nunca encontrareis Sor Creighton Longbough na retaguarda.

O companheiro soltou um risinho seco.

— Creigh, pára com isso. Gente como ela não tem uso a dar a gente como nós.

— Gente como eu? — Brienne não tinha certeza do que ele queria dizer.

Sor Illifer entortou um dedo ossudo na direcção do seu escudo. Embora a tinta estivesse estalada e a cair, o símbolo via-se com clareza: um morcego negro num campo dividido em banda, de prata e ouro.

— Usais um escudo de mentiroso, ao qual não tendes direito. O avô do meu avô ajudou a matar os últimos dos Lothston. Ninguém desde então se atreveu a mostrar esse morcego, negro como as acções daqueles que o usavam.

O escudo era aquele que Sor Jaime levava do armeiro de Harrenhal. Brienne encontrara-o nos estábulos com a égua e com muitas outras coisas; sela e freios, lorigão de cota de malha e grande elmo com viseira, bolsas de ouro e prata e um pergaminho mais valioso do que qualquer uma delas.

— Perdi o meu escudo — explicou.

— Um verdadeiro cavaleiro é o único escudo de que uma donzela necessita — declarou Sor Creighton em tom resolutivo.

Sor Illifer não lhe ligou.

— Um homem descalço procura uma bota, um homem enregelado um manto. Mas quem se envolveria em vergonha? O Lorde Lucas usou o morcego, bem como o Proxeneta e Manfryd do Capuz Negro, seu filho. Porquê usar um tal brasão, pergunto eu a mim próprio, a menos que o vosso pecado seja ainda maior... e mais *fresco*. — Desembainhou o punhal, um feio bocado de ferro barato. — Uma mulher monstruosamente grande e monstruosamente forte que esconde as suas verdadeiras cores. Creigh, contempla a Donzela de Tarth, que abriu a real goela de Renly.

— Isso é uma mentira. — Renly Baratheon fora mais do que um rei para ela. Amara-o desde que ela pela primeira vez viera a Tarth durante a sua vagarosa viagem senhorial, com que marcara a passagem à idade adulta. O pai dera-lhe as boas-vindas com um banquete e ordenara a Brienne para estar presente; de outro modo ter-se-ia escondido no seu quarto como uma fera ferida. Nessa época não era mais velha do que Sansa, e temia mais os risos abafados do que as espadas. *Eles saberão da rosa*, dissera ao Lorde Selwyn, *rir-se-ão de mim*. Mas a Estrela da Tarde não quisera ceder.

E Renly Baratheon mostrara-lhe toda a cortesia, como se ela fosse uma donzela como devia ser, e bonita. Até dançara com ela, e nos seus braços sentira-se graciosa, e os seus pés tinham flutuado pelo chão fora. Mais tarde outros pediram-lhe uma dança, por causa do exemplo dado por ele. Desse dia em diante, só desejara estar perto do Lorde Renly, servi-lo e protegê-lo. Mas no fim, falhara-lhe. *Renly morreu nos meus braços, mas não o matei*, pensou, mas aqueles cavaleiros andantes nunca compreenderiam.

— Teria dado a vida pelo Rei Renly e morrido feliz — disse. — Não lhe fiz nenhum mal. Juro-o pela minha espada.

— Quem jura pela espada são os cavaleiros — disse Sor Creighton.

— Jurai pelos Sete — sugeriu Illifer, o Sem-Vintém.

— Seja pelos Sete. Não fiz nenhum mal ao Rei Renly. Juro-o pela Mãe. Que nunca conheça a sua misericórdia se minto. Juro-o pelo Pai, e peço que ele me possa julgar com justiça. Juro-o pela Donzela e pela Velha, pelo Ferreiro e pelo Guerreiro. E juro-o pelo Estranho, e que ele me leve agora se sou falsa.

— Ela jura bem, para uma donzela — admitiu Sor Creighton.

— Pois — Sor Illifer, o Sem-Vintém encolheu os ombros. — Bem, se mentiu os deuses tratarão dela. — Voltou a guardar o punhal. — O primeiro turno de vigia é vosso.

Enquanto os cavaleiros andantes dormiam, Brienne passeou-se sem descanso pelo pequeno acampamento, escutando o crepitar da fogueira. *Devia seguir caminho enquanto posso*. Não conhecia aqueles homens, mas não conseguia convencer-se a abandoná-los sem defesa. Mesmo no cerra-

do da noite, havia viajantes na estrada e ruídos nos bosques que podiam, ou não, ser corujas e raposas à caça. E assim Brienne passeou-se, e manteve a lâmina solta dentro da bainha.

No fim de contas, o turno foi fácil. *Depois é que se tornou difícil*, quando Sor Illifer acordou e disse que a renderia. Brienne abriu uma manta no chão e enrolou-se para fechar os olhos. *Não dormirei*, disse a si própria, apesar de se encontrar exausta até aos ossos. Nunca dormira facilmente na presença de homens. Mesmo nos acampamentos do Lorde Renly, o risco de violação estava sempre presente. Era uma lição que aprendera sob as muralhas de Jardim de Cima, e voltara a aprender quando ela e Jaime caíram nas mãos dos Bravos Companheiros.

O frio da terra infiltrou-se através dos cobertores da Brienne e enfiou-se-lhe nos ossos. Não demorou muito a sentir cada músculo preso e dorido, do queixo aos dedos dos pés. Perguntou a si própria se Sansa Stark teria também frio, onde quer que estivesse. A Senhora Catelyn dissera que Sansa era uma alma gentil que adorava bolos de limão, vestidos de seda e canções de cavalaria, mas a rapariga vira a cabeça do pai a saltar e fora forçada a casar depois com um dos seus assassinos. Se metade das histórias fossem verdadeiras, o anão era o mais cruel de todos os Lannister. *Se ela envenenou o Rei Joffrey, o Duende certamente a forçou. Ela estava só e sem amigos naquela corte.* Em Porto Real, Brienne encontrara uma certa Brella, que fora uma das aias de Sansa. A mulher dissera-lhe que havia pouco calor entre Sansa e o anão. Talvez andasse fugida tanto dele como do assassinio de Joffrey.

Quaisquer sonhos que Brienne pudesse ter sonhado haviam desaparecido quando a aurora a despertou. Sentia as pernas hirtas como madeira devido ao terreno frio, mas ninguém a molestara, e os seus bens mantinham-se intactos. Os cavaleiros andantes estavam acordados e a pé. Sor Illifer esfolava um esquilo para o pequeno-almoço, enquanto Sor Creighton estava virado para uma árvore, aliviando-se numa boa e longa mijadela. *Cavaleiros andantes, pensou, velhos, vaidosos, roliços e míopes, mas apesar de tudo homens decentes.* Animava-a saber que ainda existiam homens decentes no mundo.

Quebraram o jejum com esquilo assado, papa de bolota e picles, enquanto Sor Creighton a regalava com as suas façanhas na Água Negra, onde matara uma dúzia de temíveis cavaleiros de que ela nunca ouvira falar.

— Oh, foi uma luta fora do comum, s'nhora — disse — uma refrega invulgar e sangrenta. — Admitiu que Sor Illifer também lutara nobremente na batalha. O próprio Illifer pouco disse.

Quando chegou o momento de reatarm a viagem, os cavaleiros puseram-se um de cada lado dela, como guardas a proteger uma qualquer

grande senhora... embora aquela senhora fizesse de ambos os protectores anões e estivesse na ocasião melhor armada e couraçada.

— Alguém passou durante os vossos turnos? — perguntou-lhes Brienne.

— Alguém assim como uma donzela de treze anos, com cabelo ru-bro? — disse Sor Illifer, o Sem-Vintém. — Não, senhora. Ninguém.

— Eu tive uns quantos — interpôs Sor Creighton. — Um moço de lavoura qualquer montado num cavalo pigarço, e meia hora mais tarde meia dúzia de homens a pé com bordões e gadanhas. Viram a nossa fogueira, e pararam para deitar um longo olhar aos nossos cavalos, mas eu mostrei-lhes um vislumbre do meu aço e disse-lhes para prosseguirem caminho. Tipos duros, pelo aspecto, e também desesperados, mas não o suficiente p'ra brincar com Sor Creighton Longbough.

Pois não, pensou Brienne, assim tão desesperados, não. Virou a cabeça para esconder o sorriso. Felizmente, Sor Creighton estava demasiado ab-sorto na história da sua épica batalha com o Cavaleiro da Galinha Vermelha para reparar no divertimento da donzela. Era bom ter companheiros na estrada, mesmo companheiros como aqueles dois.

Era meio-dia quando Brienne ouviu cânticos à deriva através das ár-vores nuas e castanhas.

— Que som é aquele? — perguntou Sor Creighton.

— Vozes, erguidas em prece. — Brienne conhecia o cântico. *Estão a implorar protecção ao Guerreiro e a pedir à Velha que lhes ilumine o caminho.*

Sor Illifer, o Sem-Vintém, desnudou a sua lâmina amolgada e refreou o cavalo para esperar a chegada do grupo.

— Já estão próximos.

Os cânticos enchiam a floresta como um trovão piedoso. E de súbito a fonte do som surgiu na estrada. Um grupo de irmãos suplicantes seguia à frente, homens mal vestidos e barbudos com vestes de tecido grosseiro, alguns descalços e outros de sandálias. Atrás deles marchavam três vintenas de homens, mulheres e crianças esfarrapadas, uma porca malhada e várias ovelhas. Vários dos homens traziam machados, e eram mais os que empunhavam cacetes e mocas toscas. Por entre eles seguia uma carroça de duas rodas feita de madeira cinzenta e lascada, contendo uma grande pilha de crânios e bocados quebrados de osso. Quando viram os cavaleiros andantes, os irmãos mendicantes fizeram alto, e o cântico morreu.

— Bons cavaleiros — disse um deles — a Mãe ama-vos.

— E a vós, irmão — disse Sor Illifer. — Quem sois?

— Pobres companheiros — disse um homem grande com um machado. Apesar do frio da floresta outonal, não trazia camisa, e no peito tinha cinzelada uma estrela de sete pontas. Guerreiros ándalos ostentavam

estrelas daquelas gravadas na carne quando atravessaram pela primeira vez o mar estreito para esmagar os reinos dos Primeiros Homens.

— Marchamos para a cidade — disse uma mulher alta de detrás da carroça — para levar estes ossos sagrados ao Abençoado Baelor, e procurar o auxílio e a protecção do rei.

— Juntai-vos a nós, amigos — exortou um homem magro e pequeno que trajava uma veste de septão no fio e usava um cristal numa correia em volta do pescoço. — Westeros tem falta de todas as espadas.

— Nós dirigimo-nos a Valdocaso — declarou Sor Creighton — mas talvez pudéssemos levar-vos em segurança até Porto Real.

— Caso tendes dinheiro para nos pagar pela escolta — acrescentou Sor Illifer, que parecia tão prático como sem vintém.

— Os pardais não têm necessidade de ouro — disse o septão.

Sor Creighton não compreendeu.

— Pardais?

— O pardal é a mais humilde e a mais comum das aves, tal como nós somos os mais humildes e mais comuns dos homens. — O septão possuía uma cara magra e angulosa e uma curta barba, grisalha e castanha. O seu cabelo fino estava puxado para trás e atado atrás da cabeça e tinha os pés nus e negros, nodosos e duros como raízes de uma árvore. — Estes são os ossos de homens santos, assassinados pela sua fé. Serviram os Sete até à morte. Alguns morreram à fome, outros foram torturados. Septos foram pilhados, donzelas e mães violadas por homens ímpios e adoradores de demónios. Até irmãs silenciosas foram molestadas. A nossa Mãe no Céu grita na sua angústia. É altura de todos os cavaleiros ungidos abandonarem os seus senhores terrenos e defenderem a nossa Fé Sagrada. Vinde connosco para a cidade, caso ameis os Sete.

— Tenho bastante amor por eles — disse Illifer — mas preciso de comer.

— Tal como todos os filhos da Mãe.

— Vamos para Valdocaso — disse Sor Illifer terminantemente.

Um dos irmãos mendicantes cuspiu, e uma mulher soltou um gemido.

— Sois falsos cavaleiros — disse o grandalhão com a estrela gravada no peito. Vários dos outros brandiram cacetes.

O septão descalço acalmou-os com uma palavra.

— Não julgueis, pois o julgamento cabe ao Pai. Deixai-os passar em paz. Eles também são pobres companheiros, perdidos na terra.

Brienne fez a égua avançar.

— A minha irmã também está perdida. Uma rapariga de treze anos com cabelo ruivo, bonita de se ver.

— Todos os filhos da Mãe são bonitos de se ver. Que a Donzela vigie esta pobre rapariga... e a vós também, julgo eu. — O septão pôs um dos tirantes da carroça ao ombro e começou a puxar. Os irmãos mendicantes recomeçaram o cântico. Brienne e os cavaleiros andantes ficaram parados, montados nos cavalos, enquanto a procissão passava lentamente por eles, seguindo a estrada sulcada na direcção de Rosby. O som dos seus cânticos foi lentamente minguando até morrer.

Sor Creighton ergueu uma nádega da sela para coçar o traseiro.

— Que tipo de homem mataria um santo septão?

Brienne conhecia esse tipo de homem. Perto de Lagoa da Donzela, recordava-se, os Bravos Companheiros tinham pendurado um septão, de cabeça para baixo, do ramo de uma árvore, e usado o seu cadáver para praticar tiro ao alvo. Perguntou a si própria se os seus ossos estariam empilhados naquela carroça com todos os outros.

— Um homem teria de ser um idiota para violar uma irmã silenciosa — estava Sor Creighton a dizer. — Ou até para pôr as mãos numa... diz-se que são as esposas do Estranho, e as suas partes femininas são frias e húmidas como gelo. — Deitou um relance a Brienne. — Ah... peço perdão.

Brienne esporeou a égua na direcção de Valdocaso. Um momento depois, Sor Illifer seguiu-a, e Sor Creighton fechou a retaguarda.

Três horas mais tarde encontraram outro grupo que seguia penosamente na direcção de Valdocaso; um mercador e os seus criados, acompanhados por outro cavaleiro andante. O mercador montava uma égua cinzenta sarapintada, enquanto os criados se revezavam a puxar o seu carro. Quatro esforçavam-se aos tirantes enquanto os outros dois caminhavam ao lado das rodas, mas quando ouviram o som de cavalos, formaram em volta do carro com paus de freixo ferrados prontos a usar. O mercador puxou de uma besta, o cavaleiro de uma espada.

— Ireis perdoar a minha suspeita — gritou o mercador — mas os tempos são conturbados, e só tenho o bom Sor Shadrich para me defender. Quem sois?

— Ora — disse Sor Creighton, ofendido — eu sou o famoso Sor Creighton Longbough, vindo da batalha da Água Negra, e este é o meu companheiro, Sor Illifer, o Sem-Vintém.

— Não pretendemos fazer-vos nenhum mal — disse Brienne.

O mercador avaliou-a com ar duvidoso.

— Senhora, devíeis estar a salvo em casa. Porque usais um vestuário tão pouco natural?

— Ando em busca da minha irmã. — Não se atrevia a mencionar o nome de Sansa, com a rapariga acusada de regicídio. — É uma donzela bem

nascida e bela, com olhos azuis e cabelo ruivo. Talvez a tenhais visto com um cavaleiro robusto de quarenta anos, ou um bobo bêbado.

— As estradas estão cheias de bobos bêbados e de donzelas espoliadas. Quanto a cavaleiros robustos, é difícil a qualquer homem honesto manter a barriga redonda quando a tantos falta comida... embora o vosso Sor Creighton não tenha passado fome, ao que parece.

— Tenho ossos grandes — insistiu Sor Creighton. — Seguimos juntos por algum tempo? Não duvido do valor de Sor Shadrich, mas ele parece pequeno, e é melhor três lâminas do que uma.

Quatro lâminas, pensou Brienne, mas controlou a língua.

O mercador olhou para a sua escolta.

— O que dizeis, sor?

— Oh, estes três não são nada a temer. — Sor Shadrich era um homem seco e nervoso com cara de raposa, um nariz aguçado e uma meda de cabelo cor de laranja, montado num corcel acastanhado de pernas altas. Embora não pudesse ter mais de um metro e cinquenta e cinco, possuía modos senhores de si. — Aquele é velho, o outro gordo, e a grande é mulher. Que venham.

— Assim seja. — O mercador baixou a besta.

Quando reataram a viagem, o cavaleiro contratado deixou-se ficar para trás e olhou Brienne de cima a baixo como se ela fosse uma peça de bom porco salgado.

— És uma rapariga forte e saudável, parece.

A troça de Sor Jaime golpeara-a profundamente; as palavras do homenzinho quase nem lhe tocaram.

— Uma gigante, comparada com certos homens.

Ele riu-se.

— Sou suficientemente grande onde conta, rapariga.

— O mercador chamou-vos Shadrich.

— Sor Shadrich de Vale Sombrio. Há quem me chame Rato Louco. — Virou o escudo para lhe mostrar o seu símbolo, um grande rato branco com ferozes olhos vermelhos, sobre bandas de castanho e azul. — O castanho simboliza as terras que percorri, o azul os rios que atravesssei. O rato sou eu.

— E sois louco?

— Oh, bastante. Um rato comum fugirá do sangue e da batalha. O rato louco procura-os.

— Aparentemente é raro encontrá-los.

— Encontro-os o suficiente. É verdade que não sou nenhum cavaleiro de torneios. Guardo o meu valor para o campo de batalha, mulher.

Supunha que *mulher* era marginalmente melhor do que *rapariga*.

— Então vós e o bom Sor Creighton tendes muito em comum.

Sor Shadrich riu-se.

— Oh, duvido, mas pode ser que vós e eu partilhemos uma demanda. Uma irmãzinha perdida, não é? Com olhos azuis e cabelo ruivo? — Voltou a rir-se. — Não sois o único caçador nos bosques. Eu também procuro Sansa Stark.

Brienne manteve o rosto numa máscara, para esconder a consternação.

— Quem é essa Sansa Stark, e porque é que a procurais?

— Por amor, que outra coisa poderia ser?

Brienne enrugou a testa.

— Amor?

— Pois, amor pelo ouro. Ao contrário do nosso bom Sor Creighton, eu realmente lutei na Água Negra, mas do lado perdedor. O meu resgate arruinou-me. Sabeis quem é Varys, espero? O eunuco ofereceu um saco rechonchudo de ouro por essa rapariga de que nunca ouvistes falar. Não sou um homem ganancioso. Se alguma rapariga grande demais me ajudasse a encontrar essa criança marota, eu dividiria o dinheiro da Aranha com ela.

— Julguei que estívésseis a soldo do mercador.

— Só até Valdocaso. Hibald é tão avarento como temeroso. E é *muito* temeroso. Que dizes, rapariga?

— Não conheço nenhuma Sansa Stark — insistiu ela. — Ando à procura da minha irmã, uma rapariga bem nascida...

— ... com olhos azuis e cabelo ruivo, pois. Diz-me, quem é esse cavaleiro que viaja com a tua irmã? Ou será que lhe chamaste bobo? — Sor Shadrich não esperou pela resposta dela, o que era bom, visto que não tinha nenhuma. — Um certo bobo desapareceu de Porto Real na noite da morte do Rei Joffrey, um tipo robusto com um nariz cheio de veias rotas, um certo Sor Dontos, o Vermelho, originalmente de Valdocaso. Rezo para que a vossa irmã e o bobo bêbado *dela* não sejam confundidos com a rapariga Stark e Sor Dontos. Isso poderia ser um grande infortúnio. — Deu de calcanhares ao corcel e avançou a trote.

Até Jaime Lannister só raramente fizera com que Brienne se sentisse uma tola tão grande. *Não és o único caçador nos bosques*. A mulher, Brella, contara-lhe como Joffrey despojara Sor Dontos das esporas, como a Senhora Sansa suplicara a Joffrey que lhe poupasse a vida. *Ele ajudou-a a fugir*, decidira Brienne, quando ouvira a história. *Se encontrar Sor Dontos, encontrarei Sansa*. Deveria ter sabido que outros também o compreenderiam. *Alguns podem mesmo ser menos palatáveis do que Sor Shadrich*. Só podia esperar que Sor Dontos tivesse escondido Sansa bem. *Mas se assim for, como é que eu a encontro?*

Fez descair os ombros e prosseguiu caminho, de cenho carregado.

A noite já se instalava quando o grupo chegou a uma estalagem, um edifício alto de madeira que se erguia junto à confluência de dois rios, empoleirada numa velha ponte de pedra. Era esse o nome da estalagem, disse-lhes Dor Creighton: A Velha Ponte de Pedra. O estalajadeiro era amigo seu.

— Não é mau cozinheiro, e os quartos não têm mais pulgas do que é hábito — assegurou. — Quem é a favor de uma cama quente esta noite?

— Nós não, a não ser que o teu amigo as esteja a oferecer — disse Sor Illifer, o Sem-Vintém. — Não temos dinheiro para quartos.

— Posso pagar por nós três. — Brienne não tinha falta de dinheiro; Jaime tratara disso. Nos alforges encontrara uma bolsa cheia de veados de prata e estrelas de cobre, outra mais pequena atulhada de dragões de ouro, e um pergaminho ordenando a todos os súbditos leais do rei para prestarem assistência à portadora, Brienne da Casa Tarth, que andava a tratar de assuntos de Sua Graça. Estava assinado numa letra infantil por Tommen, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, e Senhor dos Sete Reinos.

Hibald estava também a parar, e pediu aos seus homens para deixarem a carroça perto dos estábulos. Uma quente luz amarela brilhava através das vidraças em forma de losango das janelas da estalagem, e Brienne ouviu um garanhão bramir ao sentir o cheiro da sua égua. Estava a desprender a sela quando um rapaz saiu da porta do estábulo e disse:

— Deixai-me fazer isso, sor.

— Não sou nenhum *sor* — disse-lhe — mas podes levar a égua. Certifica-te de que ela é alimentada e escovada e que lhe dão de beber.

O rapaz ruborizou-se.

— Peço perdão, s'nhora. Pensei...

— É um erro comum. — Brienne entregou-lhe as rédeas e seguiu os outros para a estalagem, com os alforges ao ombro e o rolo de dormir debaixo de um braço.

Serradura cobria o chão de tábuas da sala comum, e o ar cheirava a lúpulo, fumo e carne. Um assado silvava e crepitava ao fogo, de momento sem ninguém a tratar dele. Seis homens da terra estavam sentados em volta de uma mesa, conversando, mas interromperam-se quando os estranhos entraram. Brienne sentiu os seus olhos. Apesar da cota de malha, do manto e do justilho, sentiu-se nua. Quando um homem disse:

— Olhai-me para aquilo — soube que não estava a falar de Sor Shadrich.

O estalajadeiro apareceu, trazendo três canecas em cada mão e derramando cerveja a cada passo.

— Tendes quartos, bom homem? — perguntou-lhe o mercador.
— Pode ser que tenha — respondeu o estalajadeiro — para quem tiver dinheiro.

Sor Creighton Longbough pareceu ofendido.

— Naggle, é assim que saúdas um velho amigo? Sou eu, o Longbough.

— És tu, és. Deves-me sete veados. Mostra-me alguma prata, e eu mostro-te uma cama. — O estalajadeiro pousou as canecas uma a uma, derramando mais cerveja sobre a mesa enquanto o fazia.

— Pago por um quarto para mim e por outro para os meus dois companheiros. — Brienne indicou Sor Creighton e Sor Illifer.

— Eu também vou querer um quarto — disse o mercador — para mim e para o bom Sor Shadrich. Os meus criados dormirão nos vossos estábulos, se vos aprover.

O estalajadeiro olhou-os bem.

— Não me apraz, mas pode ser que deixe. Ides querer jantar? Aquilo ali no espeto é uma boa cabra, oh se é.

— Eu próprio julgarei se ela é boa ou não — anunciou Hibald. — Os meus homens contentar-se-ão com pão e gordura do assado.

E assim jantaram. Brienne experimentou a cabra, depois de seguir o estalajadeiro pela escada acima, de lhe enfiar umas quantas moedas na mão e de armazenar as suas posses no segundo quarto que o homem lhe mostrou. Pediu também cabra para Sor Creighton e para Sor Illifer, visto que tinham partilhado as trutas com ela. Os cavaleiros andantes e o septão empurraram a carne para baixo com cerveja, mas Brienne bebeu uma taça de leite de cabra. Ficou à escuta das conversas à mesa, esperando contra toda a esperança poder ouvir algo que a ajudasse a encontrar Sansa.

— Vindes de Porto Real — disse um dos homens da terra a Hibald. — É verdade que o Regicida foi mutilado?

— É bem verdade — disse Hibald. — Perdeu a sua mão da espada.

— Pois — disse Sor Creighton — arrancada por um lobo gigante, segundo ouvi dizer, um daqueles monstros que desceram do norte. Nunca veio nada de bom do norte. Até os deuses deles são esquisitos.

— Não foi um lobo — ouviu-se Brienne a dizer. — Sor Jaime perdeu a mão para um mercenário de Qohor.

— Não é coisa fácil lutar com a mão má — observou o Rato Louco.

— Bah — disse Sor Creighton Longbough. — Acontece que eu luto igualmente bem com ambas as mãos.

— Oh, não tenho nenhuma dúvida disso. — Sor Shadrich ergueu a caneca numa saudação.

Brienne recordou a sua luta com Jaime Lannister na floresta. Fora com dificuldade que mantivera a espada dele afastada. *Ele estava fraco do*

tempo passado encarcerado, e tinha correntes nos pulsos. Nenhum cavaleiro dos Sete Reinos o poderia enfrentar na posse de todas as suas forças, sem correntes que lhe tolhessem os movimentos. Jaime fizera muitas coisas malignas, mas o homem sabia lutar! A sua mutilação fora monstruosamente cruel. Uma coisa era matar um leão, outra era cortar-lhe a pata e deixá-lo quebrado e desorientado.

De súbito, a sala comum ficou demasiado ruidosa para ela a suportar nem que fosse mais um momento. Murmurou umas boas noites e foi para a cama. O tecto, no seu quarto, era baixo; ao entrar com um círio na mão, Brienne teve de se baixar para não bater com a cabeça. A única mobília era uma cama suficientemente larga para seis pessoas, e o coto de uma vela alta no peitoril da janela. Acendeu-a com o círio, trancou a porta e pendurou o cinto da espada de uma das colunas da cama. A bainha era uma coisa simples, madeira envolta em couro castanho e fendido, e a espada era ainda mais simples. Comprara-a em Porto Real, para substituir a lâmina que os Bravos Companheiros lhe tinham roubado. *A espada de Renly.* Ainda lhe doía saber que a perdera.

Mas tinha outra espada escondida no rolo de dormir. Sentou-se na cama e tirou-a para fora. Ouro cintilou, amarelo, à luz da vela, e rubis arderam, rubros. Quando tirou a Cumpridora de Promessas da bainha ornamentada, Brienne sentiu que a respiração se lhe prendia na garganta. As ondulações corriam, negras e vermelhas, pelas profundezas do aço. *Aço valiriano, forjado com feitiços.* Era uma espada digna de um herói. Quando era pequena, a ama enchera-lhe os ouvidos com contos de valor, regalando-a com os nobres feitos de Sor Galladon de Morne, de Florian, o Bobo, do Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão e de outros campeões. Cada um usava a sua espada famosa, e certamente que o lugar da Cumpridora de Promessas era na sua companhia, mesmo se o seu não fosse.

— Irás proteger a filha de Ned Stark com o aço do próprio Ned Stark — prometera Jaime.

Ajoelhando-se entre a cama e a parede, ergueu a lâmina e proferiu uma prece silenciosa à Velha, cuja lâmpada dourada mostrava aos homens o caminho pela vida. *Guiai-me, rezou, iluminai o caminho que tenho em frente, mostrai-me o rumo que leva até Sansa.* Falhara a Renly, falhara à Senhora Catelyn. Não podia falhar a Jaime. *Ele confiou-me a sua espada. Confiou-me a sua honra.*

Depois, estendeu-se o melhor que pôde na cama. Apesar de ser tão larga, não tinha comprimento suficiente, portanto Brienne deitou-se em diagonal. Ouvia o tinir das canecas vindo de baixo, e vozes que vogavam pelos degraus acima. As pulgas de que Longbough falara fizeram a sua aparição. Coçar-se ajudou-a a manter-se acordada.

Ouviu Hibald subir as escadas, e algum tempo depois ouviu também os cavaleiros.

— ... não cheguei a saber o seu nome — estava Sor Creighton a dizer enquanto passava — mas no escudo trazia uma galinha vermelha como sangue, e a sua lâmina pingava tripas... — A voz do homem desvaneceu-se, e algures mais acima uma porta abriu-se e fechou-se.

A vela apagou-se. A escuridão caiu sobre a Velha Ponte de Pedra, e a estalagem ficou tão sossegada que Brienne conseguia ouvir o murmúrio do rio. Só então se ergueu para reunir as suas coisas. Abriu lentamente a porta, pôs-se à escuta, desceu as escadas descalça. Lá fora calçou as botas e dirigiu-se à pressa aos estábulos para selar a égua baia, pedindo um perdão silencioso a Sor Creighton e Sor Illifer enquanto montava. Um dos criados de Hibald acordou quando ela passou por ele, já a cavalo, mas nada fez para a parar. Os cascos da égua ressoaram na velha ponte de pedra. Então, as árvores fecharam-se à sua volta, negras como breu e cheias de fantasmas e memórias. *Vou à vossa procura, Senhora Sansa, pensou enquanto penetrava na escuridão. Não tenhais medo. Não descansarei enquanto não vos encontrar.*

Sam estava a ler acerca dos Outros quando viu o rato.

Tinha os olhos vermelhos e a arder. *Não os devia esfregar tanto*, dizia sempre a si próprio enquanto os esfregava. A poeira irritava-os e punha-os a lacrimejar, e havia poeira por todo o lado ali em baixo. Pequenas nuvenzinhas enchem o ar de cada vez que uma página era virada, e erguia-se em nuvens cinzentas sempre que movia uma pilha de livros para ver o que poderia estar escondido por baixo.

Sam não sabia quanto tempo passara desde que dormira pela última vez, mas restavam pouco mais de dois centímetros da gorda vela de sebo que acendera quando começara a ler o irregular monte de páginas soltas que encontrara atadas com guita. Estava brutalmente cansado, mas era difícil parar. *Mais um livro*, dizia a si mesmo, *e depois paro. Mais um fólio, só mais um. Mais uma página, e vou para cima descansar e comer qualquer coisa*. Mas havia sempre outra página depois dessa, e outra a seguir, e outro livro à espera por baixo da pilha. *Vou só dar uma espreitadela rápida para ver qual o assunto deste*, pensava, e antes de dar por isso já tinha lido metade. Nada comera desde a tigela de sopa de feijão com toucinho que ingerira na companhia de Pyp e Grenn. *Bem, a não ser o pão e o queijo, mas isso foi só uma dentadinha*, pensou. Fora então que deitara o rápido relance à bandeja vazia e vira o rato a banquetear-se com as migalhas do pão.

O rato tinha metade do comprimento do seu mindinho, com olhos negros e um pêlo cinzento e macio. Sam sabia que devia matá-lo. Os ratos podiam preferir pão e queijo, mas também comiam papel. Encontrara bastantes caganitas de rato entre as prateleiras e as pilhas, e algumas das encadernações de couro dos livros mostravam sinais de terem sido roídas.

Mas é uma coisinha tão pequenina. E esfomeada. Como lhe podia recusar algumas migalhas? *Mas está a comer livros...*

Depois de passar horas na cadeira, as costas de Sam estavam hirtas como uma prancha, e sentia as pernas meio adormecidas. Sabia que não seria suficientemente rápido para apanhar o rato, mas talvez conseguisse esmagá-lo. Junto ao seu cotovelo encontrava-se uma maciça cópia encadernada a couro dos *Anais do Centauro Negro*, o exaustivamente detalhado relato do Septão Jorquen acerca dos nove anos que Orbert Caswell servira como Senhor Comandante da Patrulha da Noite. Havia uma página para cada dia do seu mandato, e todas pareciam começar com: “O Lorde Orbert

levantou-se à alvorada e moveu as tripas”, excepto a última, que dizia: “O Lorde Orbert foi encontrado morto ao amanhecer.”

Nenhum rato é adversário à altura do Septão Jorquen. Muito lentamente, Sam pegou no livro com a mão esquerda. Era grosso e pesado, e quando tentou erguê-lo só com uma mão, escorregou dos seus dedos gordos e voltou a cair com estrondo. O rato desapareceu em meio segundo, com a rapidez de um raio. Sam sentiu-se aliviado. Esmagar o pobre bicho ter-lhe-ia dado pesadelos.

— Mas não devias comer os livros — disse em voz alta. Talvez devesse trazer mais queijo da próxima vez que viesse ali abaixo.

Ficou surpreso ao reparar no quanto a vela ardera. A sopa de feijão com toucinho teria sido naquele dia ou no anterior? *Foi ontem. Deve ter sido ontem.* Aperceber-se daquilo fê-lo bocejar. Jon devia estar a perguntar a si próprio o que lhe teria acontecido, embora não houvesse dúvida de que o Mestre Aemon compreenderia. Antes de perder a vista, o mestre amara tanto os livros como Samwell Tarly. Compreendia o modo como por vezes se podia cair dentro deles, como se cada página fosse um buraco aberto para outro mundo.

Pondo-se de pé, Sam fez um esgar devido às picadas e alfinetadas que sentia nas barrigas das pernas. A cadeira era muito dura, e enfiava-se-lhe na parte de trás das coxas quando se debruçava sobre um livro. *Tenho de me lembrar de trazer uma almofada.* Ainda seria melhor se pudesse dormir ali em baixo, na cela que encontrara meio escondida atrás de quatro arcas cheias de páginas soltas que se tinham separado dos livros a que pertenciam, mas não queria deixar o Mestre Aemon só por tanto tempo. O mestre nos últimos tempos não andava forte e precisava de ajuda, especialmente com os corvos. Aemon tinha Clydas, com certeza, mas Sam era mais jovem, e tinha mais jeito com as aves.

Com uma pilha de livros e pergaminhos debaixo do braço esquerdo e a vela na mão direita, Sam abriu caminho através dos túneis a que os irmãos chamavam caminhos de minhoca. Um pálido pilar de luz iluminava os íngremes degraus de madeira que levavam à superfície, de modo que soube que o dia tinha chegado lá acima. Deixou a vela a arder num nicho na parede e começou a ascensão. Ao chegar ao quinto degrau já arquejava. No décimo parou para passar os livros para o braço direito.

Emergiu sob um céu da cor do chumbo branco. *Um céu de neve,* pensou Sam, deitando uma olhadela para cima. A perspectiva de neve deixou-o inquieto. Lembrou-se daquela noite no Punho dos Primeiros Homens, quando as criaturas e as neves tinham chegado juntas. *Não sejas tão covarde,* pensou. *Tens os teus Irmãos Ajuramentados à tua volta, já para não falar de Stannis Baratheon e de todos os seus cavaleiros.* As fortalezas e

torres de Castelo Negro erguiam-se em seu redor, tornadas insignificantes pela imensidão de gelo da Muralha. Um pequeno exército arrastava-se sobre o gelo a um quarto da altura, onde uma nova escada em zig-zague ia trepando para se encontrar com os restos da antiga. O som das suas serras e martelos ecoava no gelo. Jon tinha os construtores a trabalhar de noite e de dia naquela tarefa. Sam ouvira alguns a queixar-se ao jantar, insistindo que o Lorde Mormont nunca os encarregara nem de metade daquele trabalho. Mas sem a grande escada não havia maneira de chegar ao topo da Muralha sem ser através do guincho de correntes. E por mais que Samwell Tarly odiasse degraus, odiava ainda mais a gaiola do guincho. Fechava sempre os olhos quando nela subia ou descia, convencido de que a corrente estava prestes a quebrar-se. De todas as vezes que a gaiola de ferro raspava no gelo, o seu coração parava de bater por um instante.

Houve aqui dragões há duzentos anos, deu Sam por si a pensar, enquanto observava a gaiola a descer lentamente. *Eles ter-se-iam limitado a voar até ao topo da Muralha*. A Rainha Alysanne visitara Castelo Negro montada no seu dragão, e Jaehaerys, o seu rei, viera à sua procura no dele. Poderia Alapraata ter deixado um ovo para trás? Ou teria Stannis encontrado um ovo em Pedra do Dragão? *Mesmo se tiver um ovo, como pode esperar chocá-lo?* Baelor, o Abençoado, rezara sobre os seus ovos, e outros Targaryen tinham procurado incubá-los com feitiçaria. Tudo o que tinham conseguido fora farsa e tragédia.

— Samwell — disse uma voz sorumbática — vinha buscar-te. Disse-ram-me para te levar até ao Senhor Comandante.

Um floco de neve pousou no nariz de Sam.

— O Jon quer ver-me?

— Quanto a isso, não sei dizer — disse o Edd Doloroso Tollett. — Nunca quis ver metade das coisas que vi, e nunca vi metade das coisas que quis ver. Não me parece que o querer entre na coisa. Mas é melhor ires na mesma. O Lorde Snow quer falar contigo assim que se despache com a mulher de Craster.

— Gilly.

— Essa mesma. Se a minha ama de leite tivesse sido parecida com ela, ainda mamava. A minha tinha suíças.

— A maior parte das cabras têm suíças — gritou Pyp, no momento em que ele e Grenn surgiam de uma esquina, com arcos nas mãos e aljavas de setas às costas. — Onde estiveste, Matador? Demos pela tua falta ontem à noite ao jantar. Um boi assado inteiro ficou por comer.

— Não me chames Matador. — Sam ignorou o gracejo acerca do boi. Isso era só o Pyp. — Estava a ler. Apareceu um rato...

— Não fales de ratos ao Grenn. Ele tem pavor de ratos.

— Não tenho nada — declarou Grenn com indignação.

— Ias ter medo de comer um.

— Comia mais ratos do que tu.

O Edd Doloroso Tolleth soltou um suspiro.

— Quando eu era moço, só comíamos ratos em dias especiais de banquete. Eu era o mais novo, por isso ficava sempre com o rabo. Não há carne no rabo.

— Onde está o teu arco, Sam? — perguntou Grenn. Sor Alliser costumava chamar-lhe *Auroque*, e ele a cada dia que passava parecia crescer um pouco mais para dentro da alcunha. Chegara à Muralha grande mas lento, de pescoço grosso, de cintura grossa, de rosto vermelho e desajeitado. Embora o pescoço ainda se ruborizasse quando Pyp lhe dava a volta nalguma tolice, horas de trabalho com a espada e o escudo tinham-lhe endireitado a barriga, endurecido os braços, alargado o peito. Era *forte*, e também desganhado como um auroque.

— Ulmer estava à tua espera junto aos alvos.

— Ulmer — disse Sam, atrapalhado. Instituir exercícios diários de tiro com arco para toda a guarnição, até os intendentess e os cozinheiros, fora quase a primeira coisa que Jon Snow fizera como Senhor Comandante. A Patrulha tinha posto demasiada ênfase na espada e insuficiente no arco, dissera, uma relíquia dos dias em que um irmão em dez fora um cavaleiro, e não um em cem. Sam compreendia a sensatez do decreto, mas detestava o treino com arco quase com igual força com que detestava subir escadas. Quando usava as luvas nunca conseguia acertar em nada, mas quando as tirava ficava com bolhas nos dedos. Aqueles arcos eram *perigosos*. O Cetim arrancara metade de uma unha com a corda de um arco. — Esqueci-me.

— Partiste o coração da princesa selvagem, Matador — disse Pyp. Nos últimos tempos, Val ganhara o hábito de os observar da janela do seu quarto na Torre do Rei. — Ela andou à tua procura.

— Não andou nada! Não digas isso! — Sam só falara com Val duas vezes, quando o Mestre Aemon a visitara para se certificar de que os bebês eram saudáveis. A princesa era tão bonita que era frequente dar por si a gaguejar e a corar na sua presença.

— Porque não? — perguntou Pyp. — Ela quer ter filhos teus. Talvez devêssemos chamar-te Sam, o Sedutor.

Sam enrubesceu. Sabia que o Rei Stannis tinha planos para Val; ela era a argamassa com a qual tencionava selar a paz entre os nortenhos e o povo livre. — Hoje não tenho tempo para o tiro com arco, tenho de ir ter com o Jon.

— Jon? Jon? Conhecemos alguém chamado Jon, Grenn?

— Ele fala do Senhor Comandante.

— Aaaah. O Grande Lorde Snow. Com certeza. Porque é que queres ir ter com ele? Nem sequer consegue abanar as orelhas. — Pyp abanou as suas, para mostrar que conseguia. Eram umas orelhas grandes, vermelhas do frio. — Ele agora é o *Lorde Snow* de verdade, bem nascido como um raio para gente como nós.

— Jon tem deveres — disse Sam em sua defesa. — A Muralha é sua, com tudo o que isso traz.

— Um homem também tem deveres para com os amigos. Se não fôssemos nós, o nosso senhor comandante podia ser Janos Slynt. O Lorde Janos teria enviado Snow em patrulha nu e montado numa mula. “Galopa até à Fortaleza de Craster”, teria ele dito, “e traz-me de volta o manto e as botas do Velho Urso”. Nós salvámo-lo disso, mas agora ele tem demasiados *deveres* para beber uma taça de vinho temperado junto à lareira?

Grenn concordou.

— Os deveres dele não o afastam do pátio. São mais os dias em que está lá a lutar com alguém do que os outros.

Sam tinha de admitir que aquilo era verdade. Uma vez, quando Jon viera consultar o Mestre Aemon, Sam perguntara-lhe porque passava tanto tempo a praticar com a espada.

— O Velho Urso nunca treinou muito quando era Senhor Comandante — fizera notar. Em resposta, Jon pusera Garralonga na mão de Sam. Deixara-o sentir-lhe a leveza, o equilíbrio, fizera-o virar a lâmina para que as ondulações cintilassem no metal escuro como fumo.

— Aço valiriano — dissera — forjado com feitiços e afiado como uma navalha, praticamente indestrutível. Um espadachim deve ser tão bom como a sua espada, Sam. Garralonga é aço valiriano, mas eu não sou. O Meia-Mão podia ter-me morto com a mesma facilidade com que tu esmagas um insecto.

Sam devolvera-lhe a espada.

— Quando eu tento esmagar um insecto, ele voa sempre para longe. Só consigo dar uma palmada no braço. Magoa.

Aquilo fizera Jon rir.

— Como queiras. Qhorin podia ter-me morto com a mesma facilidade com que tu comes uma tigela de papas de aveia. — Sam gostava de papas de aveia, especialmente quando eram adoçadas com mel.

— Não tenho tempo para isto. — Sam deixou os amigos e dirigiu-se ao armeiro, apertando os livros ao peito. *Sou o escudo que defende os reinos dos homens*, recordou. Perguntou a si próprio o que esses homens diriam se se apercebessem de que os seus reinos estavam a ser defendidos por gente como Grenn, Pyp e o Edd Doloroso.

A Torre do Senhor Comandante fora esventrada pelo incêndio,

e Stannis Baratheon apropriara-se da Torre do Rei para sua residência, portanto Jon Snow estabelecera-se nos modestos quartos de Donal Noye por trás do armeiro. Gilly ia saindo quando Sam chegou, envolta no velho manto que lhe dera quando fugiram da Fortaleza de Craster. Quase passou por ele a correr, mas Sam pegou-lhe no braço, deixando cair dois livros ao fazê-lo.

— Gilly.

— Sam. — A voz dela parecia rouca. Gilly tinha cabelo escuro e era magra, com os grandes olhos castanhos de uma corça. Era engolida pelas dobras do velho manto de Sam, com a cara meio escondida pelo capuz, mas apesar disso tremia. A cara parecia abatida e assustada.

— Que se passa? — perguntou-lhe Sam. — Como estão os bebés?

Gilly libertou-se da mão dele.

— Estão bem, Sam. Bem.

— Entre os dois, é um espanto que consigas dormir — disse Sam num tom agradável. — Qual foi o que ouvi a chorar ontem à noite? Julguei que nunca mais se calava.

— Foi o filho de Dalla. Chora quando quer mamar. O meu... o meu quase nunca chora. Às vezes gorgoleja, mas... — Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. — Tenho de ir. Já passa da hora de os alimentar. Se não for, vou ficar cheia de leite. — Correu pelo pátio fora, deixando um Sam perplexo para trás.

Teve de se pôr de joelhos para apanhar os livros que deixara cair. *Não devia ter trazido tantos*, disse a si próprio, enquanto sacudia terra do *Compêndio de Jade* de Colloquo Votar, um grosso volume de contos e lendas do oriente que o Mestre Aemon lhe ordenara que encontrasse. O livro parecia não ter sido danificado. *Pele de Dragão, uma História da Casa Targaryen do Exílio à Apoteose, com Considerações Sobre a Vida e Morte dos Dragões*, do Mestre Thomax, não tivera tanta sorte. Abrira-se ao cair, e algumas páginas tinham ficado enlameadas, incluindo uma que exibia uma imagem bastante boa de Balerion, o Terror Negro, feita com tintas coloridas. Sam amaldiçoou-se por ser um cretino desastrado enquanto alisava as páginas e as sacudia. A presença de Gilly agitava-o sempre e levantava... bem, *coisas*. Um Irmão Ajuramentado da Patrulha da Noite não devia sentir o tipo de coisas que Gilly o fazia sentir, especialmente quando falava sobre os seios, e...

— O Lorde Snow está à espera. — Dois guardas envergando mantos negros e meios-elmos de ferro encontravam-se em pé junto às portas do armeiro, encostados às lanças. Quem falara fora o Hal Peludo. Mully ajudou Sam a pôr-se de novo em pé. Proferiu um agradecimento atabalhoado e apressou-se a passar por eles, agarrando-se desesperadamente à pilha de

livros enquanto abria caminho pela forja com a sua bigorna e foles. O Fantasma estava deitado por baixo da bigorna, roendo um osso de boi para chegar ao tutano. O grande lobo gigante branco ergueu os olhos quando Sam passou, mas não soltou um som.

O aposento privado de Jon ficava ao fundo, atrás das fileiras de lanças e escudos. Ele estava a ler um pergaminho quando Sam entrou. O corvo do Senhor Comandante Mormont encontrava-se empoleirado no seu ombro, espreitando para baixo como se também ele estivesse a ler, mas quando a ave viu Sam abriu as asas e pairou na sua direcção gritando “Grão, grão!”

Deslocando os livros, Sam enfiou o braço no saco que se encontrava junto à porta e quando o tirou trazia uma mão cheia de sementes. O corvo pousou-lhe no pulso e comeu um da sua palma, dando-lhe uma bicada tão grande que Sam soltou um ganido e recolheu a mão. O corvo voltou a levantar voo, e grãos vermelhos e amarelos voaram para todo o lado.

— Fecha a porta, Sam. — Leves cicatrizes ainda marcavam a face de Jon, no local onde uma águia tentara um dia arrancar-lhe um olho. — Esse patife rompeu-te a pele?

Sam pousou os livros e descalçou a luva.

— Rompeu. — Sentiu a cabeça a andar à roda. — Estou a *sangrar*.

— Todos derramamos o nosso sangue pela Patrulha. Usa luvas mais grossas. — Jon empurrou uma cadeira para ele com um pé. — Senta-te e dá uma olhadela a isto. — Entregou-lhe o pergaminho.

— O que é? — perguntou Sam. O corvo pôs-se à caça de grãos de milho entre as esteiras.

— Um escudo de papel.

Sam sugou o sangue da palma da sua mão enquanto lia. Reconheceu a letra do Mestre Aemon assim que a viu. Tinha uma escrita pequena e precisa, mas o velho não conseguia ver onde a tinta esborratara, e por vezes deixava manchas disformes.

— Uma carta para o Rei Tommen?

— Em Winterfell, Tommen lutou com o meu irmão Bran com espadas de madeira. Estava tão almofadado que parecia um ganso estufado. Bran atirou-o ao chão. — Jon dirigiu-se à janela. — Mas Bran está morto, e o rechonchudo Tommen de cara rosada está sentado no Trono de Ferro, com uma coroa aninhada entre os seus caracóis dourados.

Bran não está morto, desejou Sam dizer. *Foi para lá da Muralha com o Mãos-Frias*. Ficou com as palavras presas na garganta. *Jurei que não contaria*.

— Não assinaste a carta.

— O Velho Urso suplicou ajuda ao Trono de Ferro uma centena de

vezes. Enviaram-lhe Janos Slynt. Nenhuma carta fará com que os Lannister gostem mais de nós. Em especial depois de ouvirem dizer que temos ajudado Stannis.

— Só a defender a Muralha, não na sua rebelião. — Sam voltou a ler rapidamente a carta. — É o que aqui *diz*.

— A diferença pode escapar ao Lorde Tywin. — Jon recuperou a carta. — Porque haveria de nos ajudar agora? Nunca o fez antes.

— Bem — disse Sam — ele não querará que se diga que Stannis correu em defesa do reino enquanto o Rei Tommen estava a brincar com os seus brinquedos. Isso faria cair o escárnio sobre a Casa Lannister.

— O que eu quero fazer cair sobre a Casa Lannister é a morte e a destruição, não o escárnio. — Jon ergueu a carta. — *A Patrulha da Noite não participa nas guerras dos Sete Reinos* — leu. — *Os nossos juramentos são prestados ao reino, e o reino encontra-se agora em terrível perigo. Stannis Baratheon ajuda-nos contra os nossos inimigos do além-Muralha, embora nós não sejamos seus homens...*

— Bem — disse Sam, torcendo-se — e *não* somos. Somos?

— Dei a Stannis alimentos, abrigo, e Fortenoite, além de autorização para instalar algum povo livre na Dádiva. É tudo.

— O Lorde Tywin dirá que foi demasiado.

— Stannis diz que não é o suficiente. Quanto mais deres a um rei, mais ele querará. Estamos a percorrer uma ponte de gelo com um abismo de cada lado. Agradar a um rei já é bastante difícil. Agradar a dois é praticamente impossível.

— Sim, mas... se os Lannister prevalecerem e o Lorde Tywin decidir que traímos o rei ao ajudarmos Stannis, isso poderá significar o fim da Patrulha da Noite. Ele tem os Tyrell atrás de si, com todo o poderio de Jardim de Cima. E derrotou o Lorde Stannis na Água Negra. — Ver sangue podia fazer Sam desmaiar, mas sabia como as guerras eram ganhas. O pai assegurara-se disso.

— A Água Negra foi uma batalha. Robb venceu todas as suas batalhas e perdeu na mesma a cabeça. Se Stannis for capaz de levantar o norte...

Ele está a tentar convencer-se a si próprio, compreendeu Sam, *mas não consegue*. Os corvos tinham partido de Castelo Negro numa tempestade de asas negras, apelando aos senhores do Norte para se declararem por Stannis Baratheon e juntarem as suas forças às dele. Fora o próprio Sam quem enviara a maior parte. Até então só uma ave regressara, aquela que fora enviada a Karhold. À excepção dessa, o silêncio fora atoador.

Mesmo se de algum modo conseguisse trazer os nortenhos para o seu lado, Sam não via como poderia Stannis esperar igualar o poderio combinado de Rochedo Casterly, Jardim de Cima e das Gémeas. Mas sem o

norte, a sua causa estaria certamente perdida. *Tão perdida como a Patrulha da Noite, se o Lorde Tywin nos puser na conta de traidores.*

— Os Lannister têm os seus próprios nortenhos. O Lorde Bolton e o seu bastardo.

— Stannis tem os Karstark. Se conseguir conquistar Porto Branco...

— Se — acentuou Sam. — Se não... senhor, até um escudo de papel é melhor do que nenhum.

Jon sacudiu a carta.

— Suponho que sim. — Suspirou, após o que pegou numa pena e sarrabiscou uma assinatura no fundo da carta. — Traz-me a cera de selar. — Sam aqueceu um pau de cera negra à chama de uma vela, fez pingar um pouco sobre o pergaminho e ficou a ver Jon comprimir com firmeza o selo do Senhor Comandante na pequena poça que criara. — Leva isto ao Mestre Aemon quando saíres — ordenou — e diz-lhe para despachar uma ave para Porto Real.

— Fá-lo-ei. — Sam hesitou. — Senhor, se posso perguntar... vi Gilly a sair. Ia quase a chorar.

— Val enviou-a outra vez para suplicar por Mance.

— Oh. — Val era a irmã da mulher que o Rei-Para-lá-da-Muralha tomara como rainha. Stannis e os seus homens chamavam-lhe a princesa selvagem. A irmã Dalla morrera durante a batalha, embora nenhuma lâmina lhe tivesse tocado; perecera a dar à luz o filho de Mance Rayder. O próprio Rayder iria em breve segui-la para a tumba, se os murmúrios que Sam ouvira tivessem algum fundo de verdade. — Que foi que lhe dissestes?

— Que falaria com Stannis, embora duvide de que as minhas palavras o influenciem. O primeiro dever de um rei é defender o reino, e Mance atacou-o. Não é provável que Sua Graça se esqueça desse facto. O meu pai costumava dizer que Stannis Baratheon era um homem justo. Nunca ninguém disse que era clemente. — Jon fez uma pausa, franzindo o sobrolho. — Preferiria ser eu próprio a decapitar Mance. Ele foi em tempos um homem da Patrulha da Noite. Pelo direito, a sua vida pertence-nos.

— Pyp diz que a Senhora Melisandre pretende entregá-lo às chamas, a fim de fazer algum feitiço.

— O Pyp devia aprender a controlar a língua. Ouvi a mesma história a outros. Sangue de um rei, para despertar um dragão. Onde Melisandre pensa encontrar um dragão adormecido ninguém tem bem a certeza. É um disparate. O sangue de Mance não é mais régio do que o meu. Nunca usou uma coroa nem se sentou num trono. É um salteador, nada mais. Não há qualquer poder em sangue de salteador.

O corvo ergueu os olhos do chão. “*Sangue*”, gritou.

Jon não lhe prestou atenção.

— Vou mandar Gilly embora.

— Oh. — Sam abanou a cabeça para cima e para baixo. — Bem, isso é... isso é bom, senhor. — Seria o melhor para ela, ir para algum sítio quente e seguro, bem longe da Muralha e da luta.

— A ela e ao rapaz. Precisaremos de arranjar outra ama de leite para o seu irmão de leite.

— Leite de cabra pode servir, até que a encontreis. É melhor para um bebé do que o de vaca. — Sam lera aquilo em algum sítio. Mexeu-se na cadeira. — Senhor, ao procurar nos anais, encontrei outro rapaz comandante. Quatrocentos anos antes da Conquista. Osric Stark tinha dez anos quando foi escolhido, mas serviu durante sessenta. Faz quatro, senhor. Não estais nem perto de serdes o mais novo de sempre. Até agora sois o quinto mais novo.

— Sendo que os quatro mais novos são todos filhos, irmãos ou bastardos do Rei no Norte. Diz-me algo de útil. Fala-me do nosso inimigo.

— Os Outros. — Sam lambeu os lábios. — São mencionados nos anais, embora não com tanta frequência como eu esperava. Isto é, nos anais que encontrei e vasculhei. Sei que há mais que ainda não encontrei. Alguns dos livros mais antigos estão a cair aos bocados. As páginas desfazem-se quando tento virá-las. E os livros *realmente* velhos... ou se desfizeram por completo ou estão enterrados em algum sítio onde ainda não procurei, ou... bem, pode ser que esses livros não existam e nunca tenham existido. As histórias mais antigas que temos foram escritas depois dos ândalos chegarem a Westeros. Os Primeiros Homens só nos deixaram runas em pedras, de modo que tudo o que julgamos saber acerca da Era dos Heróis, da Era da Alvorada e da Longa Noite vem de relatos escritos por septões milhares de anos mais tarde. Há arquimeistres na Cidadela que questionam tudo isso. Essas velhas histórias estão cheias de reis que reinaram por centenas de anos, e cavaleiros que andaram por aí mil anos antes de serem cavaleiros. Conheceis as histórias: Brandon, o Construtor, Symeon Olhos de Estrela, O Rei da Noite... dizemos que sois o nono centésimo nonagésimo oitavo Senhor Comandante da Patrulha da Noite, mas a lista mais antiga que encontrei menciona seiscentos e setenta e quatro comandantes, o que sugere que foi escrita durante...

— Há muito tempo — interrompeu Jon. — E os Outros?

— Encontrei menções a vidro de dragão. Os filhos da floresta costumavam oferecer à Patrulha da Noite cem punhais de obsidiana todos os anos, durante a Era dos Heróis. A maior parte das histórias concordam que os Outros vêm quando está frio. Ou então fica frio quando eles vêm. Por vezes aparecem durante tempestades de neve e somem-se quando os céus se limpam. Escondem-se da luz do sol e emergem à noite... ou então a

noite cai quando emergem. Algumas histórias falam deles montados nos cadáveres de animais mortos. Ursos, lobos gigantes, mamutes, cavalos, não importa, desde que o animal esteja morto. Aquele que matou o Paul Pequeno estava montado num cavalo morto, portanto essa parte é claramente verdade. Alguns relatos falam também de aranhas gigantes de gelo. Não sei o que elas são. Homens que caem em batalha contra os Outros têm de ser queimados, caso contrário os mortos voltarão a erguer-se como seus servos.

— Já sabíamos tudo isso. A questão é: como os combatemos?

— A armadura dos Outros é à prova da maior parte das lâminas comuns, se é possível crer nas histórias — disse Sam — e as espadas que eles usam são tão frias que estilhaçam o aço. Mas o fogo desencoraja-os, e são vulneráveis à obsidiana. — Recordou aquele que enfrentara na floresta assombrada, e o modo como parecera derreter-se quando o apunhalara com o punhal de vidro de dragão que Jon fizera para ele. — Encontrei um relato da Longa Noite que falava do último herói a matar Outros com uma lâmina de aço de dragão. Supostamente não conseguiam resistir-lhe.

— Aço de dragão? — Jon franziu o sobrolho. — Aço *valiriano*?

— Foi também essa a minha primeira ideia.

— Então se eu conseguir convencer os senhores dos Sete Reinos a dar-nos as suas lâminas valirianas, tudo será salvo? Isso não há-de ser difícil. — A gargalhada que soltou não tinha nenhuma alegria. — Descobriste quem os Outros são, de onde vêm, o que querem?

— Ainda não, senhor, mas pode ser que tenha simplesmente andado a ler os livros errados. Há centenas que ainda não folheei. Dai-me mais tempo, e encontrarei tudo o que houver para encontrar.

— Não há mais tempo. — O tom de Jon era triste. — Tens de juntar as tuas coisas, Sam. Vais com Gilly.

— Vou? — Por um momento, Sam não compreendeu. — Eu vou? Para Atalaialeste, senhor? Ou... para onde...

— Vilavelha.

— *Vilavelha*? — O nome saiu num guincho. Monte Chifre ficava perto de Vilavelha. *A minha casa*. A ideia deixou-lhe a cabeça zonha. *O meu pai*.

— Aemon também.

— Aemon? O *Meistre* Aemon? Mas... ele tem cento e dois anos de idade, senhor, ele não pode... estais a mandá-lo a ele e a mim? Quem tratará dos corvos? Se adoecerem ou se ferirem, quem...

— Clydas. Ele está com Aemon há anos.

— Clydas é só um intendente, e está a perder a visão. Precisais de um *meistre*. O *Meistre* Aemon está tão fraco, que uma viagem marítima... —

Pensou na *Árvore* e na *Rainha da Árvore* e quase se engasgou com a língua.
— Isso pode... ele é velho, e...

— A sua vida estará em risco. Estou consciente disso, Sam, mas o risco aqui é maior. Stannis sabe quem Aemon é. Se a mulher vermelha precisar de sangue real para os seus feitiços...

— Oh. — Sam empalideceu.

— Dareon juntar-se-á a vós em Atalaialeste. A minha esperança é que as suas canções nos conquistem alguns homens no sul. O *Melro* desembarcar-vos-á em Bravos. A partir daí, arranjareis vós a passagem para Vilavelha. Se ainda quiseres assumir o bebé de Gilly como teu bastardo, manda-a e à criança para Monte Chifre. Se não, Aemon encontrará para ela um lugar de criada na Cidadela.

— Meu b-b-bastardo. — Dissera-o, era verdade, mas... *Toda aquela água. Posso afogar-me. Os navios andam sempre a afundar-se, e o Outono é uma estação tempestuosa.* Mas Gilly estaria consigo, e o bebé cresceria em segurança. — Sim, eu... a minha mãe e irmãs ajudarão Gilly a criar a criança. — *Posso mandar uma carta, não terei de ir pessoalmente a Monte Chifre.* — Dareon podia levá-la para Vilavelha tão bem como eu. Eu... tenho andado a treinar o tiro com arco todas as tardes com Ulmer, conforme ordenastes... bem, menos quando estou nas caves, mas dissestes-me para descobrir coisas sobre os Outros. O arco faz-me doer os ombros e faz-me crescer bolhas nos dedos. — Mostrou a Jon o lugar onde uma rebentara. — Mas continuo a treinar. Agora são mais as vezes que acerto no alvo do que as que não acerto, mas continuo a ser o pior arqueiro que alguma vez curvou um arco. Mas gosto das histórias de Ulmer. Alguém tem de as escrever e de as pôr num livro.

— Faz tu isso. Têm pergaminho e tinta na Cidadela, e também têm arcos. Conto que continues com o teu treino. Sam, a Patrulha da Noite tem centenas de homens capazes de disparar uma seta, mas só uma mão cheia sabe ler ou escrever. Preciso que te tornes no meu novo mestre.

A palavra fê-lo estremecer. *Não, Pai, por favor, não voltarei a falar disso, juro pelos Sete. Dai-me uma saída, por favor, dai-me uma saída.*

— Senhor, eu... o meu trabalho é aqui, os livros...

— ... ainda cá estarão quando voltares para nós.

Sam pôs uma mão na garganta. Quase conseguia sentir a corrente aí, a sufocá-lo.

— Senhor, a Cidadela... lá obrigam-nos a cortar cadáveres. — *Obrigam-nos a usar uma corrente em volta do pescoço. Se é correntes que queres, vem comigo.* Ao longo de três dias e três noites Sam adormecera a soluçar agrilhado de mãos e pés a uma parede. A corrente em volta da garganta estava tão apertada que lhe rompera a pele, e sempre que rolava

para o lado errado, no sono, cortava-lhe a respiração. — Não posso usar uma corrente.

— Podes. Usarás. O Mestre Aemon está velho e cego. As suas forças estão a abandoná-lo. Quem tomará o seu lugar quando morrer? O Mestre Mullin, da Torre Sombria, é mais guerreiro do que erudito, e o Mestre Har-mune de Atalaialeste passa mais tempo bêbado do que sóbrio.

— Se pedirdes mais mestres à Cidadela...

— Tenciono pedir. Teremos falta de todos os que nos mandarem. Mas não é assim tão fácil substituir Aemon Targaryen. — Jon fez uma expressão surpreendida. — Estava convencido de que isto te agradaria. Há tantos livros na Cidadela que ninguém pode ter esperança de os ler a todos. Dar-te-ás bem por lá, Sam. Eu sei que sim.

— Não. Podia ler os livros, mas... um m-mestre tem de ser um curandeiro, e o s-s-sangue faz-me desmaiar. — Estendeu uma mão trémula para Jon ver. — Sou Sam, o Assustado, não Sam, o Matador.

— Assustado? Com quê? As censuras de velhos? Sam, tu viste as criaturas a atacarem o Punho, uma maré de mortos-vivos com mãos negras e brilhantes olhos azuis. Mataste um Outro.

— Foi o vidro de d-d-d-dragão, não fui eu.

— Cala-te. Mentiste, maquinaste e conspiraste para fazer de mim Senhor Comandante. *Irás* obedecer-me. Irás para a Cidadela e forjarás uma corrente, e se tiveres de abrir cadáveres, que seja. Pelo menos em Vilavelha os cadáveres não levantarão objecções.

Ele não compreende.

— Senhor — disse Sam — o meu p-p-p-pai, o Lorde Randyll, ele, ele, ele, ele, ele... a vida de um mestre é uma vida de *servidão*. — Estava a balbuciar, bem sabia. — Nenhum filho da Casa Tarly alguma vez usará uma corrente. Os homens de Monte Chifre não se dobram nem se vergam perante senhores insignificantes. — *Se é correntes que queres, vem comigo.* — Jon, não posso desobedecer ao meu *pai*.

Jon, dissera, mas Jon desaparecera. Agora quem o encarava era o Lorde Snow, olhos cinzentos duros como gelo.

— Tu não tens pai — disse o Lorde Snow. — Só irmãos. Só nos tens a nós. A tua vida pertence à Patrulha da Noite, portanto vai enfiar a tua roupa de dentro num saco, com o que quer que queiras levar para Vilavelha. Partireis uma hora antes do nascer do sol. E eis outra ordem. Deste dia em diante, *não* chamarás cobarde a ti próprio. Enfrentaste mais coisas neste último ano do que a maioria dos homens enfrenta no tempo de uma vida. Podes enfrentar a Cidadela, mas irás enfrentá-la como Irmão Ajuramentado da Patrulha da Noite. Não te posso ordenar que sejas valente, mas *posso* ordenar-te que escondas os teus medos. Proferiste as palavras, Sam. Lembras-te?

Sou a espada na escuridão. Mas era uma desgraça com uma espada, e a escuridão assustava-o.

— Eu... eu vou tentar.

— Não vais tentar. Vais obedecer.

“*Obedecer*”. O corvo de Mormont bateu as suas grandes asas negras.

— Às vossas ordens, senhor. O... o Mestre Aemon sabe?

— Isto foi tanto ideia dele como minha. — Jon abriu-lhe a porta. — Nada de despedidas. Quanto menos pessoas souberem disto, melhor. Uma hora antes da primeira luz da aurora, junto ao cemitério.

Mais tarde, Sam não conseguiria recordar ter saído do armeiro. Só voltou a si quando já tropeçava em lama e manchas de neve velha, na direcção dos aposentos do Mestre Aemon. *Podia esconder-me*, disse a si próprio. *Podia esconder-me nas caves entre os livros. Podia viver lá em baixo com o rato e esgueirar-me à noite para roubar comida.* Pensamentos enlouquecidos, bem sabia, tão fúteis como desesperados. As caves eram o primeiro sítio onde iriam procurá-lo. O *último* lugar onde o procurariam era para lá da Muralha, mas aí a loucura ainda seria maior. *Os selvagens apanhar-me-iam e matar-me-iam lentamente. Podiam queimar-me vivo, como a mulher vermelha pretende fazer a Mance Rayder.*

Quando foi encontrar o Mestre Aemon na colónia de corvos, entregou-lhe a carta de Jon e despejou os seus temores num grande jorro de palavras.

— Ele não compreende. — Sam sentia-se prestes a vomitar. — Se eu puser uma corrente ao pescoço, o senhor meu p-p-p-pai... ele, ele, ele...

— O meu pai levantou as mesmas objecções quando eu escolhi uma vida de serviço — disse o velho. — Foi o pai *dele* quem me enviou para a Cidadela. O Rei Daeon fora pai de quatro filhos, e três tinham filhos seus. *Demasiados dragões é tão perigoso como dragões a menos*, ouvi eu Sua Graça dizer ao senhor meu pai, no dia em que me mandaram embora. — Aemon levou uma mão malhada à corrente de muitos metais que pendia, solta, em volta do seu estreito pescoço. — A corrente é pesada, Sam, mas o meu bisavô tinha razão. E o teu Lorde Snow também.

“*Snow*”, resmungou um corvo. “*Snow*”, ecoou um outro. Então todos pegaram na palavra. “*Snow, snow, snow, snow, snow*”. Fora Sam quem lha ensinara. Viu que ali não haveria ajuda. O Mestre Aemon estava tão encurralado como ele. *Ele morrerá no mar*, pensou, desesperando. *É demasiado idoso para sobreviver a uma tal viagem. O filhinho de Gilly pode também morrer, não é tão grande e forte como o rapaz de Dalla. Quererá Jon matar-nos a todos?*

Na manhã seguinte, Sam deu por si a selar a égua que trouxera de Monte Chifre e a levá-la pela arreata até ao cemitério que havia junto da

estrada oriental. Os alforjes transbordavam de queijo, salsichas e ovos cozidos, e com metade de um presunto salgado que o Hobb Três-Dedos lhe dera no dia do seu nome.

— És um homem que *aprecia* a cozinha, Matador — dissera o cozinheiro. — Precisamos de mais homens como tu. — O presunto ajudaria, sem dúvida. O caminho até Atalaialeste era longo e frio, e não havia vilas nem estalagens à sombra da Muralha.

A hora que precedia a aurora era escura e calma. Castelo Negro parecia estranhamente silencioso. No cemitério, um par de carroças de duas rodas esperava-o, com o Jack Negro Bulwer e uma dúzia de patrulheiros experientes, tão duros como os garranos que montavam. O Kedge Olho-Branco praguejou sonoramente quando o seu único olho bom vislumbrou Sam.

— Não lhe liguês, Sam — disse o Jack Negro. — Perdeu uma aposta, disse que ia ter de te arrastar aos guinchos de debaixo de alguma cama.

O Mestre Aemon estava demasiado fraco para montar a cavalo, de modo que uma carroça fora preparada para ele, com uma cama coberta com uma alta pilha de peles, e um toldo de couro atado por cima, a fim de manter afastadas a chuva e a neve. Gilly e o filho seguiriam com ele. A segunda carroça levaria as suas roupas e posses, bem como uma arca de velhos livros raros que Aemon pensava que a Cidadela poderia não ter. Sam passara metade da noite à procura deles, embora tivesse encontrado apenas um em quatro. *E ainda bem, senão precisaríamos de outra carroça.*

Quando o mestre surgiu, vinha enrolado numa pele de urso com o triplo do seu tamanho. Enquanto Clydas o levava para a carroça, soprou uma rajada de vento, e o velho cambaleou. Sam correu para ele e pôs-lhe um braço em volta. Outra rajada como aquela podia soprá-lo por cima da Muralha.

— Segurai-vos ao meu braço, mestre. Não é longe.

O cego fez um aceno enquanto o vento puxava para trás os capuzes de ambos.

— Em Vilavelha faz sempre calor. Há uma estalagem numa ilha no Vinhomel, onde eu costumava ir quando era um jovem noviço. Será agradável voltar a sentar-me lá, a bebericar cidra.

Quando por fim introduziram o mestre na carroça, Gilly já surgira, com a criança entrouxada nos braços. Sob o capuz, os seus olhos estavam vermelhos de chorar. Jon apareceu ao mesmo tempo, com o Edd Doloroso.

— Lorde Snow — chamou o Mestre Aemon — deixei-vos um livro nos meus aposentos. O *Compêndio de Jade*. Foi escrito pelo aventureiro volante Colloquo Votar, que viajou até ao oriente e visitou todas as terras do Mar de Jade. Há uma passagem que podeis achar interessante. Disse a Clydas para vo-la marcar.

— Certamente que a lerei — respondeu Jon Snow.

Uma linha de muco branco correu do nariz do Mestre Aemon. O velho limpou-a com as costas da luva.

— O conhecimento é uma arma, Jon. Armai-vos bem antes de partirdes para a batalha.

— Fá-lo-ei. — Uma neve ligeira começara a cair, com os grandes flocos fofos a descer preguiçosamente do céu. Jon virou-se para o Jack Negro Bulwer. — Fazei o melhor tempo que puderdes, mas não corrais riscos disparatados. Tendes um velho e um bebé de peito convosco. Tratai de os manter quentes e bem alimentados.

— Fazei o mesmo, s'nhor — disse Gilly. — Fazei o mesmo com o outro. Encontrai outra ama de leite, como dissestes. Prometestes-me isso. O rapaz... o rapaz de Dalla... o príncipezinho, quer dizer... arranjai uma boa mulher qualquer p'ra que ele cresça grande e forte.

— Tendes a minha palavra quanto a isso — disse solenemente Jon Snow.

— Não lhe deis nome. Não façais isso até ele ter mais de dois anos. Dá azar dar-lhes nome quando ainda 'tão ao peito. Vós, os corvos, podeis não saber isso, mas é verdade.

— Às vossas ordens, senhora.

Um espasmo de ira relampejou no rosto de Gilly.

— Não me chameis isso. Eu sou uma mãe, não uma senhora. Sou mulher de Craster e filha de Craster, e uma *mãe*.

O Edd Doloroso pegou no bebé enquanto Gilly subia para a carroça e cobriu-lhe as pernas com algumas peles bafientas. Por essa altura, o céu oriental já se mostrava mais cinzento do que negro. O Lew Mão Esquerda estava ansioso para se pôr a caminho. Edd entregou a criança, e Gilly pô-la ao peito. *Esta pode ser a última vez que vejo Castelo Negro*, pensou Sam enquanto se içava para cima da égua. Por mais que tivesse em tempos odiado Castelo Negro, deixar o castelo estava a dilacerá-lo.

— *Vamos a isto* — ordenou Bulwer. Um chicote estalou, e as carroças começaram a retumbar lentamente pela estrada sulcada enquanto a neve caía à volta delas. Sam deixou-se ficar junto a Clydas, Edd Doloroso e Jon Snow.

— Bem — disse — até à vista.

— Até à vista, Sam — disse o Edd Doloroso. — Não é provável que o teu navio se afunde, parece-me. Os navios só se afundam quando eu vou a bordo.

Jon estava a observar as carroças.

— Da primeira vez que vi Gilly — disse — ela estava encostada à parede da Fortaleza de Craster, esta rapariga magricela de cabelo escuro

com a sua grande barriga, encolhida com medo do Fantasma. Ele tinha-se metido no meio dos coelhos dela, e parece-me que ela tinha receio que a abrisse e devorasse o bebé... mas não era do lobo que ela devia ter tido medo, pois não?

Não, pensou Sam. O perigo era Craster, o seu próprio pai.

— Ela tem mais coragem do que julga.

— E tu também, Sam. Faz uma viagem rápida e segura, e cuida dela, de Aemon e da criança. — Jon fez um sorriso estranho e triste. — E puxa o capuz para cima. Os flocos de neve estão a derreter-te no cabelo.

A luz ardia ténue e distante, baixa no horizonte, brilhando através das névoas marítimas.

— Parece uma estrela — disse Arya.

— A estrela do lar — disse Denyo.

O pai dele andava a gritar ordens. Marinheiros subiam e desciam os três grandes mastros e moviam-se pelo cordame, rizando as pesadas velas púrpura. Em baixo, remadores arquejavam e esforçavam-se em duas grandes fileiras de remos. Os conveses inclinaram-se, rangendo, quando a galeta *Filha do Titã* adernou para estibordo e começou a mudar de bordo.

A estrela do lar. Arya estava em pé, à proa, com uma mão pousada na figura de proa dourada, uma donzela que segurava uma taça de fruta. Durante meio segundo permitiu-se fingir que o que tinha em frente era o seu lar.

Mas isso era estúpido. O seu lar desaparecera, os pais estavam mortos, e todos os irmãos tinham sido assassinados, salvo Jon Snow, na Muralha. Fora para aí que quisera ir. Dissera isso mesmo ao capitão, mas nem mesmo a moeda de ferro conseguira convencê-lo. Arya nunca parecia encontrar os lugares que se propunha alcançar. Yoren jurara entregá-la em Winterfell, mas acabara em Harrenhal e Yoren na sepultura. Quando fugira de Harrenhal em direcção de Correrrio, o Limo, Anguy e o Tom das Sete tomaram-na cativa e arrastaram-na em vez disso para o monte oco. Então o Cão de Caça raptara-a e arrastara-a para as Gémeas. Arya deixara-o moribundo junto ao rio e prosseguira até Salinas, esperando arranjar passagem para Atalaialeste-do-Mar, só que...

Bravos pode não ser muito mau. Syrio era de Bravos, e Jaqen também pode lá estar. Fora Jaqen quem lhe dera a moeda de ferro. Ele não fora realmente seu amigo, como Syrio fora, mas que bem lhe tinham feito os amigos? *Não preciso de amigos, desde que tenha a Agulha.* Esfregou a ponta do polegar no suave botão de punho da espada, desejando, desejando...

Em boa verdade, Arya não sabia o que desejar, tal como não sabia o que a esperava sob aquela luz distante. O capitão dera-lhe passagem mas não tivera tempo de conversar com ela. Alguns dos membros da tripulação evitavam-na, mas outros davam-lhe presentes — um garfo de prata, luvas sem dedos, um chapéu mole de lã remendado com couro. Um homem mostrara-lhe como fazer nós de marinheiro. Outro servia-lhe dedais

de vinho ardente. Os amigáveis batiam nos peitos, dizendo os nomes uma e outra vez até que Arya os repetisse, embora nenhum tivesse tido a ideia de perguntar o *seu* nome. Chamavam-lhe Salgada, visto ter embarcado em Salinas, perto da foz do Tridente. Supunha que era um nome tão bom como qualquer outro.

As últimas das estrelas da noite tinham desaparecido... todas menos o par que estava mesmo em frente.

— Agora são *duas* estrelas.

— Dois olhos — disse Denyo. — O Titã vê-nos.

O Titã de Bravos. A Velha Nan contara-lhes histórias sobre o Titã, em Winterfell. Era um gigante alto como uma montanha, e sempre que Bravos estava em perigo acordava com fogo nos olhos, fazendo trovejar e ranger os membros de pedra enquanto entrava no mar para esmagar os inimigos.

— Os bravosianos alimentam-no com a carne sumarenta e cor-de-rosa de rapariguinhas bem nascidas — terminava Nan, e Sansa soltava um guincho estúpido. Mas o Mestre Luwin dizia que o Titã era apenas uma estátua, e as histórias da Velha Nan não passavam de histórias.

Winterfell ardeu e caiu, recordou Arya a si própria. A Velha Nan e o Mestre Luwin estavam ambos mortos, provavelmente, e Sansa também. Não fazia bem nenhum pensar neles. *Todos os homens têm de morrer*. Era isso que as palavras queriam dizer, as palavras que Jaqen H'ghar lhe ensinara quando lhe dera a gasta moeda de ferro. Aprendera mais palavras bravosianas desde que deixara Salinas, as palavras para *por favor, obrigado, mar, estrela e vinho ardente*, mas chegara até eles sabendo que *todos os homens têm de morrer*. A maior parte da tripulação da *Filha* tinha umas luzes do idioma comum, das noites passadas em terra, em Vilavelha, Porto Real e Lagoa da Donzela, embora apenas o capitão e os filhos o falassem suficientemente bem para conversar com ela. Denyo era o mais novo desses filhos, um rapaz gorducho e alegre de doze anos que cuidava da cabina do pai e ajudava o irmão mais velho com as somas.

— Espero que o vosso Titã não esteja com fome — disse-lhe Arya.

— Fome? — disse Denyo, confuso.

— Não interessa. — Mesmo se o Titã *realmente* comesse carne sumarenta e rosada de rapariga, Arya não o temeria. Era uma coisinha magriçela, não uma refeição decente para um gigante, e tinha quase onze anos, praticamente uma mulher feita. *E além disso, a Salgada não é bem-nascida*. — O Titã é o deus de Bravos? — perguntou. — Ou tendes os Sete?

— Todos os deuses são honrados em Bravos. — O filho do capitão gostava quase tanto de falar sobre a sua cidade como gostava de falar sobre o navio do pai. — Os vossos Sete têm aqui um septo, o Septo-do-Ultramar, mas só os marinheiros de Westeros prestam aí culto.

Não são os meus Sete. Eram os deuses da minha mãe, e deixaram que os Frey a assassinassem nas Gémeas. Perguntou a si própria se encontraria um bosque sagrado em Bravos, com um represeiro no coração. Denyo talvez soubesse, mas não lhe podia perguntar. A Salgada era de Salinas, e o que saberia uma rapariga de Salinas dos velhos deuses do norte? *Os velhos deuses estão mortos*, disse a si própria, *com a Mãe, o Pai, Robb, Bran e Rickon, todos mortos.* Lembrava-se do pai ter dito há muito tempo que quando os ventos frios sopram, o lobo solitário morre e a alcateia sobrevive. *Ele tinha as coisas ao contrário.* Arya, a loba solitária, sobrevivia, mas os lobos da alcateia tinham sido capturados, mortos e esfolados.

— Os Cantores da Lua trouxeram-nos para este local de refúgio, onde os dragões de Valíria não conseguissem encontrar-nos — disse Denyo. — O templo deles é o maior. Estimamos também o Pai das Águas, mas a sua casa é construída de novo sempre que toma a sua noiva. O resto dos deuses vivem juntos numa ilha no centro da cidade. É aí que encontrarás o... o Deus das Muitas Caras.

Os olhos do Titã pareciam agora brilhantes, e mais afastados um do outro. Arya não conhecia nenhum Deus das Muitas Caras, mas se respondia a preces, podia ser o deus que procurava. *Sor Gregor*, pensou, *Dunsen, Raff, o Querido, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei.* Já são só seis. Joffrey estava morto, o Cão de Caça matara Polliver e ela própria apunhalara o Cócegas, e aquele estúpido escudeiro com a borbulha. *Não o teria morto se ele não me tivesse agarrado.* O Cão de Caça estava moribundo quando o deixara nas margens do Tridente, ardendo em febre devido ao ferimento. *Devia ter-lhe oferecido a dádiva da misericórdia e enfiado uma faca no seu coração.*

— Salgada, olha! — Denyo pegou-lhe no braço e fê-la virar-se. — Consegues ver? *Ali.* — E apontou.

As névoas cederam à frente do navio, cortinas cinzentas esfarrapadas afastadas pela proa. A *Filha do Titã* abria caminho através das águas cinzentas esverdeadas, apoiada em asas enfunadas de cor púrpura. Arya ouvia os gritos das aves marinhas por cima da sua cabeça. Ali, no local para onde Denyo apontava, uma linha de cumeadas rochosas erguia-se, súbita, do mar, com vertentes íngremes cobertas de pinheiros marciais e abetos negros. Mas mesmo em frente o mar abria caminho, e aí, sobre as águas abertas, erguia-se o Titã, com os seus olhos em fogo e o seu longo cabelo verde soprado pelo vento.

As suas pernas erguiam-se sobre a abertura, com um pé plantado em cada montanha, e os ombros a subir bem acima dos cumes irregulares. As pernas tinham sido esculpidas na pedra sólida, o mesmo granito negro dos montes submarinos sobre os quais se erguia, embora usassem em volta das ancas uma saia couraçada de bronze esverdeado. A placa de peito era tam-

bém de bronze e a cabeça era um meio elmo com crista. O cabelo que o vento soprava era feito de cordas de cânhamo tingidas de verde, e enormes fogueiras ardiavam nas grutas que eram os seus olhos. Uma mão descansava no topo da cumeada da esquerda, com dedos de bronze enrolados em volta de uma protuberância de pedra; a outra projectava-se no ar, agarrando o cabo de uma espada quebrada.

É só um pouco maior do que a estátua do Rei Baelor em Porto Real, disse ela a si própria quando ainda se encontravam bem ao largo. Mas à medida que a galeota se aproximou do local onde as ondas rebentavam contra a cumeada, o Titã cresceu ainda mais. Arya ouvia o pai de Denyo a berrar ordens com a sua voz profunda, e, no cordame, os homens enrolavam as velas. *Vamos passar por baixo das pernas do Titã a remos.* Arya viu as seteiras abertas na grande placa de peito em bronze, e manchas e salpicos nos braços e ombros do Titã, nos locais onde as aves marinhas faziam os ninhos. O pescoço virou-se-lhe para cima. *Baelor, o Abençoado, não lhe chegaria ao joelho. Podia passar por cima das muralhas de Winterfell.*

Então o Titã soltou um poderoso rugido.

O som foi tão monstruoso como ele, um terrível trovejar e ranger, tão forte que até afogou a voz do capitão e o estrondo que as ondas faziam contra aquelas elevações vestidas de pinheiros. Um milhar de aves marinhas levantou voo ao mesmo tempo, e Arya encolheu-se até ver que Denyo estava a rir.

— Ele previne o Arsenal da nossa chegada, é tudo — gritou. — Não debes ter medo.

— Não *tive* — gritou Arya em resposta. — Foi do ruído, só isso.

O vento e as ondas tinham agora a *Filha do Titã* bem presa nas mãos, empurrando-a rapidamente para o canal. A dupla fileira de remos mergulhava ritmicamente, fustigando o mar com espuma branca enquanto a sombra do Titã caía sobre eles. Por um momento pareceu certo que se iriam esmagar contra as rochas sob as pernas dele. Aninhada à proa com Denyo, Arya sentia o sabor do sal onde a maresia lhe tocara o rosto. Tinha de olhar directamente para cima para ver a cabeça do Titã.

— Os bravosianos alimentam-no com a carne sumarenta e cor-de-rosa de rapariguinhas bem nascidas — ouviu de novo a Velha Nan a dizer, mas ela *não era* uma rapariguinha, e não iria deixar-se assustar por uma estúpida *estátua*.

Mesmo assim, manteve uma mão pousada na Agulha enquanto se esgueiravam por entre as pernas do Titã. Mais seteiras pontilhavam o interior daquelas grandes coxas de pedra, e quando Arya virou o pescoço para ver o cesto da gávea passar com uns bons dez metros de folga, vislumbrou

alçapões por baixo das saias couraçadas do Titã, e caras pálidas a fitá-los de detrás das barras de ferro.

E então estavam do lado de lá.

A sombra ergueu-se, as elevações cobertas de pinheiros afastaram-se de ambos os lados, os ventos reduziram-se, e acharam-se em movimento por uma grande lagoa. Em frente erguia-se outro monte submarino, uma protuberância de rocha que se projectava da água como um punho coberto de espigões, com ameias rochosas eriçadas de balistas, catapultas de fogo e trabucos.

— O Arsenal de Bravos — chamou-lhe Denyo, tão orgulhoso como se o tivesse construído. — Ali conseguem construir uma galé de guerra num dia. — Arya via dezenas de galés amarradas a cais e empoleiradas em rampas de lançamento. As proas pintadas de outras espreitavam de dentro de um sem-número de barracões de madeira erguidos ao longo das costas rochosas, como se fossem cães de caça num canil, esguias, más e famintas, à espera de serem chamados pelo corno de um caçador. Tentou contá-las, mas havia demasiadas, e viam-se mais docas, barracões e cais onde a linha de costa fazia uma curva e se afastava.

Duas galés tinham vindo ao seu encontro. Pareciam pairar sobre a água como libélulas, com os remos de cor clara a relampejar. Arya ouviu o capitão gritar-lhes e os capitães delas a gritar respostas, mas não compreendeu as palavras. Um grande corno soou. As galés puseram-se de ambos os lados do navio deles, tão próximas que conseguia ouvir o som abafado dos tambores a soar dentro dos seus cascos de cor púrpura, *bum bum bum bum bum bum bum bum*, como o bater de corações vivos.

Então as galés ficaram para trás, e o Arsenal também. Em frente estendeu-se uma vastidão de água cor de ervilha, encrespada como uma folha de vidro colorido. Do seu coração húmido ergueu-se a cidade propriamente dita, uma grande extensão de cúpulas, torres e pontes, cinzentas, douradas e vermelhas. *As cem ilhas de Bravos no mar.*

O Meistre Luwin falara-lhes de Bravos, mas Arya esquecera a maior parte do que ele dissera. Era uma cidade plana, isso via-o ela mesmo de longe, ao contrário de Porto Real, que se erguia nas suas três grandes colinas. As únicas colinas que ali havia eram aquelas que os homens tinham erguido com tijolo e granito, bronze e mármore. Havia algo mais em falta, embora Arya demorasse alguns momentos a compreender o que era. *A cidade não tem muralhas.* Mas quando disse isso a Denyo, ele riu-se dela.

— As nossas muralhas são feitas de madeira e pintadas de púrpura — disse-lhe. — As nossas muralhas são as nossas galés. Não precisamos de outras.

O convés rangeu sob os seus pés. Arya virou-se para descobrir o pai

de Denyo a erguer-se acima dela com o seu grande casaco de capitão feito de lã púrpura. O Capitão-Mercador Ternesio Terys não usava barba e mantinha o cabelo grisalho curto e bem tratado, enquadrando-lhe a cara quadrada e queimada pelo vento. Durante a travessia vira-o com frequência a trocar gracejos com a tripulação, mas quando franzia o sobrolho, os homens fugiam dele como quem foge de uma tempestade. Agora estava de cenho franzido.

— A nossa viagem está no fim — disse a Arya. — Vamos para o Porto Axadrezado, onde os oficiais da alfândega do Senhor do Mar virão a bordo inspeccionar os nossos porões. Levarão nisso meio dia, levam sempre, mas não é preciso que tu esperes que se despachem. Junta as tuas coisas. Vou baixar um bote, e Yorko vai pôr-te em terra.

Em terra. Arya mordeu o lábio. Atravessara o mar estreito para chegar ali, mas se o capitão tivesse perguntado, ter-lhe-ia dito que queria ficar a bordo da *Filha do Titã*. A Salgada era pequena demais para manejar um remo, agora sabia disso, mas podia aprender a costurar cabos e a rizar velas e a traçar um rumo através do grande mar salgado. Denyo levava-a uma vez até ao cesto da gávea, e não tivera medo nenhum, embora o convés parecesse uma coisinha minúscula lá em baixo. *E também sei fazer somas, e manter uma cabina arrumada.*

Mas a galeota não precisava de um segundo moço de cabina. Além do mais, bastava-lhe olhar para a cara do capitão para saber como ele estava ansioso por se ver livre dela. Portanto, Arya limitou-se a anuir.

— Em terra — disse, embora em terra quisesse dizer apenas estranhos.

— *Valar dohaeris.* — Levou dois dedos à testa. — Peço-te que te lembres de Ternesio Terys e do serviço que ele te prestou.

— Eu lembro — disse Arya em voz baixa. O vento puxava-lhe pelo manto, insistente como um fantasma. Era tempo de se ir embora.

Junta as tuas coisas, dissera o capitão, mas elas eram bastante poucas. Só as roupas que usava, a sua pequena bolsa de moedas, os presentes que a tripulação lhe dera, o punhal que trazia na anca esquerda e a Agulha que usava à direita.

O bote ficou pronto antes dela, e Yorko pôs-se aos remos. Era também filho do capitão, mas mais velho do que Denyo e menos amigável. *Não cheguei a despedir-me de Denyo,* pensou enquanto descia para se lhe juntar. Perguntou a si própria se alguma vez voltaria a ver o rapaz. *Devia ter-lhe dito adeus.*

A *Filha do Titã* minguou na esteira do bote, enquanto a cidade crescia a cada movimento dos remos de Yorko. Um porto estava visível à direita, um emaranhado de molhes e cais repleto de baleeiros de casco largo vindos de Ibben, navios cisne das Ilhas do Verão, e mais galés do que uma rapariga

conseguiria contar. Outro porto, mais distante, via-se à esquerda, para lá de uma ponta de terreno afundado, onde os topos de edifícios meio afogados se projectavam da água. Arya nunca vira tantos edifícios de grandes dimensões juntos num mesmo lugar. Porto Real tinha a Fortaleza Vermelha, o Grande Septo de Baelor e o Fosso dos Dragões, mas Bravos parecia fazer alarde de uma vintena de templos, torres e palácios de igual tamanho ou até maiores. *Voltarei a ser um rato*, pensou sombriamente, *tal como era em Harrenhal antes de fugir*.

De onde o Titã se encontrava, a cidade parecera construída numa grande ilha, mas à medida que Yoriko os levava para mais perto, Arya foi vendo que se erguera em muitas ilhas pequenas e muito próximas, ligadas por pontes arqueadas de pedra que transpunham um sem-número de canais. Para lá do porto, vislumbrou ruas de casas de pedra cinzenta, tão próximas umas das outras que se encostavam. Aos olhos de Arya tinham um aspecto estranho, com quatro e cinco andares de altura e muito estreitas, com telhados de telha pontiagudos que eram como chapéus bicudos. Não viu colmo, e viu apenas algumas casas de madeira, do tipo que conhecia de Westeros. *Eles não têm árvores*, compreendeu. *Bravos é toda em pedra, uma cidade cinzenta num mar verde*.

Yoriko virou para norte das docas e para o interior da desembocadura de um grande canal, uma larga estrada aquática e verde que corria a direito para o coração da cidade. Passaram sob os arcos de uma ponte recurva em pedra, decorada com meia centena de espécies de peixes, caranguejos e lulas. Uma segunda ponte surgiu em frente, esta esculpida com um rendilhado de vinhedos folhosos, e depois dessa uma terceira, que os fitava com um milhar de olhos pintados. As embocaduras de canais menores abriam-se de ambos os lados, e as de outros ainda menores abriam-se nesses. Arya viu que algumas das casas eram construídas por cima dos canais, transformando-os numa espécie de túnel. Barcos esguios deslizavam de um lado para o outro, talhados de modo a tomarem a forma de serpentes aquáticas com cabeças pontiagudas e caudas erguidas. Arya viu que esses barcos não se moviam a remos, mas sim à vara, por homens que se mantinham em pé nas suas popas, envoltos em mantos de cinzento, castanho e um profundo verde de musgo. Viu também enormes barcaças de fundo chato, carregadas com grandes pilhas de caixotes e barris e empurradas por vinte vareiros de cada lado, e elegantes casas flutuantes com lanternas de vidro colorido, cortinados de veludo e brônzeas figuras de proa. A uma grande distância, erguendo-se tanto sobre os canais como sobre as casas, via-se uma espécie de massiva estrada de pedra, suportada por três fiadas de poderosos arcos que marchavam para sul, para o interior da neblina.

— O que é aquilo? — perguntou Arya a Yoriko, apontando.

— O rio de água doce — disse-lhe ele. — Traz água doce do continente, através das planícies de maré e dos baixios salgados. Boa água doce para os fontanários.

Quando olhou para trás, o porto e a lagoa estavam fora de vista. Em frente, uma fileira de grandes estátuas erguia-se de ambos os lados do canal, homens solenes de pedra com longas vestes de bronze, salpicados com os excrementos de aves marinhas. Alguns seguravam em livros, outros em punhais, outros em martelos. Um tinha uma estrela dourada na mão erguida. Outro derramava um jarro de pedra, deitando ao canal um infundável jorro de água.

— São deuses? — perguntou Arya.

— Senhores do Mar — disse Yorko. — A Ilha dos Deuses é mais à frente. Vês? Depois de seis pontes, na margem direita. Aquele é o Templo dos Cantores da Lua.

Era um daqueles edifícios que Arya vislumbrara da lagoa, uma massa grandiosa de mármore branco como a neve, encimada por uma enorme cúpula prateada, cujas janelas de vidro leitoso mostravam todas as fases da lua. Um par de donzelas de mármore flanqueava os seus portões, tão altas como os Senhores do Mar, suportando um lintel em forma de crescente.

Depois erguia-se outro templo, um edifício de pedra vermelha, tão severo como qualquer fortaleza. No topo da sua grande torre quadrada ardia uma fogueira num braseiro de ferro com seis metros de largura, enquanto fogueiras mais pequenas flanqueavam as suas portas de bronze.

— Os sacerdotes vermelhos adoram as suas fogueiras — disse-lhe Yorko. — O seu deus é o Senhor da Luz, o rubro R'hllor.

Eu sei. Arya lembrou-se de Thoros de Myr com os seus bocados de armadura velha, usada sobre vestes tão desbotadas que parecera mais um sacerdote cor-de-rosa do que vermelho. Mas o seu beijo trouxera o Lorde Beric de regresso à vida. Observou a casa do deus vermelho enquanto por ela passava, perguntando a si própria se aqueles sacerdotes bravosianos de R'hllor seriam capazes de fazer a mesma coisa.

A seguir surgiu uma enorme estrutura de tijolo engrinaldada de líquenes. Arya poderia tê-la tomado por um armazém, se Yorko não tivesse dito:

— Aquele é o Refúgio Sagrado, onde honramos os deuses menores que o mundo esqueceu. Também hás-de ouvir chamar-lhe Coelheira. — Um pequeno canal corria entre as altas paredes cobertas de líquenes da Coelheira, e foi aí que ele virou o barco para a direita. Passaram por um túnel e voltaram a sair para a luz do dia. Mais templos se erguiam de ambos os lados.

— Não sabia que existiam tantos deuses — disse Arya.

Yorko soltou um grunhido. Fizeram uma curva e passaram por baixo de outra ponte. À esquerda surgiu um pequeno monte rochoso com um templo sem janelas de pedra cinzenta escura no topo. Um lanço de escadas de pedra levava das suas portas a uma doca coberta.

Yorko inverteu o sentido da remada, e o bote colidiu suavemente com estacas de pedra. Agarrou numa argola de ferro destinada a segurá-los por um momento.

— É aqui que te deixo.

A doca estava ensombrada, os degraus eram íngremes. O telhado de telhas negras do templo fazia um bico aguçado, como os das casas ao longo dos canais. Arya mordeu o lábio. *Syrio veio de Bravos. Pode ter visitado este templo. Pode ter subido estes degraus.* Agarrou numa argola e içou-se para a doca.

— Sabes o meu nome — disse Yorko de dentro do barco.

— Yorko Terys.

— *Valar dohaeris.* — Empurrou o cais com o remo e flutuou para águas mais profundas. Arya ficou a vê-lo remar de volta para onde tinham vindo, até que o barco desapareceu nas sombras da ponte. Quando o marulhar dos remos se esvaiu, quase conseguiu ouvir o bater do seu coração. De súbito, estava noutra lugar... de volta a Harrenhal com Gendry, talvez, ou com o Cão de Caça nas florestas ao longo do Tridente. *A Salgada é uma criança estúpida,* disse a si própria. *Sou uma loba, e não vou ter medo.* Afiou o cabo da Agulha para lhe dar sorte e mergulhou nas sombras, subindo os degraus aos dois de cada vez para que ninguém pudesse alguma vez dizer que tinha medo.

No topo encontrou um conjunto de portas esculpidas em madeira com três metros e meio de altura. A porta da esquerda era feita de represeiro branco como osso, a da direita de reluzente ébano. No centro encontrava-se esculpido um rosto de lua; ébano do lado do represeiro, represeiro no do ébano. O aspecto das portas fez-lhe lembrar, sem saber porquê, a árvore coração no bosque sagrado de Winterfell. *As portas estão a observar-me,* pensou. Empurrou ambas as portas ao mesmo tempo com o lado das mãos enluvadas, mas nenhuma quis mover-se. *Trancadas.*

— Deixai-me entrar, suas estúpidas — disse. — Atravessei o mar estreito. — Fez um punho e bateu. — Jaqen disse-me para vir. Tenho a moeda de ferro. — Tirou-a da bolsa e exibiu-a. — Vedes? *Valar morghulis.*

As portas não responderam, excepto abrindo-se.

Abriam-se para dentro, num silêncio total, sem mão humana que as movesse. Arya deu um passo em frente, e depois outro. As portas fecharam-se atrás dela, e por um momento ficou cega. Tinha a Agulha na mão, embora não se recordasse de a ter desembainhado.

Algumas velas ardiam ao longo das paredes, mas davam tão pouca luz que Arya não conseguia ver os próprios pés. Alguém estava a sussurrar, baixo demais para que distinguisse palavras. Outra pessoa chorava. Ouvia passos leves, couro a deslizar sobre pedra, uma porta a abrir e a fechar. *Água, também ouço água.*

Lentamente, os olhos ajustaram-se-lhe. O templo parecia muito maior por dentro do que parecera de fora. Os septos de Westeros tinham sete lados, com sete altares para os sete deuses, mas ali havia mais deuses do que sete. Estátuas deles erguiam-se ao longo das paredes, maciças e ameaçadoras. Em volta dos seus pés, velas vermelhas tremeluziam, tênues como estrelas distantes. O mais próximo era uma mulher de mármore com seis metros e meio de altura. Lágrimas verdadeiras escorriam-lhe dos olhos e iam encher a bacia que embalava nos braços. Atrás dela estava um homem com cabeça de leão sentado num trono, esculpido em ébano. Do outro lado das portas, um enorme cavalo de bronze e ferro empinava-se em duas grandes patas. Mais adiante conseguia distinguir uma grande cara de pedra, um bebé de cor clara com uma espada, uma hirsuta cabra preta do tamanho de um auroque, um homem encapuzado apoiado num bordão. O resto era para ela apenas grandes silhuetas, entrevistas na escuridão. Entre os deuses havia alcovas escondidas, carregadas de sombras, aqui e ali com uma vela a arder.

Silenciosa como uma sombra, Arya avançou por entre filas de longos bancos de pedra, de espada na mão. Os pés disseram-lhe que o chão era feito de pedra; não de mármore polido como o chão do Grande Septo de Baelor, mas algo mais áspero. Passou por umas mulheres que sussurravam juntas. O ar estava quente e pesado, tão pesado que bocejou. Sentiu o cheiro das velas. O odor não era familiar, e atribuiu-o a algum tipo estranho de incenso, mas à medida que penetrava mais profundamente no templo, elas pareceram cheirar a neve, a agulhas de pinheiro e a estufado quente. *Bons cheiros*, disse Arya a si própria, e sentiu-se um pouco mais corajosa. Suficientemente corajosa para voltar a embainhar a Agulha.

No centro do templo encontrou a água que ouvira; um tanque com três metros de largura, negro como tinta e iluminado por fracas velas vermelhas. Ao lado encontrava-se sentado um homem jovem com um manto prateado, chorando baixinho. Viu-o mergulhar uma mão na água, fazendo correr ondinhas pelo tanque fora. Quando tirou os dedos da água chupou-os, um por um. Deve ter sede. Havia taças de pedra ao longo da borda do tanque. Arya encheu uma e levou-lha para ele beber. O jovem fitou-a por um longo momento quando lhe ofereceu a água.

— *Valar morghulis* — disse.

— *Valar dohaeris* — respondeu ela.

Ele bebeu até ao fim e deixou cair a taça no tanque com um *plop* suave. Então pôs-se em pé, cambaleando, segurando a barriga. Por um momento, Arya pensou que o homem ia cair. Foi só então que viu a mancha escura sob o seu cinto, que se espalhava perante os seus olhos.

— Foste apunhalado — exclamou, mas o homem não lhe ligou. Arastou-se na direcção da parede com um andar instável, e enfiou-se numa alcova, estendendo-se numa dura cama de pedra. Quando Arya olhou em volta, viu outras alcovas. Em algumas havia velhos a dormir.

Não, pareceu-lhe ouvir uma voz meio lembrada a sussurrar na sua cabeça. Estão mortos, ou a morrer. Olha com os olhos.

Uma mão tocou-lhe no braço.

Arya rodopiou para longe, mas era só uma rapariguinha: uma rapariguinha pálida envergando uma veste encapuzada que a parecia engolir, negra do lado direito e branca do esquerdo. Sob o capuz estava uma cara lúgubre e ossuda, um rosto chupado, e olhos escuros que pareciam grandes como pires.

— Não me agarres — disse Arya à criança abandonada, num aviso. — Matei o último rapaz que me agarrou.

A rapariga disse algumas palavras que Arya não reconheceu.

Abanou a cabeça.

— Não falas o idioma comum?

Uma voz atrás dela disse:

— Eu falo.

Arya não gostava da maneira como não paravam de a surpreender. O homem encapuzado era alto, envolto numa versão maior da veste preta e branca que a rapariga usava. Sob o capuz, tudo o que ela conseguia ver era a ténue cintilação vermelha da luz das velas que se lhe reflectia nos olhos.

— Que lugar é este? — perguntou-lhe.

— Um lugar de paz. — A voz do homem era gentil. — Aqui estás em segurança. Esta é a Casa do Preto e Branco, filha. Embora sejas nova para procurar o favor do Deus de Muitas Caras.

— É como o deus do sul, aquele com sete rostos?

— Sete? Não. As caras dele são incontáveis, pequena, tantas como as estrelas que há no céu. Em Bravos, os homens rezam como entenderem... mas no fim de todos os caminhos está O das Muitas Caras, à espera. Ele estará lá para ti um dia, não temas. Não precisas de correr para os seus braços.

— Só vim à procura de Jaqen H'ghar.

— Não conheço esse nome.

O coração de Arya afundou-se.

— Ele era de Lorath. O cabelo era branco de um lado e vermelho do outro. Disse que me ensinaria segredos, e deu-me isto. — Tinha a moeda

de ferro apertada no punho. Quando abriu os dedos ficou colada à palma suada da sua mão.

O sacerdote estudou a moeda, embora não tenha feito nenhum movimento para lhe tocar. A criança abandonada dos olhos grandes também estava a olhá-la. Por fim, o homem encapuzado disse:

— Diz-me o teu nome, filha.

— Salgada. Venho de Salinas, junto ao Tridente.

Embora não conseguisse ver-lhe o rosto, de algum modo sentiu-o sorrir.

— Não — disse o homem. — Diz-me o teu nome.

— Pombinha — respondeu daquela vez.

— O teu nome verdadeiro, filha.

— A minha mãe chamou-me Nan, mas chamavam-me Doninha. . .

— O teu nome.

Arya engoliu em seco.

— Arry. Sou Arry.

— Está mais perto. E agora a verdade?

O medo golpeia mais profundamente que as espadas, disse a si própria.

— Arya. — Da primeira vez murmurou a palavra. Da segunda atirou-lha. — Sou Arya, da Casa Stark.

— Pois és — disse ele — mas a Casa do Preto e Branco não é sítio para Arya da Casa Stark.

— Por favor — disse ela. — Não tenho lugar para onde ir.

— Temes a morte?

Arya mordeu o lábio.

— Não.

— Vejamos. — O sacerdote baixou o capuz. Por baixo não tinha rosto; só uma caveira amarelecida com uns restos de pele ainda agarrados às bochechas, e um verme branco a contorcer-se numa órbita vazia. — Beija-me, filha — crocitou, numa voz tão seca e enrouquecida como o matraquear da morte.

Será que ele quer assustar-me? Arya beijou-o no sítio onde o nariz deveria estar e tirou-lhe o verme do olho tencionando comê-lo, mas ele derreteu-se como uma sombra na sua mão.

A caveira amarela também estava a derreter-se, e o velho mais amável que já vira sorria-lhe.

— Nunca ninguém tinha tentado comer o meu verme — disse. — Tens fome, filha?

Sim, pensou ela, *mas não de comida*.